Serie 5.ª BRASILIANA Vol. 39
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

E. Roquette-Pinto

Rondonia

4.ª edição

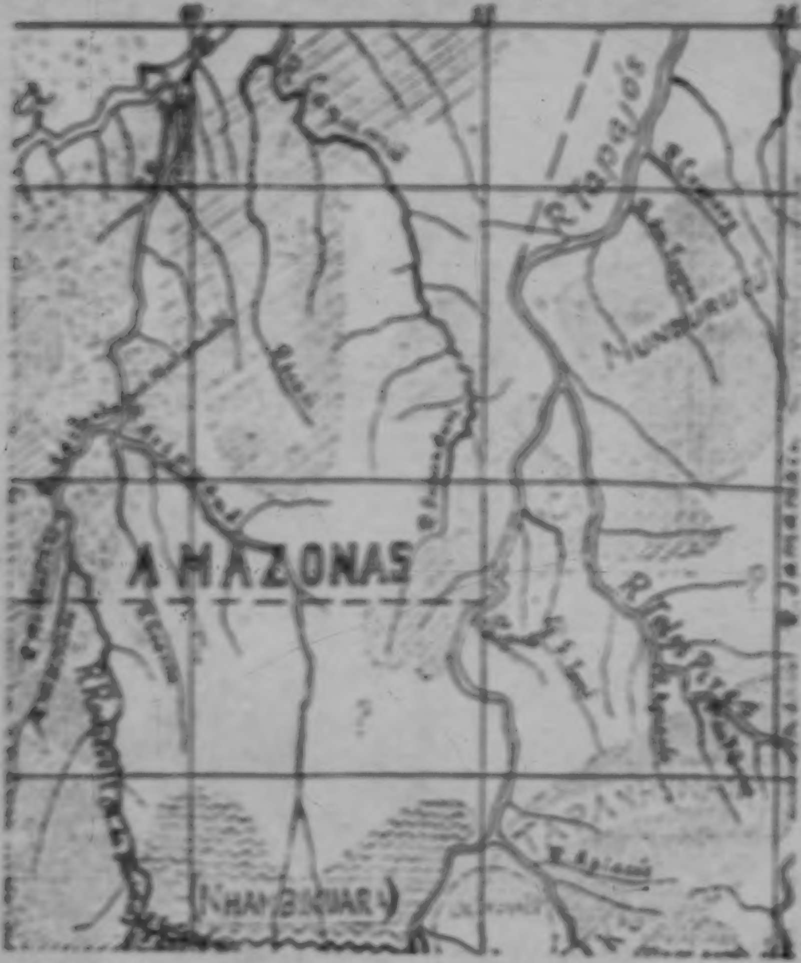
Companhia Editora Nacional
S. Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre
1938

[Title page]

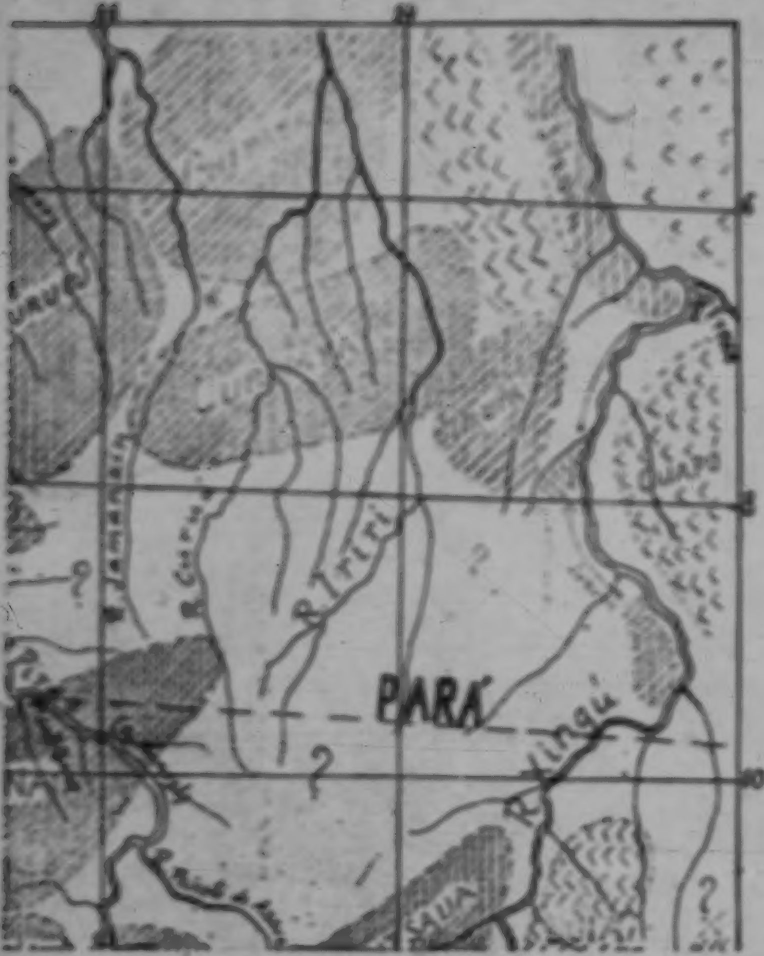
CARTA ETHNOGRAPHICA DA RONDONIA
S. Antonio

[Facing p. 18: A]

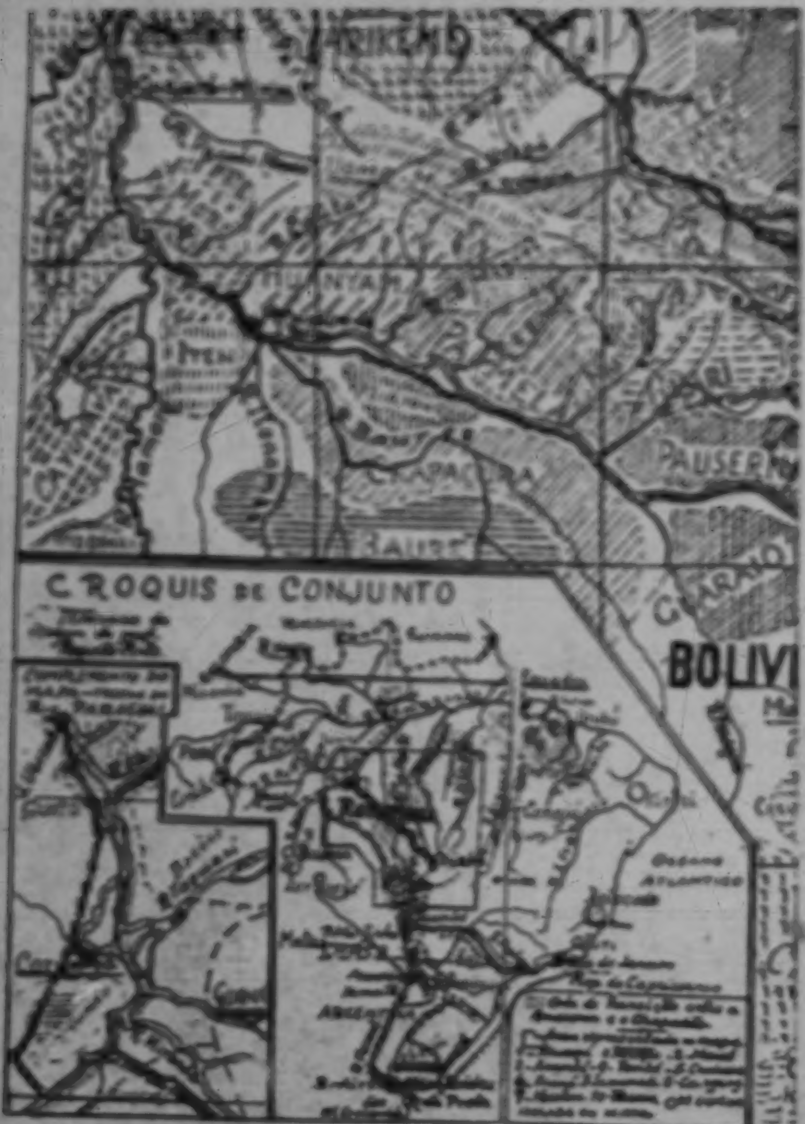
[pg 1-18 not processed]


AMAZONAS
R. Tapajós
R. Telles Pires
NHAMBIQUARA
Nhambiquara
R. Apiacá

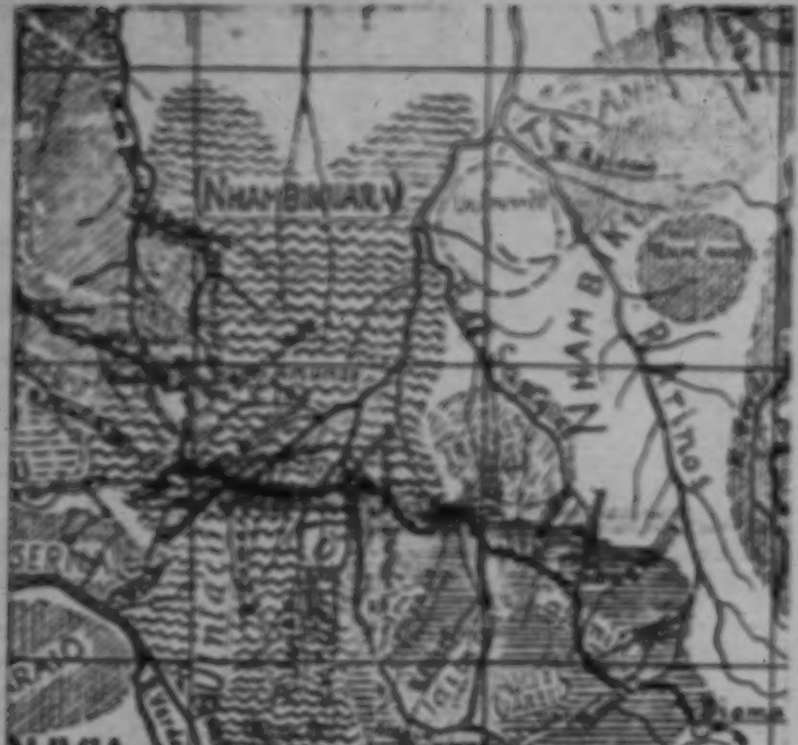
[Facing p. 18: B]


PARÁ
R. Xingu
?
?
?
?

[Facing p. 18: C]


ARIKEME
PAUSERN
BOLIVI
CROQUIS DE CONJUNTO
Oceano Atlantico

Escala: 1:4.500.000 [Facing p. 18: D]


NHAMBIQUARA
NHAMBIQUARA
BOLIVIA
CHIQUITO
Bororo
Paraguay

[Facing p. 18: E]

Diamantino
R. Manso
Cuiabá
R. das Mortes
BORORO
Orarimogo
R. Itiquira
R. Araguaia
GOIAZ
12
14
16

[Facing p. 18: F]

VIII

INFELIZMENTE, em 1912, os Nambikuáras ainda não se achavam bastante acostumados com a presença de estranhos naquelas serranias. Apesar de sua condescendencia, á custa de brindes conseguida, minhas pesquisas foram recebidas com justificavel desconfiança.

Os indios examinados pertenciam aos grupos: *Kokozú, Anunzé, Tagnaní, e Tauitê*, Dos *Uaintaçú*, grupo ainda hostil, só consegui uma observação, essa mesmo incompleta. O estado de excitação em que o indio se encontrou, durante o tempo em que o examinei, não permitiu melhor resultado.

•

A *pele* é de côr amarelo-sienâ queimada, escura nos *Kokozú*, clara nos outros. Nos *Tagnanís* o colorido, em certos individuos, chega ao róseo. Muitos tipos quasi pretos, são encontrados entre os do Juruena e do Juína; são os indios mais escuros do Brasil. Na tabela dermocromica (Roquette-Childe), usada no Museu Nacional do Rio de Janeiro (N.° 223), o colorido desses indios varia entre os ns. 6-10.

Epiderme grossa, enrugada.

•

Os *pêlos* são rectilineos, duros (lissotricos). Em certos individuos ha cabelos largamente ondulados, (*waved* dos antropologos ingleses), semelhantes aos dos Polinesios. Os indios, em geral, arrancam os pêlos do corpo e da face e cortam os cabelos, na fronte, com uma concha de lamelibranquio.

[P. 175]

[pp. 18-174 not processed]

Raros indivíduos deixam fios de bigode; alguns consentem na presença da barba do mento.

•

Quasi todos deixam crescer livremente as unhas; á hora da comida são utensilios valiosos para dilacerar as carnes.

As plantas dos pés nunca se espessam em calosidades extensas como nos indivíduos de raça negra, que andam descalços.

Os pés são relativamente grandes. Pernas finas e musculosas. Abdomen saliente. Mãos pequenas; membros toracicos encordoados, pouco volumosos.

As mensurações que pudemos obter nos tipos masculinos, adultos, normais, constam dos quadros anexos.

O quadro —C— contém os dados fornecidos pela pelvimetria, praticada em algumas mulheres.

Os diametros da bacia, como se vê, são pequenos; trata-se daquele tipo que os obstetras denominam bacia *gracil*, si não fôr modalidade normal da chamada *equabiliter justo minor*, que, a titulo aberrante, aparece em nossos serviços clinicos.

A estatura das mulheres, portadoras de pelvis assim reduzido, é bem pequena: as nambikuáras médem 1,47 m. de altura, contra 1,62 m. que têm os homens.

Sendo admitido em geral, que a estatura feminina é sempre menor que a masculina, cerca de 7 %, a altura das nambikuáras deveria andar por 1,51 m.

Grosso modo, póde dizer-se que a estatura feminina tem menos de 12 centimetros que a do outro sexo. No quadro —C— encontramos, todavia, alguns tipos que excedem essa relação.

•

O exame das proporções do corpo, realizado em alguns tipos que representavam o conjunto dos caracteres somaticos mais nitidos da mulher nambikuára

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara

Indio Nambikuára.

[illegible] — Indio do Juina.

Indio da Serra do Norte.

Indio Nambikuára.

[Facing p. 176]

revelou fatos interessantes, cujo conhecimento é indispensavel para o trabalho de comparação antropologica.

A *altura da cabeça* contém-se pouco mais de seis vezes na altura total do corpo (6 ½).

O *segmento cerebral do rosto* e o *segmento respiratorio* são iguais; o *digestivo* é maior que os precedentes.

A distancia entre os olhos (diametro bi-palpebral interno) é maior que a fenda palpebral; assim os olhos acham-se muito afastados um do outro, pela espessura da *raiz nasal*.

O *tronco* é quadrangular, sem depressão lombar, nem vislumbre de esteatopigia. Os *seios*, nas moças puberes, são pequenos, em fórma de taça, pela classificação Ploss-Bartels. Nas mulheres mães, são grandes, de aureola dirigida para fóra, mamilo levantado, nem sempre muito afastados um do outro.

O *espaço intermamario*, em algumas das mulheres mães tem o valor da metade do diametro de uma das mamas.

O *meio do corpo* acha-se acima da sinfise pubiana.

Mede a *distancia jugo-xifoidiana* — (da furcula esternal ao apendice xifoide) — metade da distancia *xifo-pubiana*; sendo, assim, a altura do abdomen igual ao dobro da altura do torax. Por sua vêz, a distancia *xifo-umbilical* é igual ao dobro da linha *umbilico-pubiana*. Do que se conclue que a mulher nambikuára tem o umbigo mais proximo do pubis.

Pinard já tinha notado a importancia pratica do conhecimento dessas relações, na simiologia da prenhez. Mostrou quanto andaria errado quem fosse aplicar, a todas as raças, elementos de pesquisas que só para umas tantas podem servir.

Vi algumas nambikuáras gravidas. A prenhez evoluia já adiantada, mas não consentiram num exame sério; nada posso, destarte, dizer a respeito.

Vem, todavia, a proposito referir que nenhuma e lanhada pelos sulcos intra-dermicos, devidos á distensão forçada do abdomen, frequentes na mulher branca (vergões *da gravidez*).

Aliás, a pele não tem sempre o mesmo coeficiente de extensibilidade.

A dos indios é favorecida por condições especiais mal conhecidas. Martius figurou no seu *Atlas* um indio Miranha cujas narinas, perfuradas, atingiam insolita extensão; o individuo conseguia passá-los ao redôr do pavilhão da orelha do lado respectivo.

O labio dos botocudos é outro exemplo disso.

•

No tipo masculino, os tres segmentos principais da cabeça seguem a mesma norma.

O segmento digestivo é maior que os outros dois. Tambem a altura do torax é igual á metade da altura abdominal.

As mesmas relações encontradas entre torax e abdomen e entre as partes deste ultimo, no tipo feminino, acham-se nos homens.

•

Por essas relações toraco-abdominais, e pela altura do umbigo sobre o pubis, póde dizer-se que o homem nambikuára tem tronco de mulher; e, levando mais longe a consideração dessas interessantes disposições reciprocas, ainda não seria errado afirmar que, no adulto, nessa gente, permanecem caracteres morfologicos proprios á infancia: altura do umbigo, por exemplo.

•

Um carater diferencial dos sexos é a situação do meio do corpo: nos homens ele se encontra na borda inferior da sinfise pubiana.

E' que as mulheres têm membros inferiores mais longos; e os homens, o tronco mais comprido; elas são, então *macroskéles*, e eles *brachyskeles*. Notemos que observações de Ales Hrdlicka, entre adolescentes, na America do Norte, encontraram fenomeno inverso nas populações brancas.

•

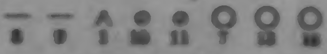
No tipo masculino, a cabeça cabe sete e meia vezes na altura; obedece ao cânon dos gregos, o que é realmente interessante. A distancia interocular é maior que o comprimento da fenda ocular; a altura total da face é pouco maior que o comprimento da mão. A mão tem cerca de 1/10 da altura total do corpo; o pé corresponde a 1/8 daquela altura. Braço e antebraço têm comprimentos equivalentes; são sensivelmente iguais. O *olho mongol*, de Metchnikoff, é raro.

•

Nos indios da Serra do Norte não se vê a queda precoce dos incisivos, tal qual é encontrada nos Parecis.

A norma da erupção dos dentes, pelo que andei observando em alguns rapazes e meninos, não é a mesma que se costuma deparar na raça branca; porque as idades, em que a segunda dentadura se completa, me pareceram outras.

Nos tipos brancos, pelo comum, as arcadas se guarnecem conforme o esquema:



Aos sete anos rompe o primeiro molar; aos oito, os incisivos medianos e aos nove os laterais. Aos 10, o primeiro premolar; aos 11, o segundo. Os caninos, aos 12. O segundo molar, aos 13. O *dente do sizo*, que é o terceiro molar, aparece aos 18, mofino e sem prestimo, quando não se deixa ficar metido no alveolo durante toda a vida.

Os fatos mais interessantes relativos á dentição daqueles indios são precisamente os que se relacionam com *os dentes de sizo*; porque, mais de uma vez, verifiquei a presença deles em rapazes que não tinham, seguramente, atingido os 18 anos.

A dentição completa-se, naquela gente, ao que me pareceu, muito mais cedo.

Os molares, que o povo chama *dentes do sizo*, e tendem a desaparecer na raça branca, nos indios, não são dentes de enfeite. Têm função e tamanho de considerar.

Acredito que o excesso de trabalho, imposto ao aparelho da digestão, tenha seu rebate nessas caracteristicas dentarias.

Os grandes molares aparecem mais cedo porque são solicitados por mastigação frequente e forte.

Comem sempre, de tudo, sem regra nem medida. Não sei de animal que não devorem. Regeitam, apenas, o tubo intestinal da caça abatida.

Os do Juruena comem mais carne que os outros; os de *José Bonifacio* alimentam-se mais de mandioca e milho. Sua pneumatóse intestinal fá-los companheiros desagradaveis. Todos têm lingua saburrosa e muitos as gengivas arregaçadas pela piorréa alveolar. Os dentes, ao contrario do que se verifica frequentemente nos cranios dos sambaquis, não sofrem o processo de usura que Lund, em 1842, descreveu no homem de Lagôa Santa; padecem da carie que lhes não poupa as corôas.

•

Uma dermatose especial grassa entre os indios da Serra do Norte (137).

---

(137) Cf E. Roquette-Pinto — Conferências na Biblioteca Nacional — 15 de março de 1913, e na Sociedade Brasileira de Dermatologia (Policlina Geral do Rio de Janeiro) 11 de junho de 1915.

Em verdade, alguns oficiais da Comissão Rondon, haviam notado as placas caracteristicas da doença. Mas, talvez porque não tivessem sido encontrados casos tipicos, como esses que me cairam sob as vistas, as manchas passavam por simples descamações epidermicas traumaticas, oriundas do atrito do corpo na terra, pois que os indios da Serra do Norte dormem sobre o sólo.

Examinando os individuos, cujas fotografias aqui se encontram, verifiquei, porém, a existencia de verdadeira dermatose, imitando diversas das que se acham indicadas entre os nossos aborigenes.

*

A doença aparece em toda idade; foi encontrada em crianças de peito e em velhos. Ataca igualmente ambos os sexos.

Parece ser mais frequente nos indios dos rios Juruena e Juina. Os Parecis, proximos vizinhos deles, não conhecem o mal; e não me consta que já se tenha verificado qualquer caso no pessoal da linha telegrafica.

Nenhuma região do corpo é poupada, a não ser o couro cabeludo. As unhas são respeitadas, e a face não é séde predileta das lesões.

A doença não é rara; em muitos indios é facil reconhecer traços de sua existencia. No entanto, creio que evolue com intensidade mui variavel, porque só em oito individuos, dentre cerca de 400, pude verificar suas manifestações bem definidas.

A dermatose aparece sob tres aspectos clinicos sucessivos, e um mesmo individuo póde apresentar lesões cutaneas em diferentes estádios. Em algumas placas notam-se fórmas de transição.

No seu primeiro periodo essa doença fórma vesiculas mui pequenas, cheias de liquido seroso, dispostas linearmente, em figuras circulares, concentricas. A pele, nos intervalos, é aparentemente sã; as vesiculas

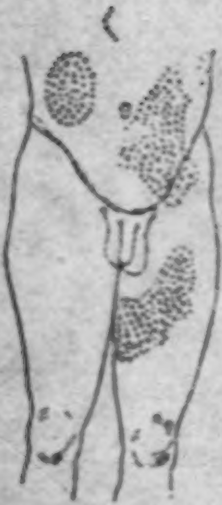


Fig. 14 — *Báanécê-dátá* — Primeira fase da dermatose dos Indios da Serra do Norte. (Esquema).

não se rodeiam de zona inflamatoria visivel. Não ha calor, nem rubor.

Depois, as vesiculas crescem ligeiramente e secam, dando lugar á formação de crostas escamosas que seguem os contornos dos desenhos primitivos. Todavia, a fórma das figuras circulares já se não mantém regular; as primeiras lesões foram confluindo em muitos pontos através dos espaços de pele sã. Formam-se, então, verdadeiras *placas de descamação,* manifestações caracteristicas da segunda fase da doença.

Pelo mesmo processo surge o terceiro aspecto. As placas se desenvolvem lado a lado; ao pé de uma, outra cresce. Acabam juntando-se; a descamação epidermica é, então, continua. Porém, as escamas crescem bastante, quando a fase final da doença atinge seu apogeu.

O doente torna-se repulsivo.

Uma india tinha infinidade de escamas arrepiadas pelo corpo inteira, como si fossem tiras de papel de seda escuro, coladas ao tegumento por uma das extremidades.

Essas escamas papiraceas não se deixavam arrancar com facilidade; o atrito da mão não as destacava, conforme verifiquei quando a mulher se coçava. O prurido, nesse periodo, creio, é muito menor; pareceu-me mais acentuado nos primeiros.

Não posso precisar o tempo em que a doença completa sua evolução. A dermatose passa em alguns dias do primeiro ao segundo periodo; este, porém, me pareceu demorado.

Em algumas placas nota-se a formação incipiente das *escamas* papiraceas. No entanto, como apenas tive oportunidade de ver uma mulher e uma rapariga, sua filha, com todo o corpo tomado pelas lesões da ultima fase, acredito que a doença nem sempre chega a esse termo; fica estacionaria no segundo periodo, ou involue.

Distingo, assim, nessa dermatose, provisoriamente, tres aspectos:

a) fórma vesiculosa;
b) fórma placoide;
c) fórma escamosa.

Acredito que elas correspondam a periodos evolutivos da mesma doença, e não a doenças diferentes, porque achei, em alguns enfermos, fórmas intermediarias.

Aliás, eles indicavam, por sinais, mas de maneira mui clara, que a derradeira manifestação principiava pela fórma vesiculosa, unica encontrada em crianças de peito.

*

Os indios passam saliva sobre as placas; não sabemos ainda si empregam contra a molestia alguma erva. E' provavel que o façam, visto que em suas aldeias se tem encontrado verdadeiros ervarios.

Quanto á influencia que, porventura, possa ter sobre a doença o costume, peculiar aos selvagens, de se pintarem com certa pasta gordurosa feita com o suco das sementes do urucú, é tambem questão a resolver (138)

*

---

(138) Alvaro Osorio de Almeida (in "Bol. Museu Nac., 1931 — vol. VII n.° 1) estuda o comportamento da pele untada com urucú, em relação aos raios actinicos da luz e ao calor solar.

As experiencias a que procedeu levaram-no ás seguintes conclusões:

"Untados de urucú se acham os indios tão bem protegidos contra a acção actinica do sol como se estivessem vestidos com vestidos espessos, qual usam as tribus do Sahara. Entretanto por se acharem nús, o ar circula livremente em torno do corpo, roubando calor pelo seu contacto e accelerando a evaporação do suor.

"Si se expõe ao sol, é propriedade do urucú acima verificada, não absorver senão muito moderadamente o calor solar, reflectindo os raios

O aspecto e a evolução da doença nos induzem a acreditar que se trata de uma dermatomicose; é provavel que o cogumelo patogenico tenha o seu *habitat* no sólo. E assim se explica porque os funcionarios da linha que ha anos convivem com os Nambikuáras, ainda não contraíram o mal; o que tambem se observa com os Parecís, atualmente relacionados com aqueles doentes. Uns e outros, ao contrario dos Nambikuáras, fazem uso da rêde; nunca dormem no chão.

O exame microscopico das escamas, até agora, não foi feito; é falta de que não tenho responsabilidade. Em 1912 os indios não permitiram que se colhesse material. Viviam ainda desconfiados.

O nome indigena que os enfermos da Serra do Norte dão á sua doença é: *Báanêcêdútú.*

Acredito que o vocabulo exprima, precisamente, a fórma curvilinea das lesões, visto como *Báanêndútú* é a designação generica das conchas dos gastropodes, que são enroladas em espiral.

*

Tudo isto basta para demonstrar que se trata de manifestação morbida ainda não descrita nos selvagens do Brasil.

Das dermatoses peculiares aos nossos indios, algumas não se parecem, absolutamente, com o *báanêcêdútú* da Serra do Norte.

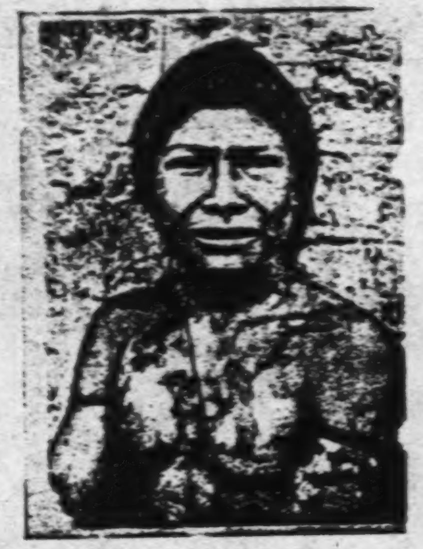
Podem ser, desde já, afastados: o *pian,* a *curub,* a *pinhã,* a *munga,* as *pereb,* as *xerodermias* (ictioses), as *leishmanioses,* etc.

---

vermelhos e tambem os raios calorificos: dahi não exigir o homem branco ou pouco pigmentado, untado de urucú, um excesso de sudação, como se dá com o negro nessas circumstancias.

"Sendo dadas essas propriedades do urucú, que as nossas experiencias mostram, e considerando-se generalidade de seu uso entre os indios tropicaes da America, pensamos que se deve considerar o seu emprego, não como simples adorno, como meio efficaz de protecção contra a luz e o calor tropical".

India da Serra do Norte.



Dermatose dos Indios da Serra do Norte.

(Cliché sem retoques).

Indio Nambikuára.

Nambikuára Tauitê.

[Facing p. 184]

Pereb é nome tupí das ulceras cutaneas banais, estafilococicas, etc.

A *pinhã* foi encontrada entre alguns indios do Amazonas por von Martius. Deve ser uma fórmula de furunculose; Martius a considerava uma especie de *antraz*.

O *pian* é hoje bem conhecido; já em 1558 fôra admiravelmente caracterizado por Thevet e, em 1578, por Jean de Lery. Em 1613 o sabio padre Yves d'Evreux apontara magistralmente suas semelhanças com o "mal de Napoles". Os indios da Serra do Norte nada apresentam de parecido.

Devo tambem dizer que aquela gente não conhece a lepra, nem as ulceras leishmaniosicas, que não poupam o pessoal da linha telegrafica.

Não vi um só atacado das *feridas bravas*, enquanto que a enfermaria de S. Luiz de Cáceres regorgitava de enfermos, vindos do acampamento.

*

Tambem com a dermatose dos indios *antisianos* (Mocetenes, Tacanas, Yurucarés), habitantes das vertentes orientais dos Andes (Perú e Bolivia), a doença dos Nambikuáras não tem semelhança.

Os *hombres overos*, designação que os espanhóis deram áqueles indios, têm largas manchas irregulares, esbranquiçadas, de contornos pouco nitidos, localizadas principalmente nas saliencias articulares.

D'Orbigny afirma que tais manchas nunca se apresentam com aspecto farinaceo; que poupam as crianças, e que a epiderme dos doentes se mantem inteiramente lisa.

A molestia dos "overos" nada mais é, afinal, que a *vaurána* dos nossos indios do grupo tupí, e vem a ser a mesma coisa que o *mal dos Caratés*, da Colombia, *mal das pintas* (ou dos pintos), *Lota*, da America Central, ou *Purúpurú*, da Amazonia.

*

Spix e Martius, no começo do seculo passado, e, depois deles, outros naturalistas, encontraram o mal espalhado pelo grande vale. Muitos cronistas dele se ocuparam e, entre todos, Baena foi minucioso.

"Purú-purús, escreveram aqueles, é o nome dado pelos brasileiros aos indios que se chamam propriamente *Pamaouiris*, habitantes do rio Purús".

Descreveram a molestia dos *Pamaouiris* ou, como hoje se diz, *Paúmaris*, dando-lhe para caracteristica essencial a presença de manchas cutaneas irregulares, isoladas ou confluentes, enegrecidas, um tanto asperas ao tato.

Martius acreditava que algumas manchas brancas, ás vezes, encontradas entre as escuras, representavam o primeiro estádio da doença.

Parecia-lhe hereditario o *purú-purú*, embora suas manifestações cutaneas só principiassem a partir da puberdade. Os indios com que Martius tratou atribuiam esse flagelo *ao mau estado do seu sangue;* e o naturalista acreditava que a *vida anfibia* daquela gente, sua alimentação e alguns dos seus costumes influiam muito para o aparecimento do *purú-purú*.

*

Depois, naturalmente pela disseminação da doença seu nome ficou servindo para designar todas as tribus da região Purús-Juruá: *Paumari, Juberi, Aruá,* etc.

Ehrenreich, ha cerca de 20 anos, poude verificar certos detalhes curiosos na evolução do *purú-purú*. Confirmou que só a partir da puberdade a doença toma incremento; encontrou alguns indios com pés e mãos inteiramente brancos, como si se tratasse de um *albinismo parcial*, ou de uma especie de *vitiligo*.

Segundo Ehrenreich, no primeiro periodo da molestia, as manchas têm côr azul-acinzentada. A' medida que se vão descorando nas bordas, escurecem no centro.

Pessoalmente ele nunca observou a descamação da epiderme da zona doente. Todavia, transcreve informação vulgar segundo a qual os Paumarís misturam, subrepticiamente, as escamas de sua pele aos alimentos e á agua de seus vizinhos, afim de que a doença tambem os atinja.

Nas manchas brancas, acrescenta o mesmo etnologo, não existem pêlos. O prurido é sempre intenso.

*

Em 1909, Koch-Grünberg tratou do *purú-purú* encontrado na bacia do Rio Negro. Apontou, de acôrdo com a opinião dos indios, tres variedades da doença: *purú-purú branco, p. negro* e *vermelho,* segundo a côr predominante nas manchas. Koch-Grünberg diz que as manchas negras são duras e asperas; as brancas, lisas, apresentam o aspecto de queimaduras.

No entanto, Oswaldo Cruz (139), em 1913, afirmou que nada justifica a separação das tres variedades. As manchas brancas, para ele, figuram um estádio mais adiantado da doença; aparècem pela eliminação do pigmento cutaneo promovida por agente infeccioso.

Oswaldo Cruz verificou tambem a descamação da epiderme ao nivel das manchas negras.

Hirsch (140), já em 1886, asségurava que o *purú-purú* não poderia ser sinão uma dermatomicose; os estudos de Montoya y Flores (141) e Oswaldo Cruz, embora ainda não concludentes, parecem justificar a hipótese.

---

(139) Oswaldo Cruz — Relatorio sobre as condições medico-sanitarias do vale do Amazonas — Ministerio da Agricultura. — Rio, 1913.

(140) Hirsch, A. — "Handbuch der historisch-geographischen Pathologie — 1886.

(141) Montoya y Flores, J. B.:
Recherches sur le Caratés de Colombie — Paris, 1893.
Archives de Parasitologie, vol, II.
Notes sur les Caratés — Ann. de Derm. et de Syphil., 1897.

Os indios da Serra do Norte vivem em aguas amazonicas; habitam, portanto, na vizinhança da zona enorme onde se tem achado o *purú-purú*. Todavia, não sofrem, indiscutivelmente, desse mal. O seu isolamento os preservou.

*

Já com o *ringworm* ou *herpes circinatus*, e tambem com o *tokeláu*, ou *tinea imbricata*, o *báanêcêdútú* tem alguma semelhança.

Ehrenreich, em 1897, confundiu aquelas duas dermatoses, e afirmou que são frequentes entre os indios da zona tropical.

O *ringworm*, porém, não é o tokeláu; nem essas dermatoses são muito disseminadas entre os indios. O seu tegumento cutaneo, sujeito a multiplas causas desorganizadoras, proporcionadas pelo meio, acha-se muitas vezes tomado pelas *"erupções artificiais de causa interna e externa"*, passiveis de se confundirem, em certos casos, com molestias parasitarias.

No entanto, é fóra de duvida que as primeiras formações da dermatose da Serra do Norte seriam parecidas com as do *herpes circinatus* — circulos concentricos formados por pequenas vesiculas — si lhes não faltasse a reação inflamatoria que acompanha o *herpes*.

Talvez essa reação passe despercebida, seja pela espessura da pele, seja pelas suas condições de vascularização discreta, ausencia de pêlos, glandulas sebaceas pouco abundantes, etc.

A evolução da dermatose da Serra do Norte, todavia, não permite que se a confunda com o *ringworm*.

No seu estado final, a doença dos Nambikuáras assemelha-se muito mais á *tinea imbricata*.

O aspecto do individuo coberto de escamas longas, como tiras de papel de seda, que verifiquei perfeitamente nos meus indios, é tambem atribuido ao *tokeláu*. No *tokeláu*, além disso, não existe inflamação ao redor das lesões, nem o sistema piloso é atacado, tal qual acontece no *báanêcêdútú*.

A *tinea imbricata* tambem começa por formações vesiculares; mas a transformação das vesiculas em *sistemas*, na dermatose dos Nambikuáras é muito mais irregular. Não existem mesmo verdadeiros *sistemas* de *descamação*, como no tokeláu; são antes placas, limitadas por escamas ainda tão pequenas que tomam aspecto furfaraceo.

De sorte que a verdadeira semelhança das duas dermatoses só é bem visivel no ultimo periodo, quando as *escamas papiraceas*, alongadas, cobrem todo o corpo.

Por outro lado, a evolução da doença dos indios da Serra do Norte nada se parece com a do tokeláu que o Dr. C. Paes Leme (142) descreveu em 1903, entre os indios do Araguaia, e Fritz Krause não menciona. Faltam obsolutamente os sintomas gerais apontados naqueles indios; a dermatose dos selvagens da Serra do Norte tem todas as caracteristicas de uma doença local.

Pelas razões expostas, acredito que o *báanêcêdútú* é uma dermatomicose exfoliativa, talvez mesmo uma *tinea* vizinha do tokeláu.

Era impossivel obter naquela data material para exame microscopico. Atualmente, as condições são mais favoraveis; a confiança dos doentes é cada vez maior. Permite investigações muito mais complexas.

Tenho realizado pesquisas sobre ligas e outros objetos de uso dos indios, material que passou muito tempo em contacto direto com as lesões cutaneas. Essas observações são extremamente precarias, é claro. Nem conto com o seu exito. Si fôr possivel isolar um fungo, dessas peças, cultivá-lo, inoculá-lo, voltarei a tratar do interessante assunto.

Aos especialistas cabe completar e corrigir estas notas, que não pretendem sinão documentar o aspecto clinico de uma manifestação morbida de indios primitivos. Amanhã ou depois, contaminados pelas infecções estranhas, a que infelizmente não se poderão furtar, hão de apresentar os mesmos fenomenos sob outra fórma, modificados pelos beneficios e pelos males da civilização (143).

---

(142) C. Paes Leme — "Contribuição ao estudo do Tokeláu" — Tese Inaugural — Rio, 1903.

*

Com os dados antropologicos, aqui transcritos já se póde tentar um esboço de comparação somatica.

A antropologia não é mais a inutil pesquisadora de soluções impossiveis, para problemas ociosos, embora não tenha ainda atingido o grau supremo que lhe foi marcado na hierarquia positiva.

A raça não é uma expressão verbal, sem valia nem função; marca sempre relações, entre um grupo de organismos e o meio em que eles vivem. E', por isso, indispensavel ir levando em conta os *fenomenos*, do mesmo modo como se apreciam os *seres*.

Perante a moderna orientação da antropologia a observação dinamica das *raças*, dos *tipos*, e dos proprios *individuos*, vai-se aos poucos, caracterizando como a unica saída para os que estudam com desejo de encontrar o caminho do progresso. A descrição estatistica das caracterizações não satisfaz ao espirito cientifico da época; recentes verificações e descobertas que a fisiologia conseguiu, mórmente no ambito das funções das glandulas de secreção interna, mostram que a morfologia, por si só, é fraco contingente para o conhecimento dos organismos. Ela é condicionada de modo iterativo pela maneira de funcionar propria a cada qual. Numa palavra: a *antropologia anatomica*, cada vez mais, perde em favor da *antropologia fisiologica*.

---

(143) Vide Olympio da Fonseca Filho — "Afinidades parasitologicas e clinicas entre o tokeláu da Asia e da Oceania e o chimberê dos indigenas de Mato-Grosso — Bol. Mus. Nac., vol. VI, n.º 2, 1930.

Este trabalho acha-se transcrito no fim deste volume.

Mãe e filho Tagnaní.

Mãe e filho Tagnaní.

Indio Tagnaní.

Indios da Serra do Norte.

[Facing p. 190]

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara

Indias Nambikuára Tagnaní.

Indio Nambikuára.

Meninas Tagnaní.

India da Serra do Norte.

[Facing p. 198]

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara

[Facing p. 206]

Distribuição de brindes — Aldeia do Juina.

Indio da Serra do Norte flechando por elevação.

Trumaí, Parecí, Borôro, Karajá, Kaiapó, Cherente (Akuen), Iamamadí, Ipurinã.

A transcrição desse material, aqui, seria descabida. O cotejo dos elementos referentes ás grandes massas indigenas do *hinterland*, com as notas que obtive na Serra do Norte, póde ser esboçado com os dados já insertos acima. Depois de examinar, em paralelos, os documentos que obtive e os já arquivados, será possivel, talvez, decidir ao lado de que tipo antropologico devemos colocar a população central da Rondonia.

Comparando os Indios da Serra do Norte com os tipos conhecidos no Brasil, pode-se concluir apontando semelhanças e diferenças que são dignas de nota.

•

Pele — Pelo colorido da pele acham-se ao lado dos Borôros e dos Karajás. O grupo meridional é composto dos mais escuros indios do Brasil.

•

Cabelo — O indice médio, encontrado nos côrtes histologicos, andou na vizinhança de 59, muito proximo dos Semang (Negritos) da Peninsula Malaia.

Pigmentação muito forte, medula espessa.

Secção circular.

•

Estatura — Até 1m,60 acham-se 25% de individuos. De 1m,60 a 1m,65, 56%. de 1m,65 a 1m,70 encontram-se 19 %. Mais de metade tem de 1m,600 a 1m,65.

Pelo quad[illegible] de Ehrenreich, os indios da Serra do Norte tomam [illegible]ção, quanto á estatura, entre os *Parecís* e os *Nahuquás*. Proximo deles estão os *Bakairis*, *Mehinakús*, *Trumais*, *Iamamadís*.

•

A *porcentagem de estaturas elevadas* (19%) coloca os Nambikuáras perto dos Kaiapós (20%) e afasta-os dos Bakairís (0%), dos Nahuquás (6,6%), dos Trumaís (0%) e dos Parecís (11%).

◆

A *diferença sexual da estatura* — (0m,12), — afasta-os dos indios Tupis, entre os quais, muitas vezes, o homem é mais baixo que a mulher, e do caso dos Aruaks, em que a estatura feminina equivale á masculina (Barbosa Rodrigues).

Pela *circunferencia toracica,* igual a ½ da altura, aproximam-se dos tipos normais da raça branca (De Giovanni). Relação centesimal entre a *altura total* e a *circunferencia toracica* — 50,0.

Nos indios do Brasil essa não é a regra; em geral, a circunferencia toracica é maior que ½ da altura. Nas tabelas de Ehrenreich o tipo mais proximo dos Nambikuáras é o dos Karajás, do Araguaia, com o indice 53,3.

◆

O *indice de Manouvrier* indica a relação existente entre o comprimento do *busto* e o do *membro inferior,* segmentos que formam a *estatura.* Morfologica e fisiologicamente o busto (cabeça e tronco) é muito mais importante que o membro inferior. De sorte que, avaliar a sua relação com a *altura total* ou *estatura* é determinar, até certo ponto, o valor biologico do individuo (Montessori).

Manouvrier denominou *macroskéle, mesatiskéle* e *brachyskéle* os tipos fundamentais estabelecidos sobre essa relação. No tipo médio (mesatiskéle) o busto deve compreender pouco mais da metade da estatura (indice 52), no tipo macroskéle o indice baixa de 52 a 50; acima de 53, até 55, o indice corresponde á brachyskélia.

Chamando B — o busto, ou *altura essencial*, de Collignon; P — membro inferior (perna) e procurando a relação *centesimal* entre ambos, para facilitar o calculo, chega-se á equação:

$$\frac{P}{B} = \frac{x}{100}$$

de onde:

$$x \text{ (Indice de Manouvrier) } = \frac{P \times 100}{B}$$

Os tipos macroskéles têm, pois, *busto* relativamente curto e *pernas* longas; os brachyskéles ao contrario, têm *busto* longo e *pernas* curtas.

Tais observações se referem aos adultos, porque durante o crescimento verificam-se modificações fundamentais nas proporções do corpo.

Porém, a determinação do *cânon antropologico real*, segundo o indice de Manouvrier, póde ser obtida aproximadamente, conforme ele mesmo o mostrou, pela simples inspecção.

Assim, as espaduas, no tipo brachyskéle, ficam em nivel inferior ao da furcula esternal; acham-se acima, no macroskéle. Neste, a cicatriz umbilical não corresponde ao cotovelo.

Quando o dedo médio do individuo, em extensão completa, chega á articulação do joelho, ou muito perto dela, trata-se, regra geral, de um tipo macroskéle.

Em todas as raças, e entre todos os povos, ha tipos macroskéles, brachyskéles e mesatiskéles; porém, as observações que se têm realizado vão indicando que existe, sempre, certa predominancia de brachyskéles entre os *amarelos*, macroskéles entre os *negros* e mesatiskéles entre os *brancos*.

Os índios do Brasil encontram-se entre os brachyskéles.

Os Nambikuáras não se excetuam.

Pelo *indice cefalico*, os indios da Serra do Norte devem ser colocados ao lado dos *Parecis*, da tabela de Ehrenreich — (76,0).

•

O *indice nasal* — (85) na vizinhança da platirrinia, afasta-os dos *Kaiapós* e mesmo dos indios do grupo Gê, que, segundo Ehrenreich, são os que têm nariz mais estreito.

•

O *indice facial* — (74,6) — aproxima os indios da Serra do Norte dos *Borôros* (75,9) e afasta-os muito dos *Parecis*, que têm 81,5, e dos outros indios Aruaks.

•

O exame somatico do povo da Serra do Norte demonstra, até certo ponto, que o seu substratum antropologico, bem caracterizadamente americano, filiado, pois, no tipo mongol, sofreu multiplas influencias que deram em resultado a falta de homogeneidade que apresenta.

Cruzamentos diversos devem ter modificado o primitivo tipo dos Nambikuáras. Do ponto de vista antropologico, acredito que se trata de um tipo muito semelhante ao que se encontra nos povos que falam idiomas nuaruaks, modificado por sangue alofilo e talvez por sangue etiope.

IX

HABITAM territorios banhados por aguas amazonicas os indios que se acham espalhados pelos vales do Juruena e pela Serra do Norte.

São chamados Nambikuáras (Nhambiquaras, Nambiquaras, Nambicoaras, Mambyuaras, Mambryáras, Membyuares, etc.) pelos sertanejos e pelos indios civilizados, seus vizinhos.

Somam alguns milheiros. Quantos? não sabemos. Qualquer estimativa seria invaliosa. Sendo cerca de uma duzia de aldeias de que tivemos noticia segura, por visita ou por informação, e dando para cada qual, em média, 100 habitantes, atingimos ao total de 1.200.

E' muito importante a difusão do nome Nambikuára; existe em Mato-Grosso, e no Pará, para os indios de que nos ocupamos. Quer dizer que, do lado Norte e do Sul, os habitantes daquela Serra têm a mesma designação.

A concordancia faz pensar, á primeira vista, que o nome deve ser, efetivamente, muito caracteristico. No entanto, é apelativo que os nomeados não conhecem, palavra absolutamente estranha ao dialeto de qualquer dos grupos. Convem conservá-la, todavia, para evitar confusões.

O limite meridional da região dos Nambikuáras é o rio Papagaio.

Ao Norte parece que sua zona de distribuição atinge o Gi-Paraná; a Léste, o Tapajoz; a Oéste, o Guaporé.

O grupo que habita proximo ás margens do Juruena e do Juina, do rio Papagaio até ao Camararé, que chamarei *grupo de Sudéste*, denomina-se Kôkôzú ou Kôkôçú.

O que habita no baixo rio 12 de Outubro e se estende provavelmente até á confluencia do Arinos com o Juruena, onde tambem devem chegar alguns representantes do primeiro, denomina-se Anunzê; chamá-lo-ei *grupo de Nordéste.*

O que vive a Sudoéste da invernada de Campos Novos desce até ao Guaporé; é denominado Uaintaçú e constitue o *grupo do Sudoéste.*

O grande *grupo Nordéste* mora já na vizinhança das aguas do Madeira, nas margens de tributarios do Gi-Paraná. Parece-me formado por diferentes nucleos secundarios, cujas relações ainda não foram bem caracterizadas; pertencem-lhe os indios que encontrei na invernada de Tres Buritís, nos Campos de 14 de Abril, em José Bonifacio, Campos de Maria de Molina. Seu nucleo principal habita entre os rios 12 de Outubro e Roosevelt (rio da Duvida).

Do grupo septentrional só encontrei os *Tagnanis, Tauitês, Salumás, Tarutês, Taschuitês;* mesmo assim, apenas sobre *Tagnanis* e *Tauitês* consegui diversas notas.

Os *Anunzês*, de Campos Novos, falam nos *Taiópas* e nos *Xaodi-Kókas*, até agora não achados; no extremo norte da região, Rondon tem descoberto, recentemente, grupos (*Kip-kerihat*, etc.) (145) pertencentes a outras nações indigenas. (Cf. Mapa).

*

Tagnanis e *Tauitês* referem-se a uma tribu inimiga, que nenominam *Malutundú*, ou melhor *Ualutdú* ou *Ualút-adù*.

---

(145) Os tupis do Gi-paraná e outras tribus, foram descritos em "Missão Rondon", Rio, 1916, e nas memorias de Curt Nimuendajú, no "Journal de la Société des Américanistes". Os "Archivos do Museu Nacional" (vol. XXV, 1925) publicaram "Notas Antropometricas sobre os indios Urupás", de Roquette-Pinto e A. Childe.

Na porta da casa — Aldeia do Rio Juina.

Kaboré á porta de casa Rio Juina.

Aldeia dos Nambikuaras.

[Facing p. 216]

E' provavel que sejam *Mundurucús*, do Alto do Tapajóz, os indios batizados pelos Nambikuáras com essa denominação: *Ualùt-ndù*, que é nome do tatú-galinha (146).

Convem notar que os *Anunzês* chamavam aos *Kôkôzús*: *Kôkôzê;* estes demominam os primeiros: *Annunzú*.

Os *Kôkôzús* chamam aos do grupo *Sudoéste*: *Uaintaçú;* os *Anunzês* os denominam *Uaindzê*.

São esses *Uaintaçú* ou *Uáindzê*, os mesmos que, nas vizinhanças de Mato-Grosso, no Guaporé, recebem o nome de *Kabixís;* denominação que, por outro lado, tem sido aplicada pelos *Parecís*, como titulo pejorativo, a certo grupo de sua mesma tribu: o dos *Kozárinis*.

*

Tambem os Parecís dão aos Nambikuáras o nome generico de *Uaikoákôrê* (*irmão do chão*), porque dormem diretamente sobre o sólo.

*

Os antigos *Tapaniunas*, ou *Tapanhunas*, que os cronistas localizavam no Alto Tapajóz, devem ser Nambikuáras do grupo Kôkôzú; de fato, os mais escuros de todo o vale do Juruena. Justificam o apelativo tupí: *homem negro*.

*

A localização dos grupos conhecidos, espalhados pela Serra do Norte e pelo vale do Juruena, acha-se expressa na carta etnografica da região, que acompanha estas notas.

*

---

(146) Tatú-galinha — *Dasypus tatusia novemcinctus.*

A exata significação das denominações citadas ainda não póde ser ministrada com segurança. Estudando-as, á luz dos elementos existentes, chega-se ao seguinte resultado, que não deve estar longe da verdade.

Kôkôzú — "Tios"; assim chamados, pelos outros, talvez, por serem os mais primitivos de toda a tribu.

Anunzú — E' franca deformação do termo *Anungzú* ou *Anungçú*, que quer dizer — *leite de mulher* —, apelativo deprimente, como tantos outros, achados por toda a America; serão, talvez. — "Os Infantes" — (*crianças de peito*).

Uaintaçú — Parece corrupção de *Nuntaçú*, nome do Jacaré na lingua dos Nambikuáras do Juina. O grupo dos *Uáintaçú* seria nada mais que a antiga tribu dos indios *Jacarés*, de que falámos no primeiro capitulo deste trabalho.

Tagnanis — São, claramente, os *Tamararis* das antigas cartas geograficas; devem ser identificados aos *Tamararés* ou *Camararés*, que deram o nome ao rio, e se acham mencionados em alguns documentos antigos.

Tauitê por *Tauhitê*, significa *criança, filho*, tal qual se encontra em outras tribus.

Para evitar futuras confusões, julgo prudente conservar o nome nambikuára ligado aos apelativos peculiares a cada grupo.

*

As aldeias dos indios da Serra do Norte, em geral, são construidas no alto de pequenas colinas, longe dos cursos dagua. Algumas distam mais de um km. do rio ou do ribeirão mais proximo.

Visam dois objetivos, ao que supomos, levantando suas palhoças em tal situação: sofrem menos dos mosquitos e dominam o territorio vizinho, o que é vantajoso, vivendo, como até agora viviam, em lutas constantes.

A aldeia é construida numa grande praça, de cincoenta metros de diametro; o chão, limpo de mato, arrancado á mão, é entretido sempre assim pelo piso dos moradores.

Uma noite de dansa, interminavel caminhar nos mesmos pontos, basta para alisar o terreiro das vilas.

A mancha circular, que faz o chão da aldeia no meio do cerrado, toma a feição de uma estrela, mercê dos trilhos que partem de sua circunferencia.

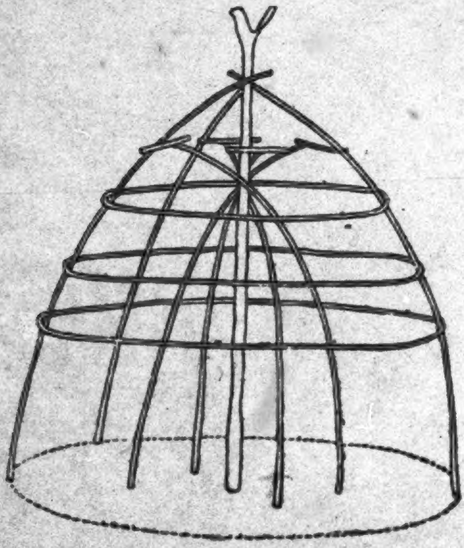


Fig. 16 — Arcabouço de uma palhoça dos Indios da Serra do Norte.

O acesso á praça das vilas é livre: não ha cerca, nem tapume, que impeça a chegada ao terreiro. Ao redor, não ha *fortificações*, nem defesas (147).

Constam sempre de duas casas as aldeias nambikuáras; uma defronte da outra, nas extremidades de um dos diametros da praça.

---

(147) Os tupis do Gi-paraná, ao contrario (como os tupinambás antigos e outros) embaraçavam com estrepes o caminho para as suas aldeias, que foi preciso desembaraçar quando entraram em relações com a missão Rondon (v. Cel. M. Rondon — Conferencias, pags. 161-162).

Aquela região compreende grandes matas, cerrados e charravascais, poucos tapetes de campo. Os indios escolhem de preferencia o cerrado para localizar sua aldeia.

A mata é perigosa pelas serpentes, pelas feras e até pelos madeiros, que se despencam, muitas vezes, e esmigalham os caçadores; o campo tambem o é porque oferece a aldeia ao ataque do inimigo, não protege, de nenhum modo, a casa contra o invasor. Mas o cerrado cumpre muito bem esse mistér; poucos são os males que favorece e muitos os beneficios que proporciona.

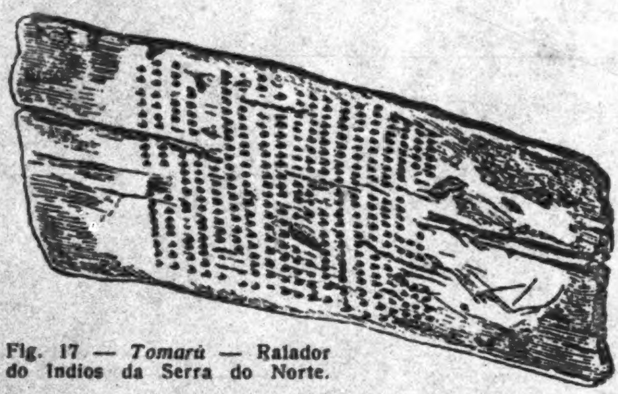


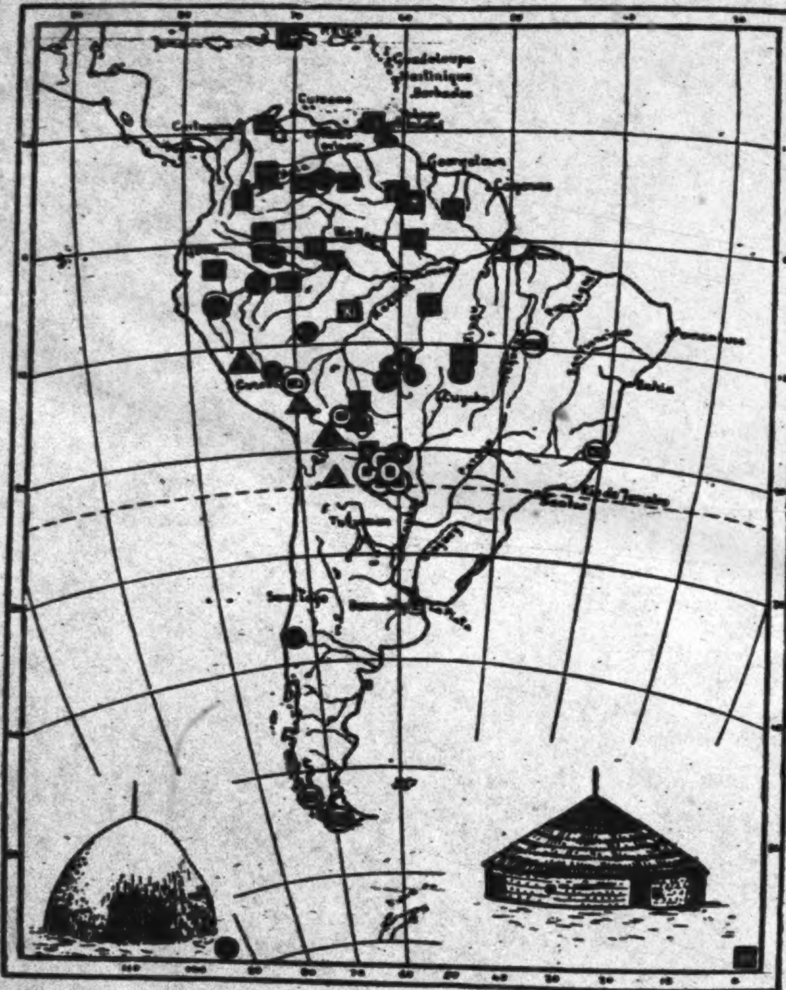
Fig. 17 — *Tomarú* — Ralador do Indios da Serra do Norte.

Bem o entenderam os Nambikuáras; suas palhoças se confundem com o matiz acinzentado da vegetação ambiente. São moitas do cerrado; quem olha, á distancia, quasi não as vê. Diluem-se suas fórmas, aliás bem definidas, nas fórmas imprecisas do cerrado.

Naturalmente, alguem que tenha o habito de ver as coisas naquele véo poeirento da flóra xerófita dos chapadões, dá depressa com as palhoças; a confusão não ilude uma vista experiente. Mas o fato desse mimetismo é real.

*

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara


Jamaica
Guadeloupe
Martinique
Barbados
Curaçao
Cartagena
Georgetown
Cayenne
Pernambuco
Bahia
Cuyaba
Rio de Janeiro
Santos
Tucuman
Santiago

Distribuição das casas de forma redonda e oval: (Segundo Nordenskjöld).

○ Redondas ou ovais, de carater provisorio.

Casas de carater permanente:

● Cobertura que se prolonga em paredes (Casa em forma de colmeia).

■ Distinção nitida entre cobertura e paredes.

▲ Paredes de pedra ou de tijolos secos ao sol.

[illegible] — Araucanos. Cf. Guevara.

[illegible] — Paressí. Cf. Max Schmidt.

[illegible] — Bakairí. Cf. K. von den Steinen.

31 — Trio, Oyana. Cf. de Goeje.

[illegible] — [illegible]. Cf. [illegible] Nordenskjöld.

[illegible] — Ijca, Kõgaba. Cf. Bolinder.

47 — Taulipang. Cf. Koch-Grünberg.

61 — Tribus a NW do Amazonas. Cf. Whiffen.

64 — Huari. Cf. Nordenskjöld.

232 — Indios do Rio Mapuera. Cf. Coudreau.

254 — Chipaya. Cf. Posnansky.

280 — Indios do Alto Guaporé. Cf. Felix de Lima.

277 — Indios do Machifaro (Alto Amazonas). Cf. Ortiguera.

279 — Indios Chuquimayo. Cf. Palomino.

[illegible] — Uspixana, Taruma. Cf. Farabee.

5C — Nambikuara. Cf. Roquette-Pinto.

X3 — Piaroa. Cf. Chaffanjon.

[Facing p. 220]

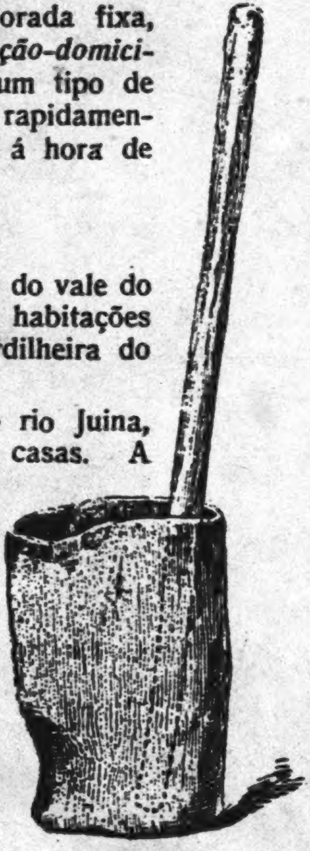


Fig. 18 — Pilão dos Indios da Serra do Norte.

Nas aldeias encontra-se a morada fixa, definitiva; mas além dessa *habitação-domicilio*, usam ainda os Nambikuáras um tipo de *habitação-provisoria* que levantam rapidamente, onde quer que se encontrem á hora de anoitecer.

*

As casas definitivas, dos indios do vale do Juruena, são pouco diferentes das habitações dos que vivem no extremo da Cordilheira do Norte.

A aldeia — (Kôkôzú) — do rio Juina, onde estivemos, constava de duas casas. A primeira era pequena, hemisférica (148), mal feita, provida de uma porta mais ou menos ampla; cabiam nela, á vontade cerca de 20 individuos. A outra tinha fórma de prisma reto, triangular, de que o sólo formava uma das faces. Era mais bem acabada. Media 9 metros de comprimento, 3 ½ de largura por 2 ½ de altura. Uma das suas extremidades era fechada; ao lado, escondida pelas folhas que caíam do teto, uma pequena porta. A outra extremidade era aberta livremente. A cabana estava orientada no sentido Este-Oeste; a extremidade fechada, do lado do nascente. Destarte, á tarde, o sol entrava pela casa a dentro, durante algumas horas.

Duas forquilhas, plantadas nos extremos, sustentavam a travessa longitudinal, á qual vinham ter alguns caibros fixados, do outro lado, no chão, e destinados a suportar as grandes palmas protetoras do *uauassú*.

---

(148) - Vide nota n. 75 e mapa de distribuição geografica de tipos de casa segundo Nordenskjöld, estampa fora do texto.

As palmas que se achavam de um lado eram dobradas, no alto, sobre o outro lado do teto, por cima da travessa longitudinal; para mantê-las assim, corriam, ao longo da casa, duas varas, amarradas aos caibros interiores por meio de laços de embira.

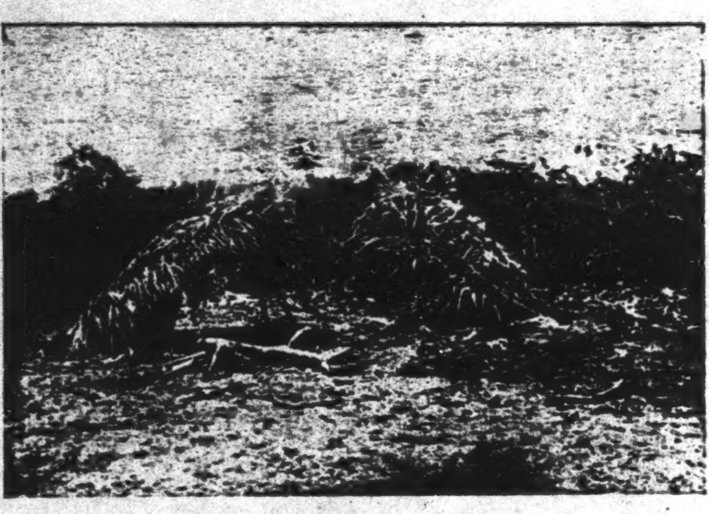
*

Tambem se encontram duas palhoças nas aldeias dos *Tagnanís* e dos *Tauitês*. Ambas, com aberturas orientadas na direção Este-Oeste, são regularmente circulares, no seu perimetro ao nivel do sólo, e têm fórma conica. No vertice do cone sobe uma vara, alguns palmos acima do teto, e termina sempre em forquilha, como se vê na fotografia. As portas acham-se nas extremidades de um mesmo diametro, face a face.

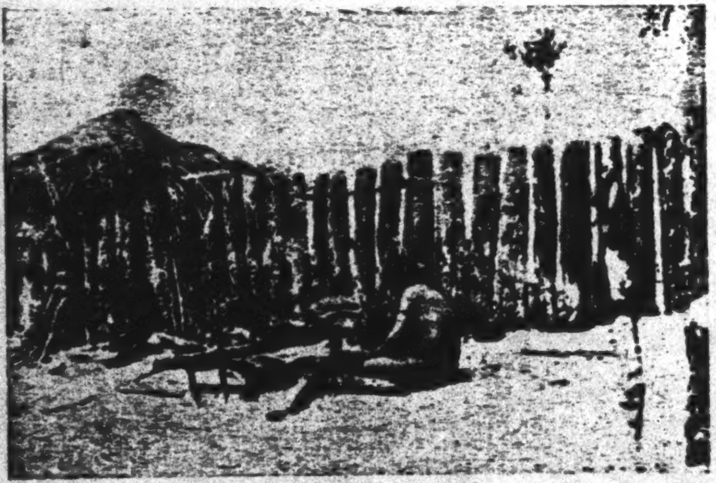
Fig. 10 — *Hikauti* — Faca de madeira dos Indios Tauitês da Serra do Norte.

Não sabemos ainda como traçam os Nambikuáras a circunferencia que limita o chão da cabana; deve ser a mão livre, porque é assim que desenham tal figura nas suas cabaças. No centro da casa erguem quatro forquilhas e um esteio central.

As forquilhas formam, em cima, um rectangulo de madeira, de onde partem varas flexiveis que se vão enterrar no solo, ao longo da circunferencia que limita a habitação. Ligando-as, firmes, correm travessas que completam o arcabouço da choça. A cobertura é feita de palmas de bacába, dispostas em camadas. Pelo interior da choupana, verifica-se que a primeira camada é constituida por uma trança de folíolos, amarrados ao



Toldos de caça — Indios do Rio Juina.



Indios da Serra do Norte.

[Facing p. 222]

madeiramento. As externas cobrem, como lençóis de palha, mui certos e bem aparados, toda a superficie do edificio. Não ha paredes laterais diferenciadas do této; são prolongamentos diretos da cobertura.

A maior das duas casas que descrevemos, da aldeia proxima ao rio Karumí, ou Festa da Bandeira, tem 30 metros de perimetro, e a ountra 28.

Suas portas medem 0m,37 de largura por 0m,52 de altura. Para atravessá-las é preciso esgueirar o corpo. A praça, onde se levantam as duas casas a que se referem estas notas, mede cerca de 20 metros de diametro.

Dentro das cabanas, tres giráus feitos de taquara, proprios para secar a raspa de mandioca e duas enormes panelas negras, que não poderiam ter passado pelas portas; enfiados na palha do teto, adornos, utensilios leves, um sortimento de utilidades... A palha das cabanas é o almoxarifado dos indios; guardam nela suas miudezas.

Debaixo de cada giráu, uma pequena fogueira.

Quatro pés de taquara enfiados no chão suportando uma grade horizontal de taquarinha: é o giráu.

Media cerca de dois metros de comprimento por 1m,50 de largura.

Não ha, nas choupanas, abertura para saida da fumaça das fogueiras interiores; nem é preciso. Pelos intersticios da palha passa ela muito bem.

•

Ao redor da habitação, esparsos ou amontoados, ossos partidos, côcos quebrados, favas de jatobá, sabugos de milho, carvão, rebotalhos da alimentação dos moradores, de mistura com utensilios e artefatos inutilizados pelo uso.

Ao pé de uma das casas da aldeia do rio Festa da Bandeira havia uma grande peça, que só deixei de trazer pela absoluta impossibilidade de transportá-la. Era utensilio dos que se encontram, com frequencia, nos "sambaquis" da costa do Atlantico: uma pedra com algumas covinhas, onde cabia a polpa de um dedo. Ao lado havia quantidade prodigiosa de pequenas nózes de bacába, partidas e por partir. Muitos suspeitam que tal utensilio haja servido para fazer fogo; na Serra do Norte, usam-no, apenas, para partir coquinhos. A pedra era, todavia, muito maior do que as encontradas geralmente nos sambaquís.

Fig. 20 — Utensilio fabricado pelos Indios da Serra do Norte com um fragmento de ferro.

Habitações provisorias são toldos de ramos e folhagens. Passam ali alguns dias, se a caça é abundante no local; depois abandonam a construção.

Para erguer um desses toldos, que os tropeiros costumam chamar *maloquinhas de caça,* espalhadas entre o Juruena e o rio 12 de Outubro, começam por limpar muito bem o sólo. Depois, fincam dois grandes ramos nas extremidades de uma reta; curvam-nos, em cima, sobre uma travessa sustentada por duas forquilhas enterradas na frente.

Acabam de cobrir o rancho com palha, ou capim, arrancado na ocasião, o qual leva para o teto porções de terra, nas raizes.

Dentro, ou antes, debaixo, um foguinho.

Cada toldo cobre, mais ou menos, uma superficie de dois a quatro metros quadrados. Se são muitos os indios que viajam, cada grupo familiar levanta seu abrigo. A construção é, afinal, um tipo acabado do *Windschrim* dos etnologos alemães.

Porém os indios dos grupos mais septentrionais (*Tagnanis, Tauitês*) não constroem toldos provisorios do mesmo modo.

Em geral, sua habitação temporaria é mais simples: uma ou mais folhas de *uauassú,* ou de qualquer outra palma, fincadas no chão. Não é um toldo; é um anteparo contra o sol, ou rajadas de chuva.

Aliás, tais indios moram em região de grandes florestas e charravascais, que, em caso de aguaceiro, protegem perfeitamente bem os seus filhos; enquanto que os outros habitam zona onde existem mais cerrados e campos do que matas. Ainda uma vêz o meio geografico condicionando a ação humana.

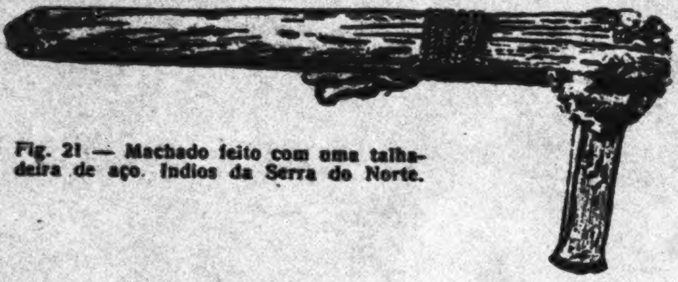


Fig. 21 — Machado feito com uma talhadeira de aço. Indios da Serra do Norte.

*

Os Nambĭkuáras-Kôkôzús denominam *Siçú* ás suas aldeias; os Anunzês dão-lhes o nome de *Chicê*. Esses vocabulos têm a significação geral de habitação: casa ou aldeia.

Não sabemos, ao certo, como constroem suas habitações-domicílios.

Na edificação de um toldo de caça só tomam parte as mulheres; quebram os ramos que servirão para a cobertura, enquanto as crianças ajudam, arrancando o capim e o sapê, que tambem concorrem para tapar o teto.

*

Frequentemente mudam o local do domicilio. Seguindo o trilho que nos levou á maloca do Juina, onde pernoitámos, passamos por diferentes lugares onde havia estado a aldeia.

Não é ainda conhecida a causa determinante das mudanças para locais tão proximos; talvez a morte de um indio, ou a ocorrencia de alguma desgraça comum.

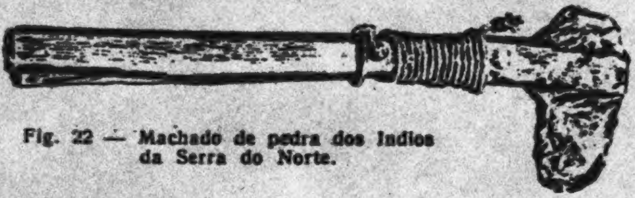


Fig. 22 — Machado de pedra dos Indios da Serra do Norte.

Não é possivel invocar motivos derivados de ação mesologica de importancia, dado que se afastam pouco do primitivo sitio.

*

Para prevenir a entrada da enxurrada por debaixo da palha, que vem do teto ao chão, cercam os indios *Tagnanís* e *Tauitês* as suas casas conicas, pelo lado de dentro, ao longo da linha que as limita, com uma serie de talas imbricadas, feitas das cascas do jatobá.

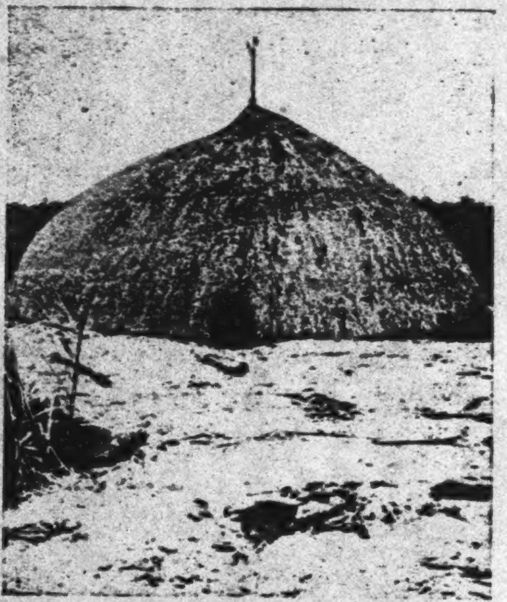
A chuva não penetra.

Quem imaginasse que o interior das cabanas é abafadiço e quente faria injustiça ao edificio; o ar entra de um modo admiravel, através dos intervalos das folhas.

Todavia, quando os indios acendem *foguinhos*, a coisa muda de figura. E, felizmente para eles, a permeabilidade da cobertura de palha livra seus olhos de graves doenças, que se encontram em muitos povos incultos, cujas habitações retêm a fumaça.

*

A guarnição das casas é sumaria; além dos giráus de que se falou, e algumas grandes panelas, nada mais se póde apontar como mobiliario propriamente dito. Tudo mais são utensilios, artefatos, armas e adornos,



Aldeia Indigena.
Rio Festa da Bandeira (Karumi).

Aldeia Nambikuára.

[Facin p. 226]

que levam consigo, á menor viagem que empreendem. Alguns pilões e ralos mais pesados, que não podem ser comodamente carregados, ficam guarnecendo a morada. *Omnia mea mecum porto,* poderiam repetir os barbaros...

*

Esteiras de palha, couros preparados, rêdes, giráus de dormir, catres e camas, são modalidades de leito que predominam neste ou naquele estado de cultura social.

A presença das primeiras já indica certo adiantamento; os Nambikuáras não têm outro leito senão a terra. Dormem sobre o chão limpo.

E não tinham a rêde, inseparavel companheira dos Parecís, seus vizinhos; hoje, que a conhecem, estimamna infinitamente. No meio deles, para repousar um pouco, á noite, era uma dificuldade; mal armavamos as nossas, surgiam logo tres ou quatro candidatos... E, uma vez donos dela, dificilmente nô-la deixavam. Frequentemente eramos despertados por alguns indios, que a fina força, desejavam dormir nas mesmas em que repousavamos.

No pouso de Tres Buritís, onde estiveram acampados alguns dias conosco, á noite disputavam tosca mesa de páu, em que os encarregados da estação faziam suas refeições; já se apraziam em dormir alto do chão, imitando o nosso procedimento.

Porque, pois não se utilizavam da rêde? Porque não a conheciam.

Trançar fios de algodão e de tucum, trançam eles, de maneira mais que suficiente para confeccionar uma delas; apreciar esse leito dos seus vizinhos, tambem haveriam de apreciar, como agora acontece.

Os indios da Serra do Norte atestam, por esse traço etnografico, a situação de inferioridade em que se encontravam.

Tal ignorancia é, aliás, caracteristica social de um grande grupo etnico do Brasil, que compreende os mais atrasados aborigenes da America, no consenso de todos os que o têm estudado, o grupo *Gé-Botocudo.*

*

Ora, todos os indios da Serra do Norte dormem diretamente sobre o sólo. Nada, nem folhas, nem palhas, nem esteiras, nem couros, colocam sobre o chão em que se deitam.

Deitam-se, quasi sempre, em decubito lateral, pondo o ante-braço debaixo da cabeça para servir de travesseiro.

Os homens raro se sentam diretamente sobre o chão. Em geral, àcocoram-se. As mulheres fazem o contrario. Se estão de pé, no fim de alguns instantes, os homens, habitualmente, flexionam uma das pernas sobre a coxa, apoiando o pé respectivo sobre o joelho do outro lado; as mulheres tomam atitude caracteristica, que nunca vi descrita e se acha bem clara nos instantaneos colhidos.

Cruzam as coxas, adiantando o membro pelviano direito em simples adução, enquanto colocam o membro pelviano esquerdo mais atrás, em adução forçada. O grande eixo do pé direito, prolongado, corta o do esquerdo quasi em angulo reto.

Frequentemente cruzam os braços.

Quando estão excitados, animados pela alegria, ou pelo temor, batem continuamente com a mão direita espalmada sobre a região occipital.

Se estão descontentes, fazem esse gesto caracteristico exclamando:

— *Ikátnerá!*

*

Alimentam-se principalmente de produtos agricolas; é um dos traços paradoxais dessa população o desenvolvimento da agricultura no seu meio atrasado.

De um modo geral, pode se dizer que os Nambikuáras comem tudo; não respeitam certas especies animais, como fazem alguns indios.

Um mosquito que apanham sobre o corpo, um piolho, um gafanhoto, uma lagartixa que passa correndo, nada escapa.

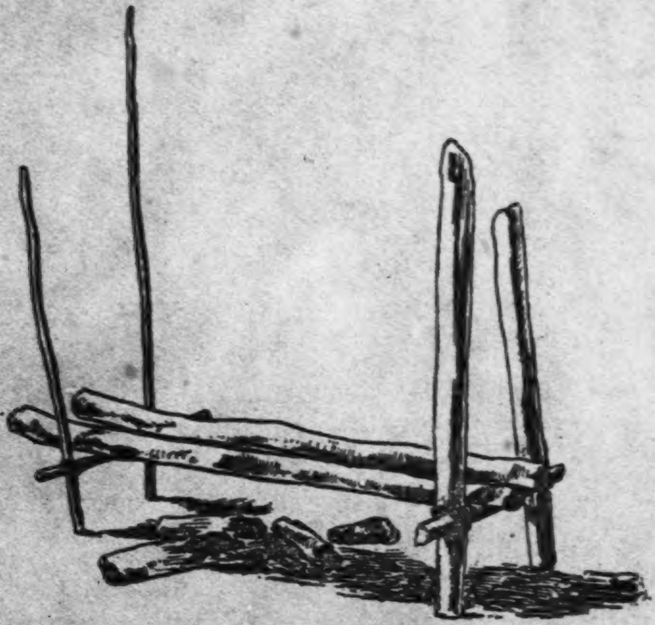


Fig. 23 — Moquem dos Tagnanis e Taulitês.

Alguns costumam andar com uma vara para matar as cobras que vão encontrando: assam os ofidios no borralho e comem com prazer a iguaria.

Só o estomago das vitimas, depois de assadas, rejeitam.

No pouso do Primavera, quando algum tinha fome, corria ao cerrado e voltava trazendo um calango vivo; batia com a cabeça do pequeno saurio num páu qualquer e atirava-o ás cinzas quentes. Depois, com as unhas, rompia o abdomen do animal, retirava o estomago e saboreava o resto.

Um tatú que, noutra ocasião, foi apanhado, mataram, torcendo-lhe o pescoço.

Para a caça e para a pesca usam flechas que serão descritas.

Aproveitam os ovos do *pato do mato* (149) fazendo côvas rasas no borralho quente e lá os aninhando, depois de revolvidos com um graveto passado por pequeno orificio aberto na casca.

A carne de grandes caças: veado, paca (150), capivara (151), é primeiro socada no pilão, ou batida entre dois paus e só depois utilizada.

Com as unhas, com os dentes, e ás vezes com facas de madeira ou de taquara, cortam grandes bocados.

Mal engolem o que lhes vai na boca, logo chupam os dedos, estalando a lingua com grande ruido.

*

Os Tagnanis conhecem as propriedades conservadoras da fumaça; a carne que lhes distribuiamos não era toda devorada no mesmo dia. Suspendiam as sobras no moquem.

*

Os *Kôkôzús* não usam moquem; assam a caça no borralho. A quantidade de cinzas que deglutem, com tal assado, é consideravel.

*

---

(149) Pato do mato — *Cairina moschata*, L.

(150) Paca — *Coelogenis paca.*

(151) Capivara — *Hydrochoerus capibara.*

Nhambiquaras — "Tres Buritis".

Crianças Nhambiquaras.

[Facing p. 230]

Tagnanis e *Tauitês* constroem moquem característico. Fincam quatro estacas e ligam-nas por quatro travessas; entre elas fazem correr dois páus que servem de suporte ás peças de carne.

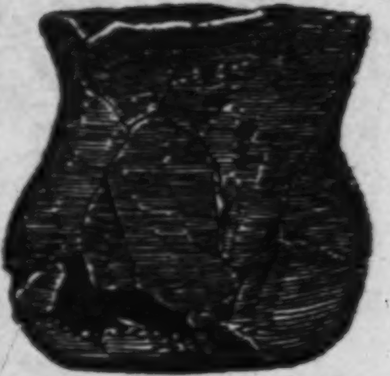


Fig. 24 — Panela de barro dos indios da Serra do Norte. (152).

*

Bebem o mel sempre misturado com agua: hidromel.

Comem com prazer os filhotes das abelhas, mergulhados no mel e no própolis, que não rejeitam.

Não deixam amadurecer o milho; comem-no assado, ainda verde. A mandioca sofre o mesmo processo, ou então é utilizada em raspa, com que fazem beijús.

Por meio de uma fita de embira espremem a raspa, e com o amilo fazem alvissimos bolos.

Para confeccionar os beijús, abrem um buraco nas cinzas quentes de uma fogueira, e lá depositam massa de mandioca, alizando o bolo com um páu qualquer e com a mão. Cobrem tudo, depois, com cinzas e brasas; no fim de algum tempo, que não sabemos como estimam, descobrem um grande bolo tostado e cheiroso, um tanto azedo, que não seria desagradavel se não tivesse tanta cinza e não fosse preparado por tão desasseado processo...

*

Mangaba verde que appareça é colhida imediatamente, para ser posta no borralho. Assada, torna-se tenra e agradavel.

---

(152) O Museu possue hoje grandes vasos de ceramica trazidos da Serra do Norte. A peça aqui figurada merece destaque especial porque foi a primeira obtida, em 1909.

Os *Tauitês* confeccionam, com os coquinhos da bacába, certo mingáu violaceo (*Uidniarê*) com gosto de folhas verdes, que tomam com muito prazer. Para preparar este *uid-niarê*, socam os frutos da palmeira e depois os colocam, dentro dagua, ao fogo.

Uidniarê é, afinal, um decocto.

*

Não tivemos ocasião de assistir ao preparo de qualquer liquido fermentado. Todavia, os indios fazem bebidas alcoolicas pelo processo usual: mastigação de mandioca ou milho, fermentação da massa, em grandes panelas. Um licor, assim tirado do ananás silvestre, gozava de honroso conceito entre a gente da linha telegrafica.

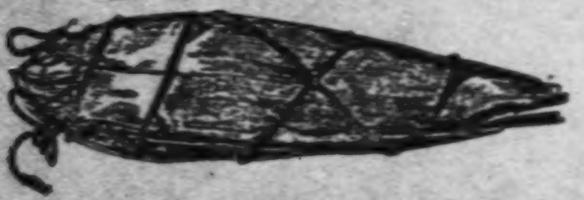


Fig. 25 — Bolsa para proteger enfeites de penas. Indios da Serra do Norte.

*

Gostam especialmente da carne dos macacos, resquicio, quiçá, do antigo paladar antropófago.

Não acredito que exista entre eles o canibalismo. Mas, segundo penso, não ha muito que perderam esse hábito.

E' verdade, no entanto, que costumam increpar uns aos outros dessa pratica; exprimem tal acusação de um modo absolutamente claro, por meio de sinais inequivocos.

*

Obtêm fogo pelo atrito de dois bastões, em nada dissemelhantes dos que se acham pelo Brasil afóra.

A operação é muito mais longa do que se imagina.

O indio começa forrando o chão com uma folha sêca; sobre ela deita o *ignigeno fixo*, que mantem com o pé e com o joelho.

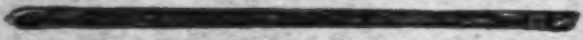


Fig. 26 — *Haitsú*. — Bastão ignigeno dos indios da Serra do Norte.

Com as mãos espalmadas, imprime ao *ignigeno movel* a rotação necessaria, apertando-o, ao mesmo tempo, de encontro ao primeiro. O movimento faz descer as mãos ao longo do bastão; o indio recomeça, repondo-as na parte superior. De vez em quando pára, rapidamente, e passa a lingua sobre a palma que o atrito requeima. No fim de algum tempo, quando o suor já poreja a fronte do operador, surge a centelha, na moínha que se depositou na folha.

O processo só difere da operação classica pela presença da folha protetora.

Por trabalhoso os indios o executam a contra-gosto. Desejando obter um filme, que documentasse todos os seus tempos, dificilmente obtive que um indio fizesse fogo. Eis a razão por que, dos presentes que se lhes fazem, um dos que mais prezam são os fosforos; fazer fogo pelo seu sistema, em dia de chuva, ou durante tempo humido, é penosa tarefa.

*

Comem tambem, *Tagnanis* e *Tauitês*, certo cogumelo que os outros não aproveitam (*Polyporus sp.*)

*

E' fato curioso a falta de utilização dos palmitos por parte dos indios da Serra do Norte. Gabriel Soares

(1587) deixou bem expresso que o gentio do litoral não desprezava o gomo folhear das palmeiras: "Do olho destas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido e tão grossos como a perna de um homem".

Quanto ao vinho do ananás era bebida corrente; é ainda Soares quem diz: "A natureza deste fructo é quente e humido, e muito damnoso para quem tem ferida ou chaga aberta; os quaes ananazes sendo verdes são proveitosos para curar chagas com eles, cujo sumo come todo o cancere, e carne podre, do que se aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fructa, que alimpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com ellas as nodoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduros, os indios fazem vinho, com que se embebedam; para o que colhem mal maduros, por ser mais azedo..."

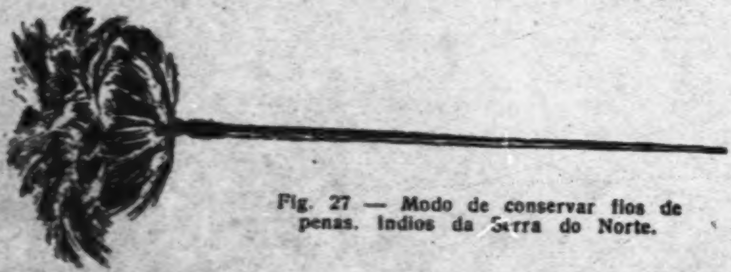


Fig. 27 — Modo de conservar fios de penas. Indios da Serra do Norte.

*

A comida salgada, de nosso uso, não agradava aos indios da Serra do Norte. Mais de um rejeitou o prato que lhe destinavamos, dando a entender que o salino sabor o levava a proceder dessa maneira.

*

O leite (leite condensado) foi tambem, a principio, recusado; diziam, fazendo uma visagem, que era leite de mulher, e portanto repugnante:

— *Anungçú!*

E' preciso conhecer a gula dos indios, sua fome insaciavel, seu — *animus devorandi* — continuo, persistente, infalivel, sincero, para bem compreender o nojo que os conduzia a tal renuncia.

*

A's crianças dão tudo para comer; do que levam á bôca vão sempre migalhas ao pequenino que lhes anda perto ou entre os braços.

Mesmo os excitantes de que usam, fumo, por exemplo, são repartidos com os petizes.

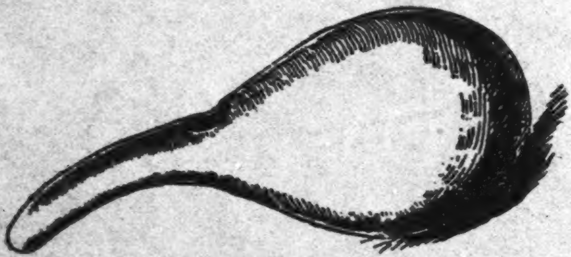


Fig. 28 — Cabaça com tabaco.
"Indios da Serra do Norte.

Mais de uma vez tive ocasião de observar indios que davam cigarros a menores de dois anos (153).

As crianças tomam logo parte na comida; as mulheres comem depois..., o que sobra, quando sobra. Aliás, esta é a regra, mesmo entre os indios já civilizados... Mas, em geral, se ha abundancia, cada qual se serve do que ha, quando quer, como quer; a comida é de todos.

*

---

(153) Cf. E. Roquette-Pinto — "A condição da criança entre os indios do Brasil" — Primeiro Congresso Americano da Criança — Tucuman, 1916.

Do figado dos animais que devoram, retiram, habilmente, a vesicula biliar; no entanto, não reservam para o orgão nome algum especial.

*

Aarú — é um bolo que os *Kôkôzús* preparam, socando num pilão um tatú moqueado, inteiro, até trituração completa dos ossos, e depois misturando-o á massa de mandioca feita beijú.

*

Um rato do chapadão (154), que os Parecís denominam *Cólori*, é iguaria que os Nambikuáras não desprezam. Chamam-no — *Arantaçú*.

*

Dos produtos de sua industria agricola vão se utilizando diariamente por apanha sucessiva; não colhem a tempo certo, nem têm reservas, ou celeiros, senão para o fumo, que conservam entre duas varinhas, dependuradas na palha do teto da cabana.

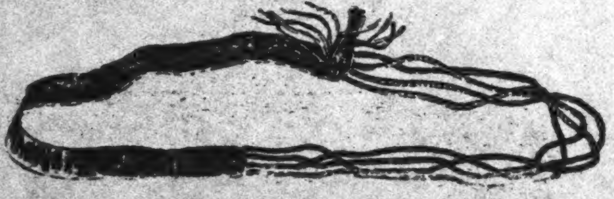


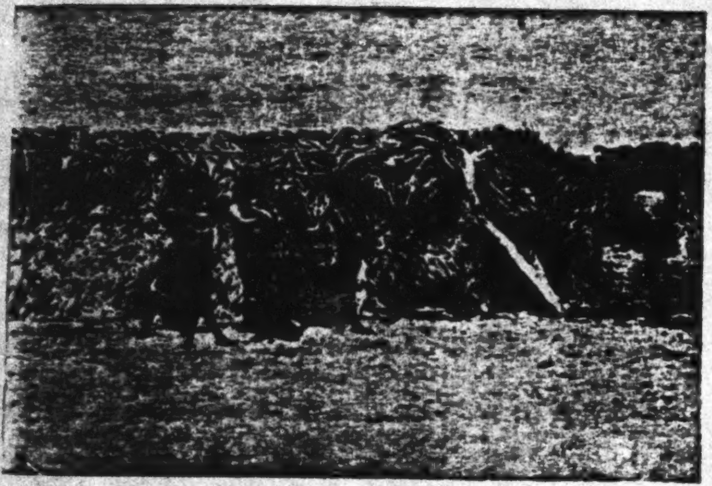
Fig. 29 — Bracelete de algodão — Indios da Serra do Norte.

Em casa ha sempre massa de mandioca, que é o *pão nambikuára*, com o qual acompanham qualquer outro alimento. Guardam a massa dentro de grandes cestas, forradas de folhas de pacóva.

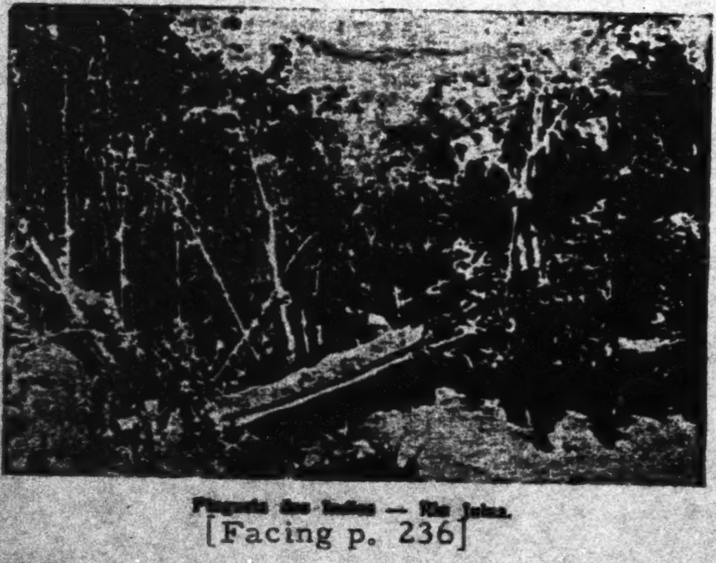
---

(154) Rato do chapadão — *Scapteromys gnambiquarae*, Miranda Ribeiro.

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara



Maloca — Rio Juina.



Pinguela dos indios — Rio Juina.

[Facing p. 236]

O mel que sobra é deixado nas cabaças, onde não chega a fermentar porque, em breve, o desejo de algum indio renasce...

*

Nenhum rito observámos relativo a praticas alimenticias; mas o soldado Gouveia, que em 1911 esteve prisioneiro numa aldeia nambikuára, em seis meses de cativeiro, viu uma cerimonia de tal natureza.

Mataram os indios daquela aldeia (do *Urutáu*) uma grande anta (155). Foi uma festa. Puxaram, arrastando, o animal até a praça da maloca. Depois foram os homens ao cerrado, e voltaram trazendo muitos ramos com que se çobriram, dispondo-se em circulo, acocorados debaixo das folhagens, cantando sempre. Ergueram-se, no fim de muito tempo, e, ainda com os ramos seguros nas costas, puseram-se a dansar ao redor da caça, que foi depois retalhada.

Infelizmente Gouveia era de uma insuficiencia pasmosa. Viveu entre eles, preso, seis meses; *casou-se* lá com uma india, que se esforçara por ensinar-lhe a lingua de seus pais. Afinal fugiu, sem trazer outra contribuição além de informações muito vagas, como esta que, no entanto, julgo acertado deixar aqui registada.

*

Dos excitantes cujo consumo é de regra entre povos selvagens, além dos liquidos alcoolicos já mencionados, o fumo é o principal.

Já se disse que secam as folhas entre duas talas de madeira, que espetam na palha da casa; quando querem fumar, tomam de uma e desfiam-na com os dedos, envolvendo o pó em outra folha, de uma arvore que os *Kôkôzús* denominam *Enandzú*.

---

(155) Anta — *Tapirus americanus*. E' caça relativamente abundante nos rios da região. Presa dificil por ser muito arisca.

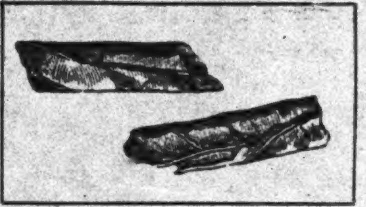


Fig. 30 — *Etú* — Cigarros dos Indios da Serra do Norte.

Tambem usam reduzir a pó o tabaco que então conservam dentro de cabaças especiais.

Na Serra do Norte, antes da entrada da Comissão Rondon nenhum dos grupos conhecia cachimbo. Hoje mesmo não o apreciam;. preferem o cigarro, que é pequeno, nada semelhante aos colossais rolos de algumas tribus amazonicas.

Seu fumo é fraco, de aroma agradavel (156).

Quando viajam levam sempre cabaças com o pó, ou varas com folhas de fumo; a meio caminho, se desejam pitar, formam roda. Preparam-se como se fossem realizar uma refeição, acendendo uma pequena fogueira. Terminados os cigarros, continuam a caminhar.

Apreciam imenso o nosso fumo de rolo, especialmente quando posto em cigarros feitos com papel de jornal...

*

Os indios da Serra do Norte andam nús. Homens e mulheres trazem uma tira de palha ao redor do ventre. Os *Kôkôzús* usam pulseiras, braceletes deltoidianos, perneiras abaixo dos joelhos e ao nivel dos tornozelos, todas feitas em embira; *Tagnanís* e *Tauitês* colocam semelhantes ligas nos membros superiores e inferiores, porém, confeccionadas com algodão que aparece tambem, ás vezes, em artefatos dessa natureza, fabricados pelos do primeiro grupo Entre *Tagnanís* e

---

(156) Fumo — *Nicotiana tabacum.*

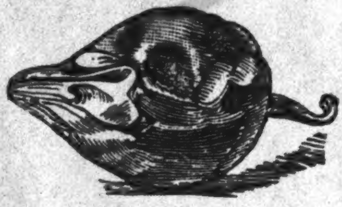


Fig. 31 — Fruto de um *Solanum*, usado pelos Indios da Serra do Norte.

Tauitês é comum achar-se algum indio com os orgãos sexuais externos mais protegidos, pelas pontas da tira de palha passada ao nivel do hipogastro. Mas isso não é a regra. Os *Uaintaçús* raras vezes aparecem com algumas dessas ligas. Alguns indios, em todos os grupos, andam sistematicamente nús de modo absoluto.

As mulheres, meninas puberes, moças ou velhas, solteiras ou casadas, não abandonam a tira abdominal.

Algumas grávidas, que encontrei, não a possuiam; acredito haverem libertado o abdomen daquela forte pressão para respirar melhor, ou, talvez, por temor de que a cinta influisse perniciosamente sobre o féto.

Trazem os cabelos sempre longos, sobre as espaduas: na fronte, aparam as mechas irregularmente, cortando os fios com uma concha de lamelibranquio, ou com lasca de taquara. Gostavam que lhos cortassemos com tesouras.

Apreciam imensamente os chapéus que usamos; pareceu-me que o calor dos raios solares sobre o cranio lhes é muito molesto.

Por um chapéu dão quasi tanto como por um machado de ferro.

Um dos capacetes de couro de onça, existentes no Museu, nós o obtivemos na aldeia do Urutáu, trocando por ele o chapéu de nosso uso, velho e surrado. No entanto, esses capacetes de couro são altamente prezados.

Habitualmente não trazem na cabeça ornatos de couro ou de penas. Cobrem-se com as corôas, que serão descritas, ou com os capacetes de couro de onça, quando estão alegres. Provavelmente, usarão tambem tais ornatos em certas festas; todavia, nada apurámos a respeito.

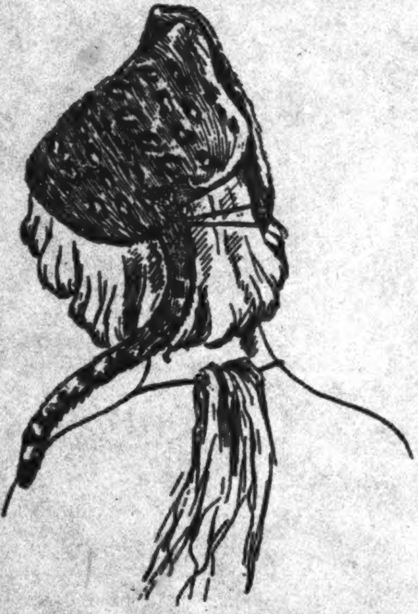


Fig. 32 — Indio da Serra do Norte com o *Enadjú*, capacete de couro de onça.

Nas orelhas dependuram triangulos de madreperola que tiram de conchas fluviais e, quando o furo se dilacera rompendo o lobulo em duas tiras, não hesitam em praticar novo orificio.

São os homens muito mais vaidosos que as mulheres; enquanto eles se adornam com diademas de penas, brincos, pingentes e colares, elas só com alguns destes se contentam.

Tambem só os varões usam o labio superior e o septo nasal perfurados. As mulheres, nunca.

As crianças de peito não tinham ainda perfurados labios e septo; as que já possuiam os primeiros pequenos molares haviam, porém, sofrido ambos as operações.

E, por isso, acredito que só as realizam quando chegam os meninos aos dois anos.

Só depois dos cinco, ou sete, começam a fixar, no beiço e no nariz, metidas por tais buracos, numas cavilhas finas e caracteristicas, feitas quasi sempre do colmo de um capim.

O seu uso é geral na Serra do Norte. Raros indios vi sem tais cavilhas.

A do labio superior apoia-se entre os incisivos medianos do maxilar correspondente e sai agressivamente para cima; a do septo é mais grossa e mais curta. Ambas são cortadas, na justa medida, por meio de fogo.

Mal caem, logo seu portador as apanha e coloca de novo nos orificios; e algumas vezes que as tiraram, para nos mostrar como se achavam ali seguras, mais que depressa as repuseram de novo, como que envergonhados de estar assim desprovidos de tais adereços.

Em regra, usa cada indio as duas, simultaneamente. Alguns, á modesta cavilha do septo nasal, preferem outra, enfeitada com uma pena de arara ou de mutum.

Ao contrario do que se supunha, tais adornos não parecem representar nenhuma distinção honorifica; não marcam hierarquia.

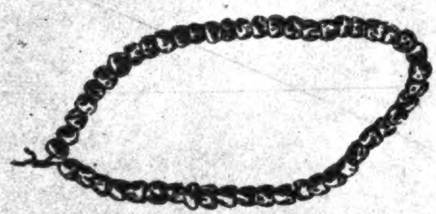


Fig. 33 — Colar feito com as sementes de uma sapotacea — Indios da Serra do Norte.

Vimos rapazolas de 18 anos paramentados com tais penachos; nenhum indio lhes dava a minima importancia.

Quando usam essas penas, desprezam a cavilha labial.

*

E' fato notavel a predileção que têm pelas contas de côr negra; fazem-nas de coquinhos, para colares de muitas voltas, e quando deixámos á sua escolha um sortimento de vidrilho, começaram preferindo as pretas.

Acabam, porém, escolhendo todas... Insaciaveis.

A côr negra, todavia, domina nos seus enfeites.

Pulseiras negras e aneis tambem de côcos negros, que usavam pendentes das orelhas, e agora já metem pelos dedos, por imitar as nossas *alianças*, colares, de alguns metros, de contas negras, penas de aves negras, rostros de coleopteros, negros tambem, tudo atesta aquela preferencia.

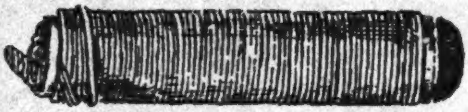


Fig. 34 — Tubo de taquara com pó escuro — Paricá? Indios da Serra do Norte.

Dos aneis da cauda do tatú canastra fazem as mulheres, polindo-os em pedras humidas, lindas pulseiras inteiriças.

*

Os indios *Nambikuáras Uaintaçús*, que aparecem em Campos Novos pelo rumo do Guaporé, muito mais grosseiros, insolentes, ariscos, desconfiados, não se esforçam por trazer no labio superior a delicada cavilha usada pelos seus parentes.

Andam alguns com um espinho de ouriço preso ao beiço; outros, com uma lasca de madeira, ou aculeo de uma arvore qualquer.

*

E' tambem caracteristico de toda a população da Serra do Norte e do vale do Juruena um manto de fibras de palmeira (Ialaçú), posto ao longo da coluna vertebral, pendente do pescoço.

As mulheres não o carregam; ainda uma garridice masculina.

*

Faz parte do seu adorno, e tanto dela se servem os homens quanto as mulheres, a pintura com o urucú.

Indios Uaintaçú
Posto de Campos Novos.

Indio da Serra do Norte
Posto de Campos Novos.

Casal de Kokozús.

Nambikuára Anunzê (Pai de
Nuleke).

Pintam-se nas ocasiões festivas; não traçam linhas sobre a pele, mas estendem a tinta sobre toda a superficie do rosto. As mulheres, depois do banho, avermelham assim o corpo todo.

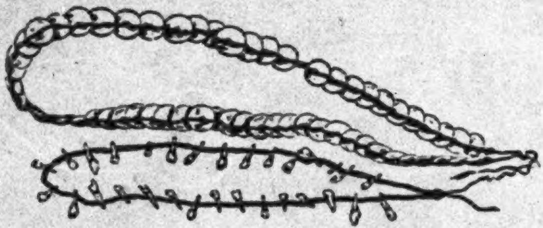


Fig. 35 — Colares de discos de nacar e de dentes de macaco — Indios da Serra do Norte.

Os indios do Juruena dissolvem o pó do urucú nagua pura; os Tagnanis preparam uma pasta, ou crême, com a mesma substancia incorporada á enxundia de alguns animais, e perfumada, bem agradavelmente, por processo desconhecido (157).

Sempre que recebiam bons presentes, machados ou contas, iam ao corrego, e voltavam com o rosto inteiramente afogueado pelo tom sanguineo da pintura.

Para os *Tagnanis*, esta pratica é sinal de especial simpatia quando executada num estrangeiro.

Merecemos todos, em Tres Buritís, essa homenagem...

*

Os homens não arrancam os pêlos pubianos, nem os axilares; algumas vezes, mesmo os bigodes, ralos, e a barba, ainda mais rala, deixam crescer.

As mulheres, porém, depilam-se inteiramente.

*

---

(157) Os Bororos empregam, para aromatizar a massa do urucú, a resina de almecega — Vide Alfredo de Andrade — "Estudo das materiaes corantes" *in* Arch. Mus. Nac., vol. XXVIII, pag. 183.

Os caminhos por onde transitam são estreitos, parecidos com trilhos do gado, em região pastoril. Em certos pontos o terreno acha-se recortado por eles; nas matas abrem tambem veredas, quebrando galhos.

Para atravessar modestos rios arranjam uma pinguela, derrubando uma arvore da margem e ageitando a quéda do madeiro de modo conveniente.

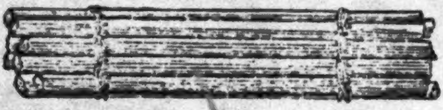


Fig. 36 — Flutuante de talos de buriti, com que os Indios da Serra do Norte atravessam os rios a nado. Segundo um croquis do Sr. G. Kuhlmann.

Se o rio é largo, fazem um molho de palmas de buriti, á maneira de flutuante, e deixam-se levar pela corrente, cruzando o curso dagua em diagonal.

Não conhecem canôa, nem praticam a navegação. Sabem nadar bem.

Caminham velozmente. Devoram, num dia, muitas leguas, sempre em passo energico, "marcha em extensão" dos fisiologistas, musculos retezos, corpo desempenado.

*

A caçada de grandes animais: anta, capivara, cavalo ou burro (da Comissão Rondon) é feita em grupos. Usam, para certas especies, flechas apropriadas que serão descritas adiante.

Para a pesca não empregavam anzóis, senão flechas proprias (158).

---

(158) Pesca — Segundo observação de Ehrenreich o uso do anzol não é de regra entre os indios, por causa das piranhas (*Pygocentrus sp.*) cuja voracidade não consente que o pescador se aproveite do pescado. Não obstante, anzóis, *pindá dos tupis*, feitos de espinhos acham-se em muitas regiões.

Os *Tagnanis* usam tambem uma especie de cóvo.

Um tipo de flecha de ponta romba, raro aliás, é destinado á captura de aves, com que brincam os pequenos nambikuáras.

Os animais caem em comoção, pelo choque, e são apanhados com facilidade. Alguns se acostumam ao cativeiro feroz; um picapáu (159) era, de vez em quando, preso, por um menino numa cabaça emborcada. Mal o pequeno revirava a cuia, a avezinha, em vez de fugir, saltava para cima dele. Verdade é que passam bem de boca as aves domesticas dos indios, porque lhes estão, a toda hora, dando comida nos labios, *gavando-as* com meiguice.

*

Uma india *anunzê,* na ocasião em que eram tomados seus diametros cefalicos, deixou caír da nuca, com imensa surpresa nossa, um filhote de ratão, que ali parecia viver comodamente, oculto entre as mechas do cabelo, como no capinzal onde nascera.

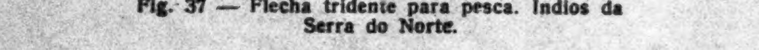


Fig. 37 — Flecha tridente para pesca. Indios da Serra do Norte.

*

Pombas (160), filhotes de urubú (161), pequenas corujas, macacos, são igualmente domesticados na Serra do Norte.

Antes da Comissão Rondon, não conheciam nem o boi, nem o gado muar, nem o cão. Do boi ainda hoje têm mêdo, por causa dos chifres; dos burros gostam, porque acham sua carne parecida com a da anta.

---

(159) Picapau — *Colaptes campestris,* Vieil.

(160) Pomba — *Chamepelius talpacoti* — rolinha.

(161 Urubú — *Sarcoramphus papa* — urubú-rei. *Catharista atratus brasiliensis,* Bonap. — urubú.

Dos cães, que a principio temiam muito, são agora grandes amigos; assim que podem, vão logo furtando alguns; e os roubados afeiçoam-se-lhes depressa, porque tão tratados á tripa fôrra. Na cuia em que o dono come ha sempre lugar para o focinho do seu cão.

*

Transportam seus filhos a tiracolo, numa faixa, que os *Kôkôzús* fazem de palha, e os outros confeccionam de algodão.

Ao menor passeio conduzem tudo quanto possuem; hábito de nomades que sobrevive em gente quasi sedentaria.

*

A caça e a pesca, exclusivamente, não poderiam manter uma população tão grande qual a da Serra do Norte. Seriam os indios obrigados a realizar grandes incursões para outros pontos, em busca de alimento; já estariam, portanto, aniquilados, ha muito tempo; ou teriam perdido suas caracteristicas, que só o isolamento pôde preservar.

Foi o germen da agricultura, que não sabemos donde houveram, se é que ali mesmo não surgiu espontaneamente, o fator que permitiu sua conservação na *idade da pedra* até hoje:

Cultivando terras uberrimas do vale do Juruena e da Serra do Norte, confiando seu sustento ao solo das matas virgens da Amazonia, puderam os Nambikuáras ir vivendo até agora naquele meio relativamente restrito. Essa influencia paradoxal da agricultura talvez não tenha sido encontrada ainda alhures, de um modo tão caracteristico; e, por isso mesmo que eram obrigados a viver da cultura da terra, foram se aperfeiçoando nessa industria, embora permanecendo num estadio de civilização muito elementar. Segregados inteiramente, sem mesmo conhecer os homens brancos e seus animais domesticos, o cão, por exemplo, os indios da Serra do Norte tornaram-se agricultóres emeritos.

Suas roças são sempre regularmente circulares. Dentro das matas acham-se, frequentemente, grandes espaços abertos; são campos artificiais, antigas roças nambikuáras.

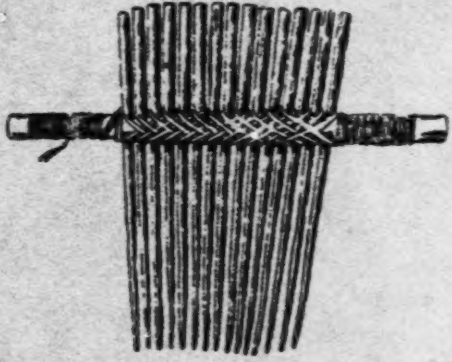


Fig. 38 — *Halatzü* — Pente dos Indios da Serra do Norte.

Usam do fogo para limpá-las depois da derrubada que, até agora, efetuavam com machado de pedra.

Para derribar uma arvore de certo porte, com tal instrumento, ajuntam-se-lhe ao redor diversos machadeiros; o lenho, mastigado pela pedra, cede mais depressa do que se pensa. Admiravel, porém, é a resistencia do encabamento do machado.

Um páu ponteagudo abre covas para as sementes.

Milho e mandioca são os principais produtos da agricultura nambikuára. Tanto um como outro não pertencem a especie alguma diversa das que entre nós são cultivadas. O milho é da variedade conhecida por *milho branco,* ou *saboró;* a mandioca se distingue pelas suas qualidades nutritivas e alimenticias. A da Serra do Norte, cultivada pelos Tagnanís, é a melhor que tenho visto, pouco fibrosa e muito rica em amilo.

Certo, não é á cultura imperfeita dos indios que a raiz deve tais excelencias, e sim aos terrenos fertilissimos em que é plantada.

*

A grande questão etnografica que a agricultura dos aborigenes suscita, e foi posta em fóco muito bem por von Martius, permanece ainda de pé.

Não se encontrou o milho, nem a mandioca, vivendo nas matas. Ou esses vegetais vieram de fóra, com os indios; ou representam especies derivadas de outras que existem em estado nativo, com especies mui diferentes, mascaradas por diversos caracteres.

Entretanto, encontramos uma tribu segregada, na *idade da pedra*, vivendo da agricultura; cultiva milho (162) e mandioca iguais aos nossos...

---

(162) *O milho dos Nambikuáras*. — As espigas de milho dos Nambikuáras, existentes no Museu Nacional, representando tres qualidades, cada qual de uma só côr, espigas bem granadas, grandes, tipo de elite, são de ordem a merecer atenção de nossos genetistas, principalmente por se tratar do milho, planta heterogama, sujeita aos azares da fecundação cruzada, muito facil no milho que é, por isso, planta de "seleção dificil", como indica o Anuario de 1928, do Ministerio da Agricultura que informa ainda ser impossivel a pureza da variedade, jogando-se com sementes mestiçadas.

A essas informações do referido orgão, ha a acrescentar, por exemplo, o fato de ser considerado o milho para os botanicos-geneticistas, como um hibrido provavel entre *Euchlaena perennis*, Hitchc (o "teosinte" perene do Mexico) e uma especie desconhecida ou extinta, segundo Collins ("Origin of Maize" — Journ. Washington Acad. Sc., 1912) assunto a ser estudado hoje á vista de extensa literatura de que indico especialmente G. N. Collins ("The Phylogeny of Maize" — Bull. of the Torrey Bot. Club, 574, April, 1930) e de Blaringhem ("Les Mutations du Mais", e especialmente "Note sur l'Origine du Mais — Métamorphose de l'Euchlaena en Zea, obtenue au Brésil par Bento de Toledo", em Ann. Sc. Nat. Bot., 1934).

Quanto ao milho em cultura, são numerosas as variedades e as raças conhecidas hoje, sendo nesse particular, muito instrutivo o estudo especial do milho, na Biblioteca Botanica, de Luerssen.

Os genetistas conhecem bem a extensa literatura sobre o milho; o que devo deixar em evidencia aqui é que o *milho dos Nambikuáras* deve ser de estirpe peruana, precolombiana, tendo, assim, provavelmente caráter secular de rusticidade que, segundo o Prof. Vavilof, deve ser tomado em grande consideração nos campos de cultura para obtenção de novos tipos selecionados.

O segredo do milho selecionado dos Nambikuáras deve ser a cultura de cada variedade em um "campo indigena" inteiramente separado

Nambikuára — Kabora.

Indio Nambikuára flechando.

[Facing p. 248]

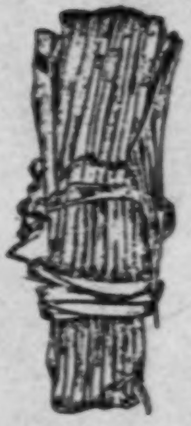


Fig. 39 — Bolsa de palha onde os indios da Serra do Norte guardam sementes de cucurbitaceas (Lagenaria?).

Ainda a mandioca tem sido encontrada em estado natural (*Manihot utilissima, Pohl*); si não a especie mesma de que nos servimos, especie do mesmo genero. E o milho?

Onde, na superficie da Terra, existe *milho* em estado nativo, a não ser a *Zea maïs* tunicata, de que alguns supõem vir a fórma hodierna?

Que desvendar de misterios, não traria o elucidar da questão?

*

Vendo os *Tagnanis* que o vaqueiro João Lucas capinava uma rocinha, em Tres Buritís, começaram a rir-se dele, mostrando que mais valia ir desenterrando a planta má; a enxada cortava os caules, mas deixava as raizes, e as hervas brotariam. A capina dos Nambikuáras é o arrancar do que não serve. Suas roças andam sempre limpas.

*

Seu fumo é a nicotiana que vive espontaneamente ali na Serra; urucú e algodão, não se póde dizer que sejam cultivados; são plantados e aproveitados. Algumas favas grandes, de diversas variedades, merecem cita-

---

de outras por matas; essa denominação *campo indigena* foi dada pelo General Rondon ás clareiras que os indios abrem nas matas, para suas culturas.

E' caso de estudar a fundo a agricultura dos indigenas, como já lembrou Hoehne, pois os productos *standards* que elles obtêm, evidenciam nelles uma intuição genetica muito accentuada.

A. J. de Sampaio.

Na 4.ª Exposição de Milho (Rio de Janeiro em 1918), foram apresentadas muitas espigas da graminea cultivada na *Rondonia* e levadas ao certamen pelo o milho dos Nambikuáras deve ser considerado autoctone, visto que apresenta coloridos inteiramente desconhecidos entre os cultivadores do mundo civilizado. Apesar de variar o colorido do tegumento, o albumen do milho da *Rondonia* é sempre muito molle e branco.

ção. Elas se encontram nas cestas dos indios, assim como muitas outras plantas; mas nunca vimos nenhum comendo, ou mesmo utilizando esses vegetais. Até ulteriores verificações, acredito sejam destinadas á medicina, que, só em segredo, velhos e velhas praticam.

Diga-se o mesmo da mamona (*Ricinus communis*), planta positivamente adventicia.

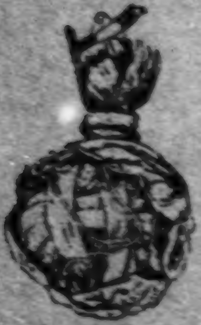


Fig. 40 — Fio de algodão — Kond-zê — envolto em folhas. Indios da Serra do Norte.

•

Em bolsa de palha, ou de folha de pacóva, resguardam do tempo, da poeira e da chuva, as pelotas de algodão que servirão para fiar, e sementes, que terão destino ainda ignorado.

•

A medicina não nos pareceu fosse exercida por orgãos especiais da sociedade india. Todos tomam parte no tratamento de certos enfermos; nos casos graves, entra em função algum velho experiente.

Sobre as feridas aplicam fibras de palha com certas rezinas (jatobá). As queimadúras, tratam-nas pela agua fria. Fraturas e luxações reduzem-se ao asar.

Sobre as placas do *baanêcêdütü* passam saliva, com a palma da mão. Apertam entre dois dedos, longamente, o ponto ferrado pelos insetos.

Os que têm febre recolhem-se a um canto, quietos, quando não se atiram nagua corrente. Durante o acesso nada comem.

Havia, na aldeia do Juina, um velho indio, de cerca de 60 anos. Estava triste, acabrunhado; pouco se animou com os nossos presentes. Punha as mãos na cabeça, para indicar que lhe doia. Um rapaz, que parecia seu filho, pelo extremo de ternura com que o tratava, á revelia dos outros indios, oferecia-lhe mel com agua, repetidas vezes. Ele virava a cara. A' tarde, como o seu estado não melhorasse, chamou o moço, e disse-lhe qualquer cousa.

O rapaz agarrou-lhe a cabeça entre as mãos e colou a boca nas fossas nasais do velho, aspirando com força. Parece que esta succção, repetida mais tarde, aliviou o enfermo, que se tornou mais expansivo.

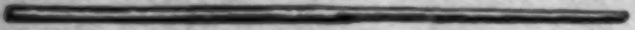


Fig. 41 — Instrumento cirurgico dos Indios da Serra do Norte.

O parto deve ser facil, visto que os fétos são excessivamente mal nutridos. As indias, quando não ha leite bastante, tomam na boca um góle dagua e aplicam os labios aos dos filhos, passando-lhes o liquido num beijo nutridor.

Desejando saber como cortam o cordão umbilical, mostrei a diversos indios, mais acessiveis e mais inteligentes, *Damasceno, Nulêke, Krikriceknerú*, a figura de um livro onde havia um féto com seus anexos. E, das respostas que *Damasceno* ministrou, pude entender que a mãe corta o cordão com os dentes e esconde a placenta debaixo de folhagens.

Esta informação, como se vê, deve ficar sujeita a revisão.

*

O desenho dos indios da Serra do Norte, embora elementar, já apresenta alguns motivos interessantes, tirados da imitação das fórmas animais.

A circunferencia, o triangulo, o quadrado, aparecem desenhados em negro na superficie de algumas cuias.

Cobras e saurios acham-se, ás vezes, representados nos seus traços essenciais (163).

*

A plumaria reduz-se a poucas manifestações; é mesmo insignificante. Uma das estampas deste volume figura interessante diadema de penas, que é contrafacção de objeto semelhante, porém admiravelmente bem trabalhado, que os indios conquistaram a vizinhos do oeste, e tambem se acha no Museu (164).

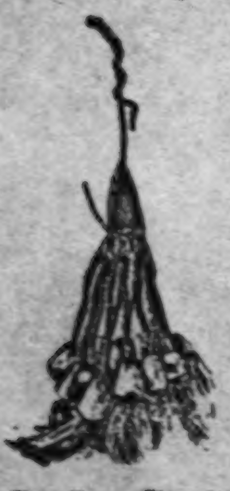


Fig. 42 — Pingente de penas de tucano. Indios da Serra do Norte.

*

Das suas dansas pudemos observar dois tipos: uma *dansa guerreira*, que apanhámos em filme cinematografico exibido na Bibliotéca Nacional a 15 de março de 1913, onde figuram indios dos grupos Kôkôzú, Anunzê, e Uaintaçú, e uma *dansa festiva*, em que tomámos parte, em Tres Buritís, executada pelos Tagnanís e Tauitês em nossa honra.

A dansa guerreira cinematografada em Campos Novos foi, depois, repetida tambem pelos Tagnanís, em Tres Buritis.

---

(163) Cf. E. Roquette-Pinto — Documentos para o estudo da psicologia dos indios do Brasil — in Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal — Rio, 1917.

(164) A distribuição dos ornatos semicirculares de palha para a cabeça compreende, sobretudo, o Estado do Amazonas e inclue ainda os Huari do Guaporé, que têm analogia com os Nambikuáras pelos machados primitivos, pelas casas redondas, etc. (cf. Nordenskjöld, "The ethnography of South America seen from Mojos in Bolivia").

O uso do algodão deu extraordinario desenvolvimento á plumaria entre os tupis como evidenciei com os belissimos enfeites dos Urubús do Gurupí; os Nambikuáras conhecem o algodão, mas não desenvolveram siquer uma plumaria baseada no trançado ou nos reticulos, o que supõe reduzida tradição de tais recursos texteis. Os Ouaiaquis, tupis de cultura rudimentar, segundo Vellard, não têm plumaria nem lavoura (R. L.).

Armados de arcos e flechas, dispõem-se os guerreiros em linha, colocados a uns 15 metros de um pedaço de páu que figura o inimigo, cantando em compasso binario, marcando o tempo com o bater dos pés no chão.

Dois indios, com as flechas prontas e arcos semitesos, partem da fila, como quem anda cautelosamente oculto entre as moitas do cerrado; fazem uma grande volta e, chegando perto do *inimigo*, desferem as armas contra ele.

E' o sinal do ataque; cessa o canto e uma chuva de flechas cai sobre o *infeliz*...

Logo depois avançam sobre ele, a pauladas, com os arcos, ou com outros cacetes, e sovam-no a valer. Aliás, é sempre essa a função da flecha: imobilizar o inimigo ou a caça. Permitir que o agressor se chegue e acabe sua obra a cacetadas. Caçada ou combate, qualquer ataque é sempre feito de emboscada. Mesmo por que, a certa distancia, o erro de pontaria dos indios é muito maior do que geralmente se acredita. Os Nambikuáras não são dos melhores atiradores. Estão muito longe de atirar com os pés, como os Borôros. Por elevação, alguns atiram bem. Nenhum escudo, absolutamente, empregam, nem na caça, nem na guerra. Depois do ataque, procuram rehaver os projetis; uma flecha dá trabalho para ser feita e não deve ser malbaratada...

Seguram na mão esquerda um molho delas, e atiram com incrivel rapidez, uma atrás da outra.

*

Na dansa festiva tomaram parte homens, mulheres e meninas.

Ao som de uma cantiga intérmina formou-se grande roda. As mulheres á esquerda dos homens, constituiam-se pares sucessivos, fechando o circulo; cada homem colocava a mão no ombro da respetiva "dama". Dentro da roda, tres meninas da mesma idade, pouco mais ou menos, acompanhavam-nos em fila, muito juntas, com os olhos baixos, as mãos cruzadas sobre o peito. A do centro servia de eixo para todo aquele sistema coreográfico...

Começou-se a rodar ás 7 horas da tarde, cantando sempre. As meninas, sem discrepar, deixavam no chão pulverulento marcas regulares, que a luz da lua alumiava perfeitamente. Dir-se-ia que punham os pés nos mesmos rastros, feitos na primeira volta. Meia-noite. A' beira das fogueiras, que cada familia acende, dormia a gente velha; resmungavam alguns, avivando morrões que pareciam pequenos rubís esparsos. E na roda, suando, cheios de poeira, mais mortos do que vivos, todos nós entravamos no côro:

— *Tagnaní-i! Tagnaní-i!*

— *Tangrê!*

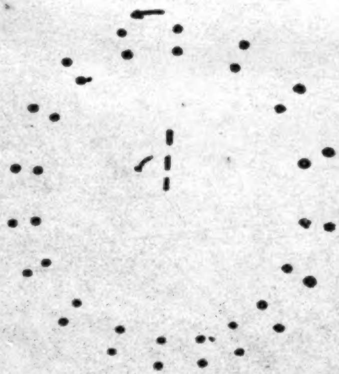


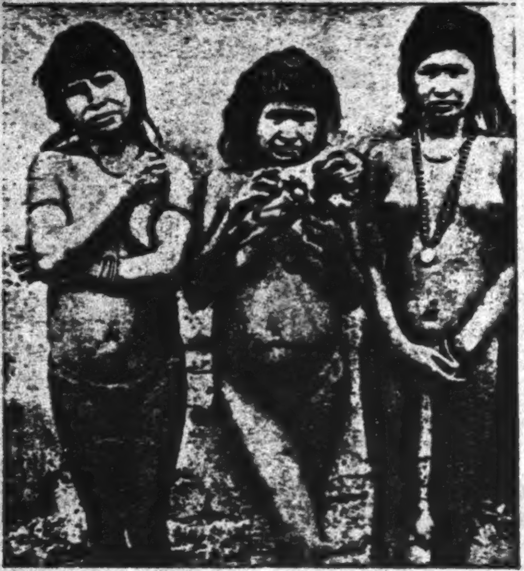
Fig. 43 — Dansa (astrólatra?) dos Tagnanis (esquema).

E assim foi, durante o resto da noite. Quando um de nós fugia, e procurava a rêde, vinham logo dois ou tres latagões reforçados, falando muito; e empurravam para o seu posto o desertor...

*

A letra desses cantos, infelizmente, não foi apanhada. Apenas conhecemos as duas palavras que ali estão: *Tagnaní*, nome da tribu; *Tangrê*, estrela. Astrolatria? As tres figuras centrais daquela dansa, em que se falava de estrelas, trouxeram-me ao pensamento a

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara



Mulheres Anunzê — Serra do Norte.

Acampamento dos Tauitês — Em Tres Buritis.

[Facing p. 254]

formosa constelação do Orion, onde existem as Tres-Marias.

*

No fonografo apanhei dois trechos kôkôzús, transcritos aqui. Foram passados para a notação musical pelo professor Astolpho Tavares.

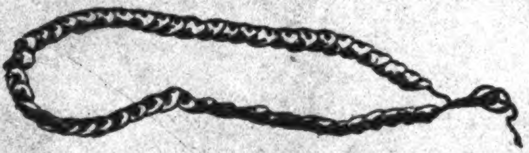


Fig. 44 — Colar de conchas. Indios da Serra do Norte.

O diapasão em que os Nambikuáras exprimem sua musica difere do nosso *diapasão normal* cerca de meio tom, para baixo.

As notas usadas nos temas colhidos são *dó*^{1}, *mi*^{2b}, *fá*^{2}, *fá*^{2}♯, *sol*^{2}, *lá*^{2}.

Não se encontram ré e si.

Os trechos registrados estão em *la bemol maior* (Fonograma n. 14.599), passando para *mi bemol menor;* e em *mi menor* (Fonograma n. 14.600).

Os motivos musicais desenvolvem-se em tempos binarios.

*

Os indios da Serra do Norte apresentam duas modalidades de organização social bem caracterizadas. Ainda desse ponto de vista *Tagnanís* e *Tauitês* são mais adiantados que *Kôkôzús* e *Anunzês.*

Estes vivem em regime patriarcal; o pai governa a familia, em muitos casos, monogamica. Os filhos, depois da puberdade, constituem familia, á vontade, continuando a venerar seus progenitores.

Tratam com imenso carinho os filhos, aos quais nada recusam. Raras vezes os castigam. Mais de um indio, já de certa idade, caminhava leguas e leguas com um pequeno ás costas, para chegar onde estavamos e dar-lhe presentes dos que distribuiamos.

Não têm chefes definidos. Alguns, que os tropeiros costumam chamar chefes, são apenas individuos mais influentes, aos quais os outros atendem muitas vezes.

*

Em Campos Novos recebemos, certo dia, a visita dos *Kôkôzús* e dos *Anunzês*. Dormiram ali muitos rapazes desses dois grupos: *Nulèke, Krikriceknerá,* ou Manduca, *Paixão, Preguiça, Damasceno* e o celebre *Cavagnac,* suposto chefe da maloca do Urutáu, tipo malvado, que costumava cercar os tropeiros na linha para tomar-lhes as cargas.

No dia imediato vieram muitos *Uaintaçús,* atrevidos e ariscos; gente bastante desagradavel.

Os outros, quando viram que eles se aproximavam, começaram a dar sinais de impaciencia. Finalmente chegaram os *Uaintaçús* muito excitados pela presença dos nossos hospedes daquela noite. Começou uma interminavel discussão entre os tres grupos. Todos falavam, gesticulavam, irados, olhos brilhantes, a pique de se agredirem. Temendo esse conflito, que seria desastroso, por todos os titulos, começámos a intervir, distribuindo cigarros, fosforos, machados, etc., distraindo-os. Acalmaram-se. Mas alguns rapazes Kôkôzús e Uaintaçús continuaram a discutir e, aos poucos, foram cercados pelos outros que ouviam tudo muito atentos. Falavam dois de um lado. Respondiam dois do outro. Os que falavam eram dois indios mais espertos, inteligentes, ousados, *Damasceno* e o tal *Cavagnac* que nada indicava fossem chefes verdadeiros, reconhecidos como tais em toda ocasião.

Eram chefes transitorios.

Já entre *Tagnanis* e *Tauitês* existem chefes temporais, perfeitamente bem definidos. Um se distinguia porque andava sem um enfeite. Efetivamente, ele mandava, e todos obedeciam.

Tinha tres mulheres.

*

A condição da mulher nambikuára não é tão desgraçada como a de outras indias do Brasil. Trabalha muito, é certo. Colhe frutos, rala mandioca, soca ao pilão, arma os toldos, fia algodão, carrega a tralha da familia, cuida dos filhos, toma parte na cultura da roça; mas é tratada, em regra, com muita ternura. Eles são ciosos de suas esposas; e elas timbram em ser fieis. Deixam longe, nesse particular, suas vizinhas Parecís...

Continuamente, os casais se amimam. E nenhuma caricia parece mais suave e mais doce, ao terno amante que o passear dos dedos da eleita pelos seus cabelos.

Compreende-se, porque a cabeça de um nambikuára é um viveiro a enxamear...

O casamento, segundo as informações do soldado Gouveia, obedece a cerimonias simples. O noivo pede, ao pai da sua amada, consentimento para a união. O progenitor, si acede, dá-lhe um arco e um môlho de flechas, dizendo-lhe que deverá, com aquelas armas, manter a familia que vai fundar. Só.

Para mostrar que um certo menino é filho de um indio usam de um gesto expressivo que, na sua inocencia, repetem: curvam o polegar e o indicador esquerdos, em fórma de anel, ao redor do outro indicador em extensão. Batem, depois, no ombro do filho e no do pai, dizendo:

— *Uétũl* (filho).

*

Respeitam muito os velhos. Poupam-lhes as fadigas que podem. Quando voltavamos da aldeia do Urutáu para o posto do Juina, fizeram-nos conduzir, no arção da sela, as cestas de dois velhos do grupo que nos acompanhava em busca de presentes. Os moços e as mulheres lá se foram, cada qual carregando o seu *atiçú* sem apelar para auxilio estranho.

*

De sua religião apenas sabemos que é fetichista. Não conhecemos nada do seu culto, nem do seu regimen; muito menos do seu dogma.

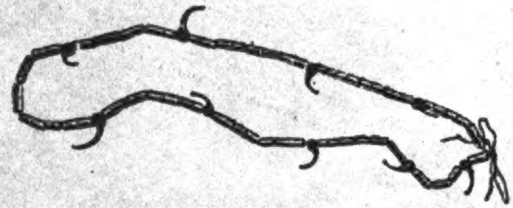


Fig. 45 — *Dodezé* — Colar com rostros de coleopteros. — Indios da Serra do Norte.

Os grupos septentrionais parecem evoluir para a astrolatria. Tendo ameaçado a lua e as estrelas com uma flecha, preparada no arco, prestes a desferir a agressão, levantaram-se bruscamente muitos Tagnanís e sustaram o meu gesto, falando muito exaltados, repreendendo-me, tomando-me a arma, como si aquilo fosse um sacrilegio.

Os *Kôkôzús* e os *Anunzês* ameaçam a tempestade com suas armas, bracejando no espaço para todos os lados, invectivando a chuva em altos brados.

Outras vezes são as mulheres que sobem a uma casa de cupim e, soltando baforadas de fumo, atiram cinzas no ar, para amedrontar a tormenta.

*

Seus ritos funerarios ainda não nos são conhecidos. Ficou todavia apurado que não incineram seus defuntos, nem os devoram. Enterram-nos diretamente no sólo. Os *Kôkôzús*, em cóvas redondas; os *Tagnanís*, em sepulturas alongadas.

*

Os fenomenos da numeração acham-se bem esboçados na população india da Serra do Norte. Na sua mimica, muito expressiva, contam pelos dedos, dizendo para cada unidade:

— *Dêra.*

E quando terminam a passagem dos dedos das mãos, si o numero vai além, levantam um pé, repetindo a mesma palavra, e depois passam ao outro pé.

Um chefe tagnaní, querendo dizer que sua gente vinha já perto de nós, trazendo-nos mandioca, milho, massa, etc., em *muitas cestas*, após haver contado pelos seus proprios dedos e artelhos, bateu nas mãos e nos pés de outros circunstantes, repetindo sempre:

— *Dêra, Dêra, Dêra* (isto, isto, isto).

Para contar os dias, passados ou futuros, que os separam de um certo lugar, levam a mão direita á face, inclinam sobre a palma a cabeça, fecham os olhos e resonam fortemente, tantas vezes quantas são as noites cujo numero desejam indicar.

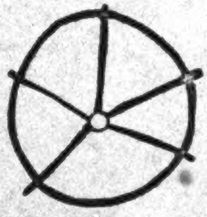


Fig. 46 — Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.

As noções de fórma e extensão acham-se tambem definidas entre eles. Os *Kôkôzús* chamam — *Irengçú* — á circunferencia; *Nendzú*, ao triangulo. Talvez estas palavras nada mais sejam que apelidos de animais ou objetos, dados, por extensão, ás figuras, que traçam perfeitamente.

*

Distinguem o *nascente* e o *poente.* Marcam, aproximadamente, os momentos do dia, indicando, com o gesto, o lugar em que o sol deverá estar sobre o horizonte na hora que desejam determinar. Não parecem distinguir as constelações; sempre deram os mesmos nomes para qualquer estrela que se lhes indicasse. *Tangrê* chamavam os *Tagnanis* indiferentemente, á cintura do Orion, que esquematizavam no sólo, e as estrelas maiores desse grupo excepcionalmente belo: Riegel, Betelgeuse, ou Belatrix. O eclipse total do sol, muito bem observavel na Serra do Norte, em 1912, a 10 de outubro, não impressionou absolutamente os Nambikuáras.

*

Das noções biologicas que, por acaso, já tenham apanhado, não é possivel falar ainda. O que obtivemos não nos satisfez.

*

Os indios da Serra do Norte falam dialetos diferentes, aparentados entre si. Cada um exprimindo-se no seu idioma, entende-se muito bem.

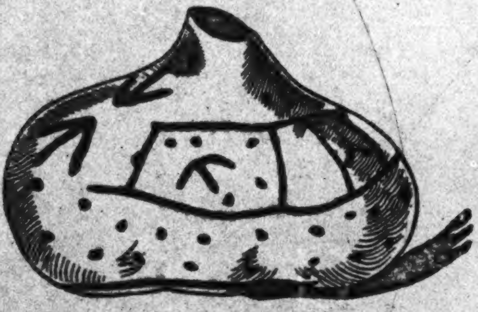
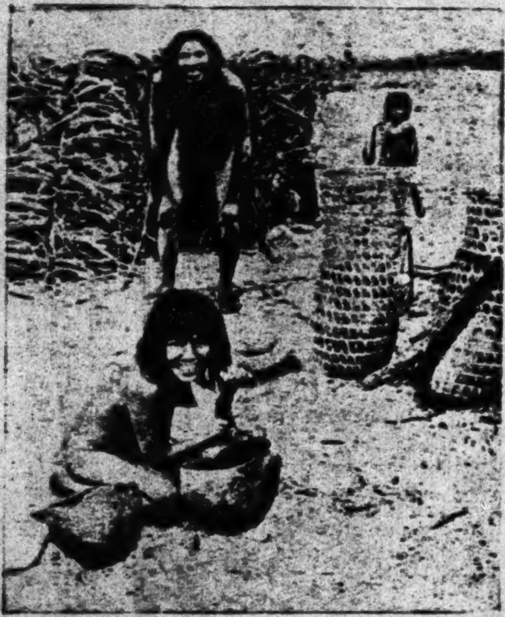


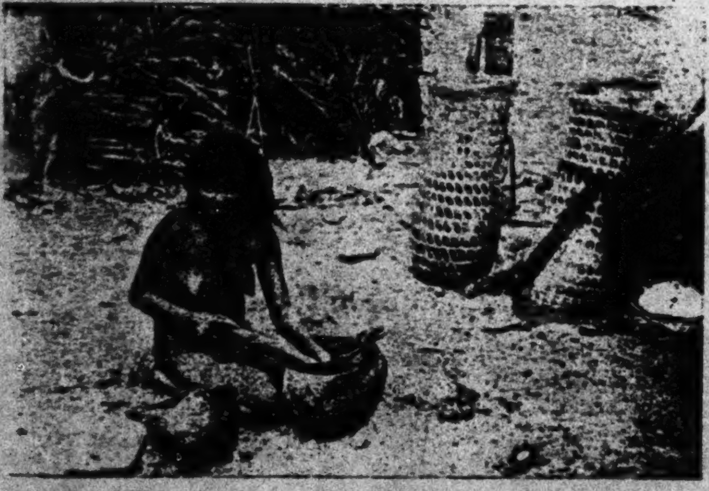
Fig. 47 — Cabaça pintada — Indios da Serra do Norte.

Quatro vocabularios conseguimos: *Kôkôzú, Anunzê, Tagnani* e *Tauitê.*

Os mais abundantes, *Anunzê* e *Kôkôzú,* foram obtidos com o gráu de aproximação e segurança possiveis, e parece-me que suficientes, graças aos indios *Nuléke* e *Krikricêknerá,* amigos dedicados do tenente Py-



Indios do Juina.



India do Juina.

[Facing p. 260]

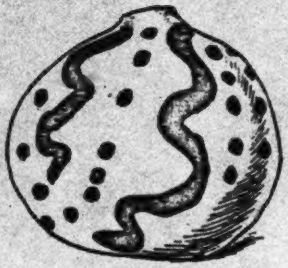


Fig. 48 — Desenhos dos indios da Serra do Norte.

rineus de Souza desde o tempo em que esse oficial estivera dirigindo o posto de Campos Novos.

Nulêke é de tal maneira afeiçoado ao tenente Pyrineus que, quando voltamos em 1912, ele, aflito, não hesitou em transpôr os limites de suas terras, e, saindo de um territorio que nenhum deles, desde muitos seculos, abandonára, veiu com uma tropa a Tapirapuan em busca do amigo.

Foi o primeiro a se entregar, em confiança, á gente brasileira.

Esses dois indios viviam, em Campos Novos, como si fossem *crias* da casa.

A' noite dormiam, ambos, debaixo da rêde do Pyrineus. Falavam já algumas palavras da nossa lingua.

Para o idioma dos Kôkôzús foi auxiliar precioso o indio Damasceno (*Urinenoá*), a quem já consagrei outra nota.

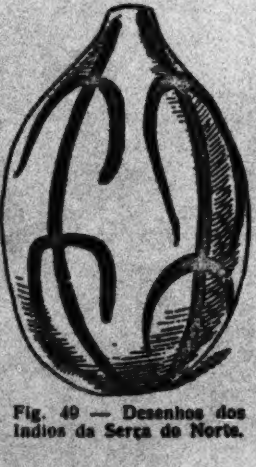


Fig. 49 — Desenhos dos indios da Serça do Norte.

Este foi o mais inteligente que pudemos encontrar. Repartia com ele essa situação, um Tagnaní de quem nos separamos com pesar. Entendía o menor dos nossos gestos. Atendia perfeitamente a qualquer pedido nosso. Foi ele quem se prestou a simular um ataque a flechadas, que, por sinais, lhe solicitei, operação que hoje se acha arquivada em um dos *filmes* pertencentes ao Museu, projetado na Biblioteca Nacional, em 1913.

*

Cada palavra dos vocabularios colhidos foi verificada, mais de uma vez, em presença do objeto, ou do fenomeno que exprime.

Muito mais que a quantidade de vocabulos, interessou-nos a qualidade de cada qual.

Isto não quer dizer que julguemos impossivel qualquer retificação; basta confrontar dois lexicos, tomadas por pessoas capazes, entre os mesmos indios, em ocasiões diferentes, para ver como certos termos surgem alterados.

*

O alfabeto da lingua nambikuára compreende as seguintes vogais:

a, ê, i, ô, o, u, ü

com o mesmo valor que têm no alfabeto português; ü — com o som intermediario a *ü* alemão e *eu* francês.

Consoantes:

b, c, d, g, h, k, l, m, n, r, s, t, z

h — sempre fortemente aspirado, como *ch* alemão.

Faltam:

f, j, v, x

São grupos consonantais caracteristicos:

an, kr, tch, dn, gn, tg, tn, kd, kz, kt, nt, nz, tz, td, nç, tç, tzü, gç, gd, ndz, nk.

*

Em todos os dialetos nambikuáras, os vocabulos que designam as partes do corpo humano têm o mesmo radical, ligeiramente modificado, num ou noutro caso — *Uá* ou *Toá*.

	KÔKÔZU	TAGNANÍ	TAUITÊ	ANUNZÊ
Braço .	Oá-nukiçú	Uá-nokrí	Toá-rabatndê	Uá-nukizê
Boca . .	Toá-iuçú	Uá-iurí	Tá-iuirí	Uá-iuarê
Lingua .	Toáio-herú	Uái-hêndê	Táiu-hendú	Uáile-herú

A particula *Toá* — (Uá, Oá) — tem aqui o mesmo valor possessivo do grupo *Nu*, nas linguas *Aruaks;* só se encontra nos vocabulos consagrados ás regiões do corpo humano (165).

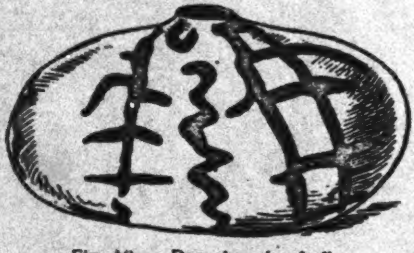


Fig. 50 — Desenhos dos Indios da Serra do Norte.

Quasi todos os vocabulos *kôkôzús* terminam em *zu* ou *çú*, empregados, indiferentemente. As palavras *anunzês* terminam muitas vezes em *zê*. Mas, neste ultimo som deve ser aproximado do — *gê* — para ser pronunciado convenientemente (165-a). No dialeto dos *Tauitês* e nos dos *Tagnanís* é comum a terminação em *rê, ri, di, tê* (*r* brando).

*

Merece especial menção um grupo, que nessas linguas se encontra com relativa frequencia, muito importante para apreciar as relações de tais idiomas com outros americanos.

---

(165) Cf. E. Roquette-Pinto — "The Indians of Serra do Norte" — in Proceedings of the Second Pan-American Scientific Congress — Washington, 1917.

(165-a) E' possivel que se trate de um traço linguistico de aproximação Nambikuára-Gê (H. A. T.).

E o grupo: *gui* ou *gue*:

Kai*gue*tazú — flauta (Kôkôzú). Hau*gui*dê — frecha lisa (Tagnaní).

Toái*gue*dokrê — mão (Tauitê). Uáne*guê*tu — cabeça (Anunzê).

*

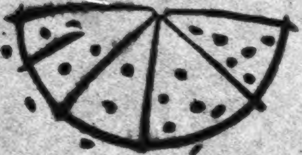


Fig. 51 — Motivo ornamental. Indios da Serra do Norte.

Embora existam diversos sistemas foneticos para representação das linguas primitivas — (Alfabeto Kosmos, de Schmidt, etc.) (166) — julguei preferivel usar as letras do alfabeto latino, acrescidas de algumas especiais notações (ũ) ao alcance de qualquer leitor.

*

Si ainda estivesse em favor a chave linguistica de Martius, a lingua dos Nambikuáras seria incluida entre os idiomas do grupo *Guck* ou *Kôko*. Tal familia, porém, por muito heterogenea, não se manteve; e hoje seus antigos membros acham-se filiados nas tribus *Gê-botucudo* e *Nu-aruak*.

Nesses dois grupos encontram-se os *Guck*, de Martius.

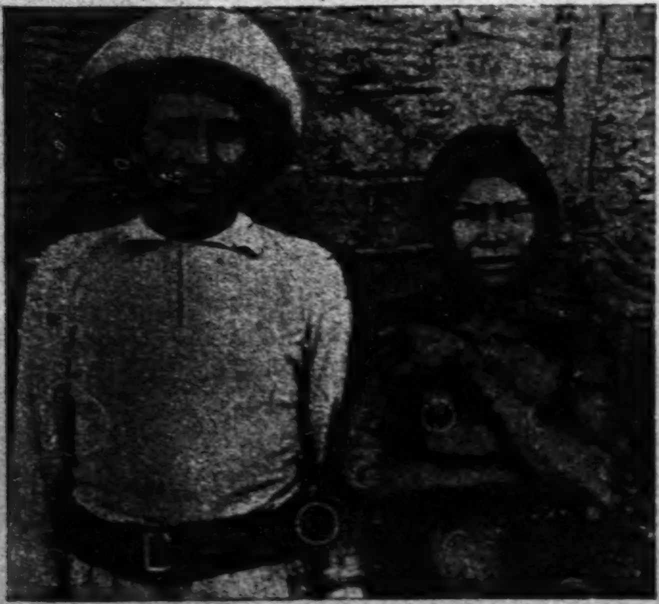
Ora, os idiomas ligados á familia Nu-aruak têm caracteristicas frisantes, que não encontramos nos da Serra do Norte.

Assim, a particula possessiva pessoal — *Nu*, um dos sinais mais valiosos para diferenciar tais idiomas, não se encontra absolutamente entre os Nambikuáras.

---

(166) O Padre W. Schmidt ("Anthropos", 1907) expõe minuciosamente a evolução-historica da fonetica e os diferentes sistemas que têm sido propostos. Apresenta no mesmo trabalho o seu sistema que tem tido grande aceitação.

Indios da Serra do Norte
Estação de Utiariti.



Pareci e Nambikuára na Estação Telegrafica
de Utiariti.

[Facing p. 264]

O vocabulo preposto á designação da agua, um dos melhores elementos de comparação linguistica, pela constancia com que se mantem através de todas as diferenciações dialetais, na familia Nu-aruak (Onê, Uní), não é representado na Serra do Norte por nenhum equivalente.

Bastariam tais elementos para distanciar a lingua dos Nambikuáras dos idiomas Nu-aruaks.

Mas, além disso, é facil verificar a perfeita discordancia dos lexicos. Compare-se o vocabulario parecí, excelente representante da familia Nu-aruak, com o dos indios da Serra do Norte. São completamente diferentes.

*

Si procurarmos, na Sul-America, idioma que ofereca semelhança profundas com os dos Nambikuáras, em vão o faremos.

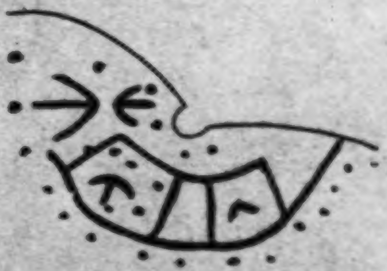


Fig. 52 — Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.

E' todavia certo que a lingua dos *Suiás*, do Xingú, mostra algum ar de parentesco com os dialetos da Serra do Norte. Essa aproximação tem o seu melhor argumento na particula possessiva *Woa*, dos Suiás, que é claramente encontrada entre os Nambikuáras, seja *Ua* ou *Toa*.

Por esse carater, pois, e ele é valioso, visto que tem servido de base ao moderno grupamento das nossas tribùs, onde estiverem os Suiás, deverão ser colocados os Nambikuáras (167).

Aqui o problema atinge, talvez, sua maior dificuldade, porque si os botocudos do Xingú são colocados ao lado dos *Gés*, pela autoridade de Ehrenreich, outros conhecedores da linguistica sul-americana julgam, talvez com razão, que eles devem formar ao lado dos *Karajás*, constituindo o *grupo karajano*, de Chamberlain (168).

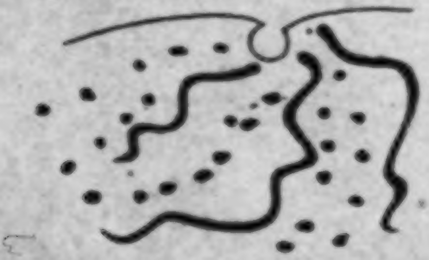


Fig. 53 — Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.

Todavia, não é possivel deixar de reconhecer, na lingua dos Nambikuáras, certos caracteres especiais, encontrados na lingua *Kiriri*. Tais caracteres são exclusivamente fonicos e muito menos valiosos do que si fossem lexicos ou morfologicos.

---

(167) Fritz Krause ("Beitraege zur Ethnographie des Araguaya-Xingú Gebietes", in Congr. Int. de Americanistas — Gotemburgo, 1924) depois de confirmar a aproximação linguistica aqui apontada, ainda pretendeu estreitá-la mais, indicando novas palavras de ligação não só com o Karajá como com linguas Gé.

Quanto ao aspecto cultural, o que ressalta, particularmente depois dos Estudos Etnograficos comparativos de Nordenskjöld, é que os Karajás — e como eles tambem os Nambikuáras — sofreram influencia de culturas sub-andinas.

Os Karajás apresentam indicios de ter recebido parte dessa influencia quando ela se estendeu às populações do Chaco que, assim, parece ter sido antigo habitat desse povo. (Cf. Krause, contribuição citada).

Os Nambikuáras por sua vez, conforme já foi expresso em outras notas, parecem ter sofrido tal influencia por outra via; provavelmente o outro caminho, apontado por Nordenskjöld, da expansão de culturas sub-andinas: do nordeste da Bolivia pelas vertentes amazonico-platinas (Nordenskjöld — Estudos citados, vol. I). (H. A. T.).

(168) Krickeberg, Rivet e outros especialistas conservam os Suiás entre os Gés.

Resumem-se na presença dos grupos *tç*, *tz*, *kr* admitidos como especiais ao Kiriri — (Baptista Caetano).

*

Sem possuir textos bem traduzidos não é possivel aprofundar mais o exame daqueles idiomas. Mesmo as aproximações acima esboçadas serão sujeitas a revisão, quando houver material linguistico maior.

*

A respeito da coleção do Museu, cabem aqui as seguintes notas:

Os arcos dos indios da Serra do Norte (*Hukiçú*) são de ipê (169), muito longos, de 1m,70 a 2 metros; de secção semicircular. De todas as tribus do Brasil, só a dos Katukinas, do rio Purús, usa amarrar de modo semelhante a corda ao redor da arma (3.686).

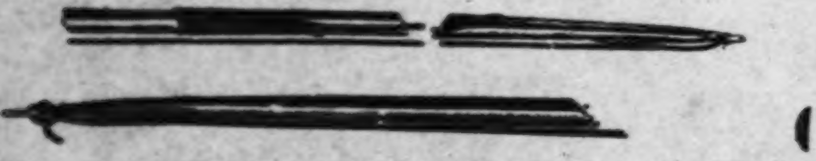


Fig. 54 — Arco e sua secção transversal. Indios da Serra do Norte,

A fórma da secção transversal é, porém, diversa; o arco dos Katukínas é quadrangular.

Fizemos experiencia afim de avaliar, aproximadamente, a força necessaria para dar a um arco a indispensavel eficiencia.

Para obter, em um deles, medindo 2m.38 de comprimento, por 0m,047 de maior largura, corda de tucum

---

(169) Ipê — Vide nota n.º 37 sobre a planta.

Aproximações

	Nb. kôkôzú	Nb. anunzê	Nb. tagnani	Nb. tauitê
Genitalia...	—	—	–	Taguiri
Peito	Toarunkirú	—	—	Tanakaindê
Cobra	Tiçú	—	—	—
Milho	—	—	Ketí	—
Perna	Toaçuçú	Uaçuré	Uaduri	Talahendê
Bôca	Toaiuçú	Uainarê	Uaiuri	—
Dente	Toainiçú	—	Difirú	Taiú-iri
Arvore......	Içú	—	—	—
Lingua	Toaio-herú	Uauirê	Uaihendê	Taiú-hendê

com 0m.002 de diametro, uma flecha de 50 centimetros, foram necessarios 66 kgs. de tração dinamometrica.

Ao atirar, o indio emprega o *modo mediterraneo* (4.° modo de *Morse*): arco vertical, flecha encostada ao seu bordo esquerdo, presa, pela base, entre o indicador e o médio da mão direita.

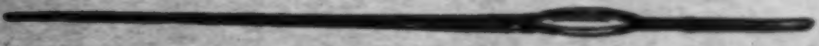


Fig. 55 — *Aniçá* — Flecha de ponta lisa e cilindrica Indios da Serra do Norte.

Na America esse metodo é peculiar aos Eskimós; os *Peles vermelhas* empregavam outros. No Brasil, nenhuma tribu dele se utiliza, ao que pude verificar; nos-

Linguisticas

(Martius) — Chicriabá	(Martius) — Cherente	(Martius) — Camacan	(Ehrenreich) — Karaiá	(K. v. den Steinen) — Suiá
D'agri	—	—	—	—
—	Dajukudá	—	—	—
—	—	Ti	—	—
—	—	Kechu	—	—
—	—	Guang-gaté	—	—
Daidana Datohá	Dagnen	—	Waru	Wanakoni
—	—	Aenkräh-tciokah	Wa-idzu	Woatná
—	—	—	Iô	—
—	—	—	—	Wanuotó

sos indios atiram a flecha, em geral, pelo terceiro dos metodos sistematizados por *Morse.*

•

Hermann Meyer, a quem devemos um minucioso e interessante estudo de arcos e flechas do Brasil, classifica os primeiros em cinco grupos:

1.º *Arco Peruano* — Secção quadrilateral ou eliptica. Quasi sempre feito de madeira negra da palmeira chonta (170).

---

(170) Palmeira chonta — ou palma real dos Bolivianos (Guilielma insignis, Mart.) de Matto-Grosso, no limite com a Bolivia, segundo Caminhoá.

2.° *Arco Brasileiro-Septentrional* — Secção semicircular. Madeira vermelha escura, alisada, de uma arvore leguminosa.

3.° *Arco da Guiana* — Secção parabolica. Goteira na face anterior. Madeira parda escura. Pequeno.

4.° *Arco do Chaco* — Secção circular. Madeira vermelha. Pequeno.

5.° *Arco Brasileiro Oriental* — Madeiras diversas. Divide-se este em dois sub-grupos, ligados aos do Xingú, ao norte, e aos dos Kamé, ao sul. Para o ocidente, compreende desde o arco liso, fôrte, cilindrico, até ao enleiado de cipó, dos Borôros. Para o oriente, abrange os arcos dos Gés. Os Tupis, do Paraguai, acham-se no ramo oriental deste grupo.

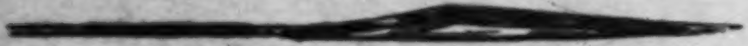


Fig. 56 — Uanfiçá — Flecha de ponta de taquara dos Indios da Serra do Norte.

Além dos cinco tipos, Meyer distingue os que correspondem aos Matacos, Fueginos e Centramericanos (171).

•

A secção transversal coloca o arco dos Nambikuáras entre os do segundo grupo de Meyer. E' mesmo bem semelhante á dos arcos Munduracús (14.026) - Cod. Mus. Nac.). O enrolamento da corda obedece á pratica das tribus em que se encontra o PERUTYPUS, do mesmo etnologo.

•

---

(171) O arco de secção quadrangular, dito peruano, encontra-se para L. nos Tupis do Gurupí (Urubús), junto com a flecha de emplumação-costurada dita do Xingú (Ararandeuáras, Urubús). A emplumação peruana com resina e o arco contribuem para evidenciar, entre os Nambikuáras, influxos culturais das tribus sub-andinas e amazonenses (R. L.).

Meyer classifica as flechas do Brasil em sete grupos, hoje insuficientes, porque outros tipos foram encontrados depois da sua publicação. Contudo ali se encontram as principais caracteristicas das nossas flechas. A base dessa divisão é a emplumação das armas:

1.° Tipo — *Emplumação Brasileira-Oriental* ou *Tupi-Gê* — Penas inteiras, presas com fibras. Base revestida de fios enrolados. Pequena penugem na base.

2.° Tipo — *Emplumação da Guiana* — Uma pena, fendida ao meio, longitudinalmente, fornece duas porções que são presas á haste por aneis de fibras passados em diferentes pontos. Na base da flecha ha um fragmento de madeira onde existe um entalhe para receber a corda.

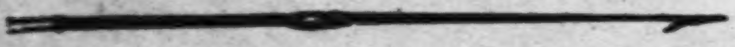


Fig. 57 — *Alé-ainçá.* — Flecha dos Indios da Serra do Norte.

3.° Tipo — *Emplumação do Xingú* — Duas meias penas, como no tipo anterior, presas por fios que atravessam a espessura da haste da flecha.

4.° Tipo — *Emplumação dos Araras* — Duas meias penas, longas, presas, de espaço a espaço, por aneis de fibras; na base, um segmento da haste revestido de fios.

5.° Tipo — *Emplumação Maué* — Semelhante ao n. 1. Duas penas inteiras, presas no apice e na base. Na base da flecha, um fragmento de madeira dura, com entalhe para a corda.

6.° Tipo — *Emplumação Peruana* (*com fibras*) — E' muito semelhante ao 1° tipo. Só se encontra no Ucaiale.

7.° Tipo — *Emplumação Peruana* (*com resina*) — Este acha-se dividido em dois grupos: o septentrional, pertencente á Amazonia e o meridional, encontrado no Chaco. Caracteriza-se pelo preparo das penas, fendidas longitudinalmente e depois raspado o tubo até ficar reduzido ás camadas superficiais. São então amarradas, em helice, sobre a haste, e mantidas por fios e resina preta.

*

A emplumação das flechas dos indios da Serra do Norte pertence, claramente, ao 7.º tipo.

Nossa coleção possue *flechas de guerra, flexas de caça,* e *flechas de pesca.* E' certo, porém, que essa divisão não é sempre mantida; e, quando se faz preciso, os indios empregam indiferentemente qualquer tipo.

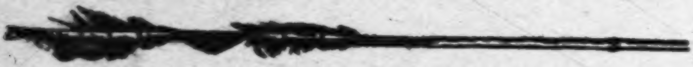


Fig. 58 — Emplumação das flechas dos Indios da Serra do Norte.

Aniêçú — E' a flecha de ponta de madeira vermelha, cilindrica, lisa, com que caçam macacos (2.111 - Col. Mus. Nac.).

Uaeliçú — Tem ponta aguçada, feita de taquarussú (172). Serve na guerra e na caçada aos grandes animais: capivara, anta, onça. Sangra largamente a vitima e, por isso, é usada para abater as grandes peças.

Fig. 59 — *Aiẽraçú* — Flecha para aves. Indios da Serra do Norte.

Entre a haste e a ponta, ha uma porção intermediaria, de madeira vermelha, destinada a enrijecer a faca de taquara, tornando-a mais eficiente. Ainda assim, muitas vezes, quebra-se (1.324 - Co. Mus. Nac.).

Aiẽuinçú — E' flecha de ponta lisa, munida de uma farpa na extremidade.

---

(172) Taquarussú — *Merostachys sp.*

Arukirikatçú — E' tipo perfeitamente original. Tem uma serie de farpas presas com fios e breu. E' revestida de um enduto negro que os indios supõem toxico; por isso protegem-lhe a ponta com bainha feita de colmo de taquara (11.487 - Col. Mus. Nac.). E' arma de guerra.

O *veneno* das flechas nambikuáras é inocuo... (173).

Aieraçú (174) — E' flecha de ponta embolada, destinada a contundir as aves que desejam apanhar vivas, ou livres de sangue, que mancha as penas (14.010 - Col. Mus. Nac.). Muitas vezes empregam para o mesmo fim uma flecha de ponta lisa, que na ocasião envolvem numa pelota de palha (11.625 - Col. Mus. Nac.).

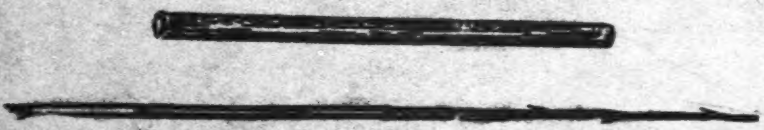


Fig. 60 — Flecha envenenada (arukiritatçú) e bainha protetora dos Indios da Serra do Norte.

Especialmente destinadas á pesca, e perfeitamente originais, são algumas flechas de ponta dupla, triplice ou quadrupla, munidas de uma farpa de osso (11.614 a 11.621 - Col. Mus. Nac.). Algumas têm penas na base, outras não. Lembram certa armas figuradas em "Voyage à Surinam", de Benoit, pertencentes aos Karaíbas. E, por outro lado, têm muitos pontos de semelhança com arpões eskimós, destinados á caça de aves marinhas, atirados com estólica.

---

(173) O Prof. Roquette-Pinto entregou-me para exame, uma ponta de flecha cuja origem não me foi declarada de ante-mão. A peça continha entre fios que a enleavam, uma substancia resinosa. Raspado todo o material que foi possivel retirar da ponta da flecha, foi pesado, e preparou-se uma solução concentrada certamente muito mais rica em substancias toxicas do que a que se usa habitualmente para injeções de curare nos laboratorios.

A injeção desse liquido, em fortes doses, em rã e em cobaia, não produziu absolutamente nenhuma ação curarizante. Os animais apresentaram apenas fenomenos banais de intoxicação, tais como sobresaltos musculares; na cobaia marcha titubeante e um pouco de salivação.

Em conclusão, pois, não se trata de uma flecha destinada a envenenar o animal que ferir: a resina examinada parece acidentalmente pouco toxica.

ALVARO OZORIO DE ALMEIDA.

(174) O tipo mais geral das flechas para contundir — as de ponta feita de uma raiz — abrange as regiões brasilicas, especialmente os Gês, sendo peculiares (Nordenskjöld) as de cruzeta de pauzinhos dos Jurucarés da Guiana, do Gurupi (R. Lopes), assim como a dos Nambikuáras, com bola de palha.

A haste de todas as flechas da Serra do Norte é feita de taquara fina. O cipó imbé (175) fornece tiras resistentes com que fixam as diversas partes da arma.

*

Um tipo de flecha com a ponta achatada e provida de alguns pares de farpas, que o Museu Nacional recebeu com as primeiras coleções da Comissão Rondon, não é proprio dos Nambikuáras. Representa trofeu guerreiro (1.955 - Col. Mus. Nac.).

*

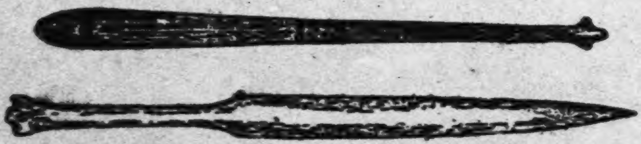


Fig. 61 — Clavas encontradas entre os Indios da Serra do Norte.

Armas de ataque e defesa, toscas em extremo, são os cacetes (11.925 - Col. Mus. Nac.), simples fragmentos de ramos fortes, cortados na ocasião.

Uma clava trabalhada e polida, revestida de tecido de palha do tipo karajá ou kaiapó (11.933 - Col. Mus. Nac.) é manifestamente exotica; foi parar ás mãos dos Nambikuáras fortuitamente, tal como deve ter acontecido a um pente de madeira (12.046 - Col. Mus. Nac.).

*

---

(175) Cipó imbé — *Philodendron imbé*, Mart.

Os machados de pedra lascada têm tipo uniforme. Todos de *diabase*, cuneiformes, pesam dois kgs., em média.

São encabados num pedaço de caule voluvel, talvez de uma *Bauhinia*.

O breu e os laços de fios, postos para fixar a pedra, dão ao instrumento solidez surpreendente 11.958 - Cal. Mus. Nac.).

Conseguimos trazer, da Serra do Norte, um fragmento de arvore abatida pelos indios com o seu machado de pedra; figura na coleção do Museu sob o n. 13.333.

*

O breu é feito com resina de almêcega, jataí (176) e cêra, levando ainda outras substancias desconhecidas. Sofre ação do fogo em panelas (2.259 - Col. Mus. Nac.). E' conservado em bolas, presas a tiras de embira (13.235 - Col. Mus. Nac.), ou em pães envoltos em folhas (13.213 - Col. Mus. Nac.). Tanto o *veneno* das flechas, quanto o mesmo breu dos machados são denominados *Duhutaarú*, que quer dizer: cêra.

*

Tephrosia toxicaria — E' leguminea venenosa, especie de *Tinguí*, com que os indios pescam. Foi reconhecida pelo Sr. F. C. Hoehne, que, com o Sr. G. Kuhlmann, determinou a maior parte do material botanico da nossa coleção (177).

*

Não conhecem anzol; empregam, na pes-

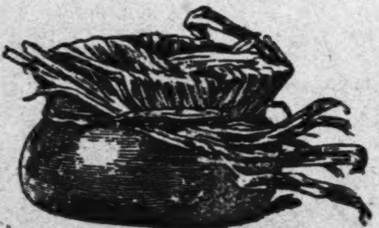
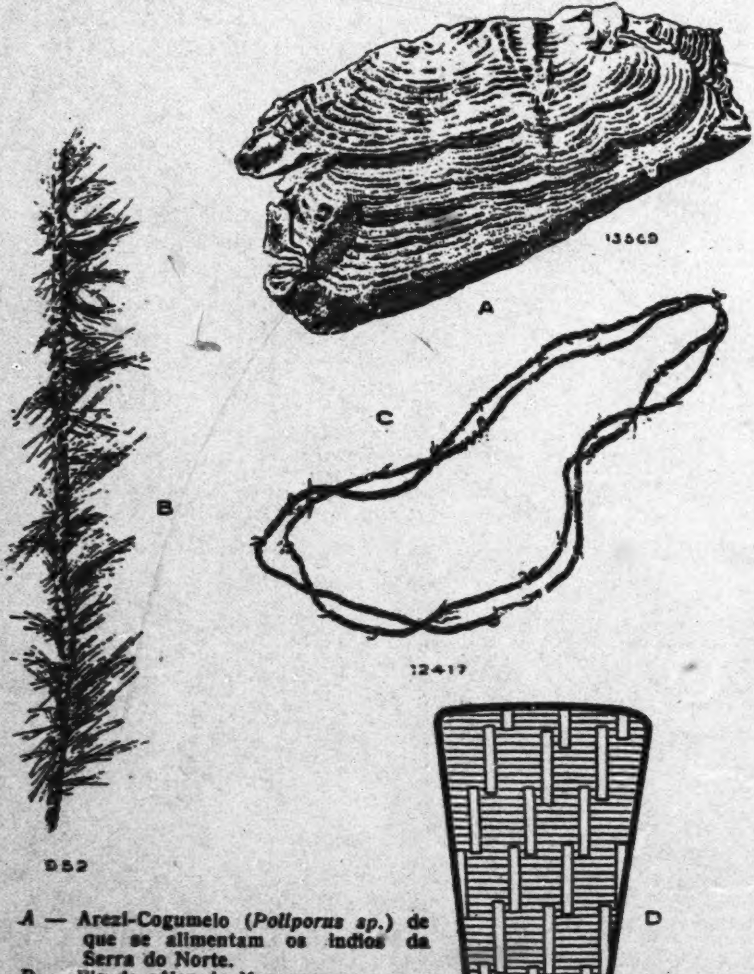


Fig. 62 — Panela com brêu. Indios da Serra do Norte.

(176 Jataí — *Hymenea stigonocarpa* ou *H. stilbocarpa*.

(177) A revisão dos nomes cientificos de plantas e de animais foi feita pelos Profs. A. J. de Sampaio e C. F. Mello Leitão.



A — Arezi-Cogumelo (*Poliporus sp.*) de que se alimentam os indios da Serra do Norte.
B — Fio de pêlos de Macaco.
C — Colar feito de tubo de penas.
D — Motivo ornamental dos indios da Serra do Norte.

ca, uma especie de cóvo, feito de taquara ou do caule do cipó titára (178) (13.211 - Col. Mus. Nac.).

*

Produtos alimenticios, existem na coleção:

Guaiatú — Milho branco (2.272 - Col. Mus. Nac.).

Urinodzú — Massa de mandioca (2.262 - Col. Mus. Nac.). — O exame microscopico mostra ser muito rica em grãos de amilo. A raiz, depois de ralada, é expremida numa fita de palha — *Çaarú* (13.225 - Col. Mus. Nac.) (179). O ralo (13.215 - Col. Mus. Nac.) pertence ao tipo usado pelos indios do Xingú — (Suiás, etc.). E' formado por uma plancha em que se fixam cerca de 2 filas de palitos.

As lagartas de uma borboleta (180) — (5.774 - Col. Mus. Nac.) — que comem vivas.

Katunuzú — Terra dos formigueiros, argila que tambem comem (13.230 - Col. Mus. Nac.).

Amostra de restos de sua alimentação figura no Museu sob o n. 13.231.

*

Um cogumelo, *orelha de pau* (181) utilizado na alimentação, e feijões (182) de aspecto exotico (2.264 - Col. Mus. Nac.) foram igualmente achados numa aldeia.

---

(178) Cipó titara — *Desmoncus sp.* Palmeira de caule escandente.

(179) A distribuição geografica dos expremedores de massa de mandioca, (tipiti — tubo cilindrico e tira trançada aberta, onde o suco é extraido por torção da tira) adscreve, ao verdadeiro tipiti uma distribuição que, das Guianas, deve ter alcançado o vale amazonico e os afluentes do grande rio. (Cf. Métraux — "La Civilisation Matérielle des tribus Tupi-Guarani — Paris, 1928, pag. 103). O mesmo autor considera como tipo primitivo a tira trançada que se encontra nos limites da zona de expansão do tubo cilindrico.

Por forma mais primitiva ainda deve ser tida a simples tira de palha com que os Nambikuáras expremem a massa de mandioca. Tal operação se acha documentada numa das estampas deste livro (H. A. T.).

(180) Borboleta — *Brassolinae.*

(181) Orelha de Pau — *Polyporus sp*

(182) Feijão — *Phaseolus sp.*

Merece especial menção a cabeça moqueada de um tamanduá bandeira (1.934 - Col. Mus. Nac.), encontrada numa cesta, por Miranda Ribeiro, na expedição de 1909.

*

Por meio do fogo excavam pilões (*Nutêzê*) — (11.931 - Col. Mus. Nac.) — em que socam a carne e outros alimentos.

Fazem fogo com bastões de almêcega — (2.232 - Col. Mus. Nac.) e resguardam as pontas dos ignigenos envolvendo-as na palha, para que se não molhem com as chuvas.

*

A cultura da terra é realizada por meio de um bastão aguçado (11.923 - Col. Mus. Nac.). Sementes de urucú, de cabaça (183), de algodão são guardadas em bolsas de folhas (2.260, 1.927 - Col. Mus. Nac.).

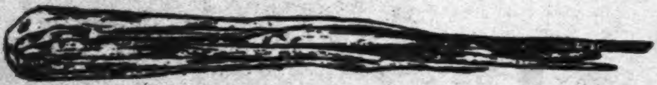


Fig. 63 — Bastões ignigenos protegidos contra a chuva — Indios da Serra do Norte.

Conservados, tambem, frutos medicinais — (*Solamum mammosum*) — 1.923 - Col. Mus. Nac.), raizes, folhas (1.943 - Col. Mus. Nac.), etc.

*

Ha, na coleção, duas amostras de corantes: uma pasta de urucú e gordura, suavemente perfumada, com que as indias se pintam depois do banho, *Huduhukaidi* (13.229 - Col. Mus. Nac.), e uma variedade de ocre vermelho (13.241 - Col. Mus. Nac.)

---

(183) Cabaça — *Lagenaria sp.*

O tabaco — (2.261 - Col. Mus. Nac.) — acha-se em cigarros, ou em folhas, metido entre duas varas — (13.250 - Col. Mus. Nac.) — para secar.

*

O algodão (184) encontra-se bem representado: caroços de algodão, variedade *rim de boi*, conservados em bolsa de folhas (13.227 - Col. Mus. Nac.); fio de algodão (*Kondzú*) obtido no fuso (*Gdaretatú*) (13.216 - Col. Mus. Nac.); meadas de algodão fiado (13.405 - Col. Mus. Nac.); novelo do algodão (12.047 - Col. Mus. Nac.); tecido de algodão (*Sareguêzê*, faixa para carregar crianças).

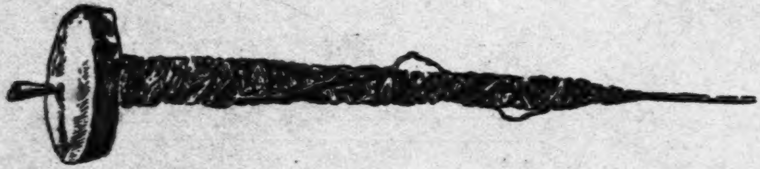


Fig. 64 — *Gdaretatú* — Fuso dos Indios da Serra do Norte.

O fuso é uma lasca de palmeira embutida num disco de ceramica, caco de panela velha...

*

Kateçú — São os frutos da *Lagenaria sp.* de que fazem reservatorios e vasilhas (12.002 - Col. Mus. Nac.). Algumas contêm fumo picado grosseiramente (1.919 - Col. Mus. Nac.) e são arrolhadas com sabugo de milho, processo que os sertanejos usam muito.

*

---

(184) Segundo os estudos do Padre Schmidt e de Nordenskjöld (a proposito das rêdes), o algodão veiu dos Andes para o Brasil, onde foi cultivado sobretudo pelos tupís no centro da mata equatorial do Amazonas. O seu uso rareia mesmo entre os aruaques. Tal distribuição, em parte devida ás condições da planta, explica a sua existencia entre os Nambikúáras, situados no extremo ocidental do chapadão (R. L.).

Atavios rudimentares merecem analise, pela originalidade do material de que são feitos, alguns colares: formados por pequeninos fiapos de substancia cornea dos tubos das penas o de n. 12.417 - Col. Mus. Nac.); cordas enfeitadas com pelos de *Pithecia satanás* (952 - Col. Mus. Nac.); colar de dentes de macacos (12.851 - Col. Mus. Nac.); feitos com sementes de uma *cyperacea* (*Tanieikerê*) (13.549 - Col. Mus. Nac.), tambem usada pelos Suiás do Xingú. (3.656 - Coleção Paula Castro - von den Steinen - 1884 in Mus. Nac.); colar de contas negras, feitas de côco (4.218 - Col. Mus. Nac.); colar de taquarinha (12.265 - Col. Mus. Nac.); colar de nacar de conchas fluviais (12.071 - Col. Mus. Nac.); colar feito de sementes de uma sapotacea (185) (*Irunguinindê*).

*

Oradaikruzê (13.083 - Col. Mus. Nac.) — E' linda pulseira feita dos aneis da cauda do tatú canastra (186). Parece objeto de marfim. Outras são feitas de côcos do Uauassú ou Pindoba (187).

*

Ligas humerais são de algodão e têm o fecho semelhante ao das parecís (12.165 - Col. Mus. Nac.).

*

E' singelo manto de fibras, muito usado, preso ao pescoço e pendente sobre o do[illegible] o *Ialaçú* (12.460 - Col. Mus. Nac.). De penas negras é o manto registado sob n. 13.109.

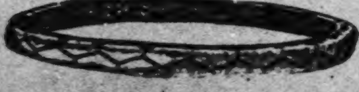


Fig. 65 — *Oradaikruzê* — Bracelete dos Indios da Serra do Norte.

*

---

(185) Sapotacea — *Lucuma sp.*
(186) Tatú canastra — *Dasypus gigas.*
(187) Pindoba — *Orbignya speciosa.*

Brincos triangulares são feitos de nacar (12.276 - Col. Mus. Nac.).

Cavilhas para o scepto nasal e para o labio superior, estas muito mais finas e longas do que as primeiras, acham-se em grande numero (12.202 a 12.205 - Col. Mus. Nac.). São feitas de taquarinha ou do colmo de um capim resistente (188).

O mesmo material forma a haste do *Unetizú*, penacho que usam no scepto nasal (13.103 - Col. Mus. Nac.). Ha, na coleção, alguns pingentes de penas de tucano (12.087 - Col. Mus. Nac.), algo parecidos com os da Guiana. Capacetes feitos do couro da onça (12.050 e 13.206 - Col. Mus. Nac.) vermelha ou pintada — representam material interessantissimo, inusitado, naquela região, a não ser pelos Nambikuáras e pelos Kaiabís do Paranatinga.

*

Os trançados dos indios do Brasil foram sistematizados por Max Schmidt, que os dividiu em dois grupos principais:

1. *Palmblattflechterei* — (Trançados de folhas de palmeiras).

2. *Doppelfadengeflechte* — (Trançados de duplo fio).

Porém ele admitiu mais um grupo, no qual dois elementos do trançado em diferentes direções são atravessados por um terceiro. Esse tipo apresenta-se frequentemente no Xingú e se acha representado nas coleções do Museu de Berlim

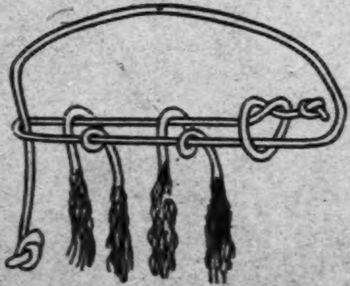
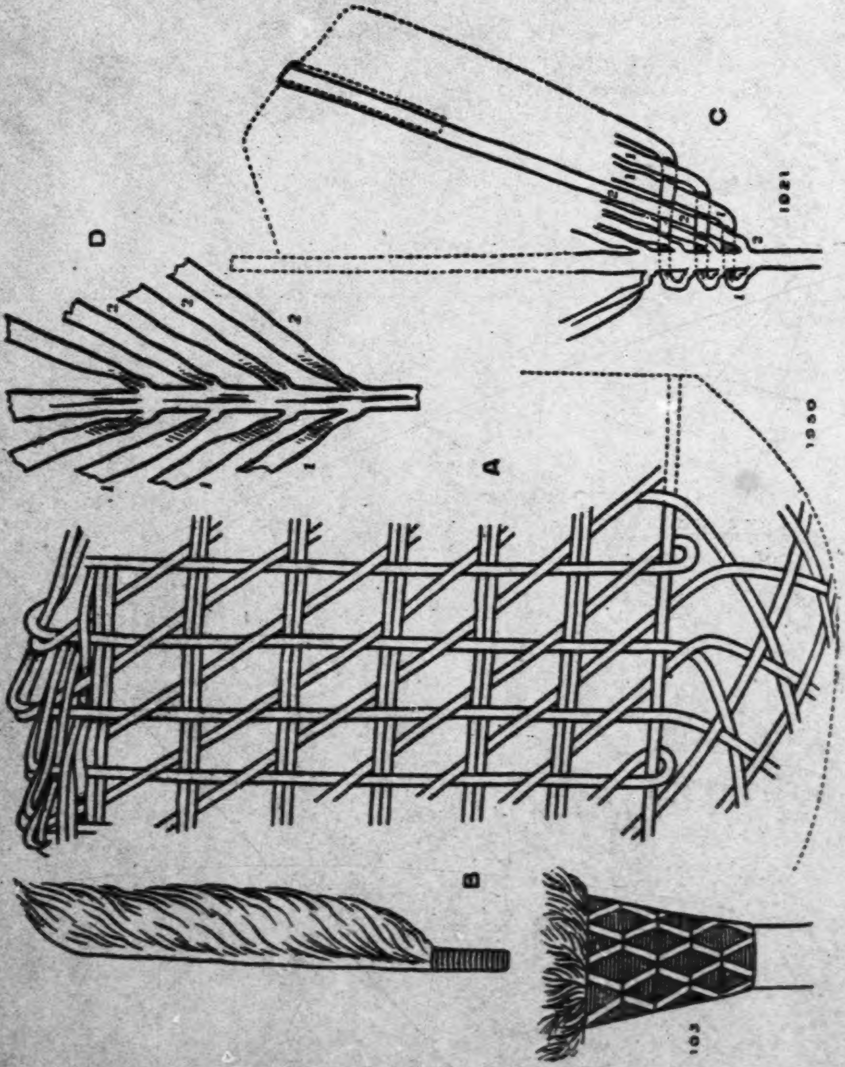


Fig. 66 — Esquema de um "Ialaçú", manto de palha dos Indios da Serra do Norte.

---

(188) Capim — *Andropogon*.


D
C
1021
2
1
1
2
3
3
2
1
1
1
A
1930
B
103

INDIOS DA SERRA DO NORTE

A. — Trançado das cestas feitas com o caule voluvel de um *Desmoncus*.
B. — Detalhes do penacho nasal.
C e *D.* — Trançado de um abano, feito com uma palma.

(Berl. Mus. V. B. 4.331, 4.391, 2.841). E' trançado caracteristico, elementar, que encontramos nas cestas dos nambikuáras (*Atiçú*) — (1.950 - Col. Mus. Nac.).

O material usado pelos nambikuáras é taquara, ou mais frequentemente, *cipó titára.*

*

Nos trançados de folhas de palmeira a unidade primordial resulta do grupamento de tiras, duas a duas, formando o que Max Schmidt denominou: *Geflechtsviereck,* que poderiamos chamar: *quadrilatero de Schmidt.* Estes se desenvolvem como celulas de um tecido, conservando o mesmo tipo, baseado naquela figura geometrica, que ora é um quadrado, ora um paralelogramo. Nos abanos dos nambikuáras (1.921 - Col. Mus. Nac.), feitos com folha da bacába, os folíolos passam para o lado direito do pecíolo, segundo o esquema junto. Tem fórma pentagonal; e, por isso, tambem se parecem com abanos que o Museu Nacional possue, na coleção Paula Castro, vindos do Xingú (13.615 - Col. Mus. Nac.).

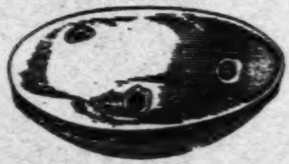


Fig. 67 — "Hait-teataçú" — Flauta nasal dos Indios da Serra do Norte.

*

Um tipo de flauta nasal (11.235 - Col. Mus. Nac.) — (*Hait-teataçú*), (189) formada por discos de cabaça, parece-me importado dos Parecís.

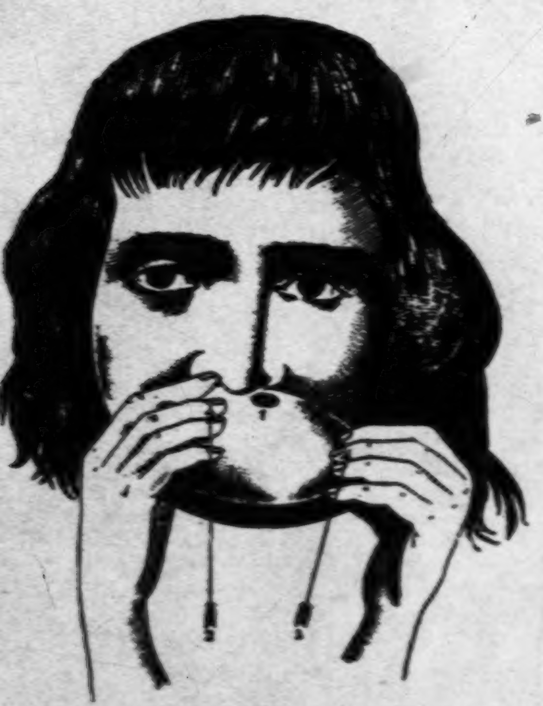
Importação das tribus do Tapajós (Mundurucús, Maués etc.) são as flautas duplas (2.266 - Col. Mus. Nac.).

*

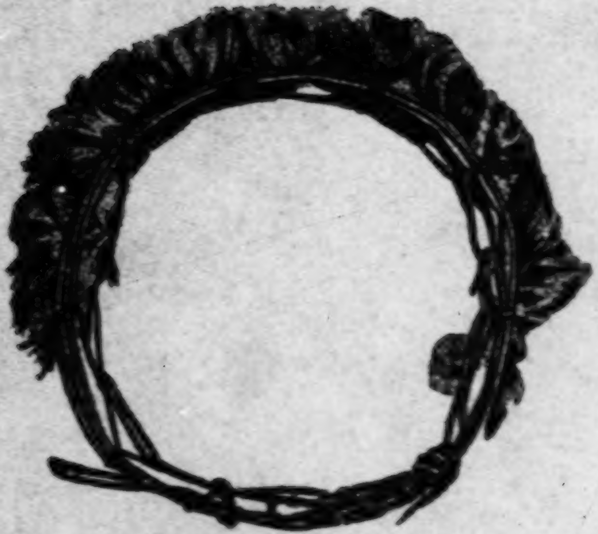
---

(189) Encontra-se flauta de bambú tocada a sôpro nasal entre os Apinagé Cf. coleção feita por Curt Nimuendajú e pertencente hoje ao Museu Nacional) e entre os Botocudos do Rio Doce (Cf. von Ihering, Revista do Museu Paulista, vol. VIII e carta de Herculano M. Inglez de Souza a Ladislau Netto, Arquivo do Museu Nacional, pasta 21, doc, n. 121, de 28 de junho de 1882). (H. A. T.).

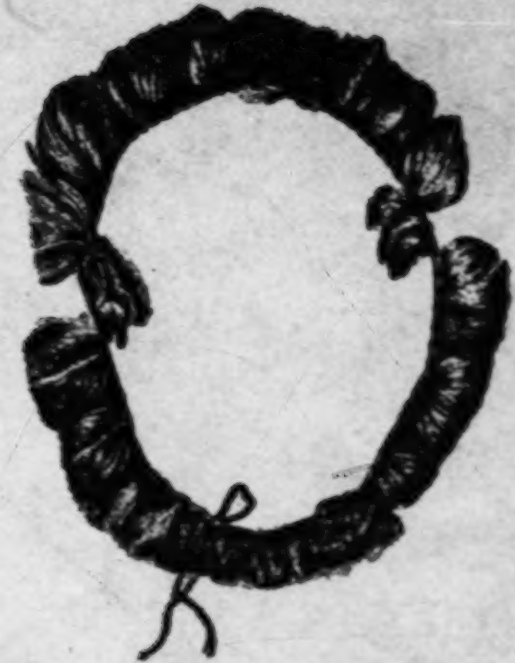
Algumas peças da nossa coleção têm especial valor, porque documentam o processo de aculturamento material daquele povo. São, de um lado, objetos em que se nota o aproveitamento do ferro, encontrado, por acaso, nos trilhos dos caçadores e seringueiros; por outro lado, são artefatos de imitação, nos quais se reconhece a mão inhabil do primitivo, desejando copiar produtos de uma industria mais adiantada, e repetir fórmas de uma arte superior á sua.



Indio da Serra do Norte tocando *halitentaçá* (flauta nasal). — 1 — Orifício de entrada do ar. — 2-3 — Orifícios obturados com os dedos medios.



Diadema dos Indios da Serra do Norte.
(Col. Mus. Nac. n.º 2251).



Ornato de penas — Indios da Serra do Norte.
(Col. Mus. Nac. n.º 2249).

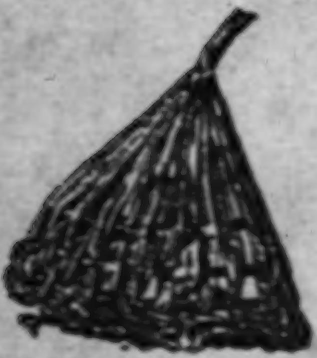


Fig. 98 — Imitação de chapéu de palha, feito por um indio do Juruená.

A contrafacção é visivel nos diademas que procuram imitar grosseiramente os de ns. 13.110, 13.111 e 12.051 Col. Mus. Nac., encontrados entre eles, mas que, manifestamente, são produtos adventicios, conquistados a tribus septentrionais, em que o trabalho das penas atingiu outro desenvolvimento.

Tendo aprendido a apreciar as vantagens do chapéu

Os Arikêmes. — Na memoria "Les indiens Arikêmes" (Travaux du XIX Congrès des Américanistes", Goteborg, 1924) publiquei os resultados do estudo efetuado, por sugestão do prof. Roquette-Pinto, sobre o importante material do Museu Nacional, relativo ao culto dos mortos entre esses indios do Jamari, e sobre affinidades etnograficas da região das cachoeiras do Madeira, complemento geografico da Rondonia.

O nome tribal proprio desses indios, é *Ahôpôvo*; viviam, sob chefes chamados opôe, em quatro aldeias cada qual com uma casa religiosa (pajéco) e tres habitações, palhoças em forma de "casco de tatú", com uma só porta — quando Rondon os revelou à civilização, e descreveu nas suas "Conferencias".

Seus arcos são do tipo peruviano, de secção tendente à oval, como os dos Nambikuaras. As flechas têm emplumação do tipo Arára, indicando relações rio abaixo.

Os homens usam cavilhas de madeira ou plumas nos furos das orelhas. Não furam o septo nasal nem os labios como seus vizinhos; os tembetás das ossadas funebres devem ser trofeus.

O culto dos mortos. — O enterramento usual é nas casas, sob as rêdes, uso comum com os tupis do Oy e outras tribus amazonicas.

O culto do *pajéco*, porém, é um complexo original, se bem que outras tribus da região (os parecis, os *kepkiriuats*), tenham casas religiosas.

Deve-se a Rondon interessante descrição do *pajéco*: — uma rêde (ecumbé) com enfeites de plumas e conchas, ao meio do teto pendem uma pele de jaguar pedra triedrica e um machado de pedra, furados; nas paredes, flechas e arcos tomados às outras tribus; dentro da rêde um saco de liber com os ossos do *herói*, e, amarrada, uma cesta com o seu craneo. Duas mechas de cabelo são presas à rêde e as demais pontas numa cestinha (chiropamo-ita), suspensa do teto.

Encontra-se já o rito especial (chiropamo-ita), suspensa do teto.

Encontra-se já o rito especial do enterro do chefe, já o endocanibalismo com bebida das cinzas; na bacia do rio Negro, observando Koch-Grunberg que o fundo psicologico de tais usos é a crença de que os ossos contêm a alma. Não podêmos precisar si os mansos Arikêmes praticaram o endocanibalismo (que existe em outras hordas da familia Pano) mas o fato é que se encontram em algumas das suas cestas ossos de que usamos, prezam muito tal peça do nosso vestuário; e, por isso, um indio infeliz, a quem não se deu, por brinde, um dos tais, tratou de compô-lo para seu gozo, trançando e ajeitando foliolos de bacába...

---

carbonizados. Foi constatado não ser de osso humano uma discutida flauta dos *Kepkiriwate* (Tupis da Rondonia).

Os Araúnas, segundo o "Itinerario do Amazonas á Bolivia" de A. P. Labre, têm casas templos, reservadas aos homens, festas agricolas, idolos de madeira e pedra (geometricos) protetores dos homens e das cousas; um deus "Hipimará", pedaços de madeira elipsoide; e "guardas-drumes", varas ornamentadas (cp. os Parecis.

Segundo as cronicas, cultuavam os restos dos heróes, em rêdes, os tapajós e os guaranis (*).

As cestas funerarias foram tambem usadas na Guiana; além do exemplo humboltino de Atarulpe, uma legenda do Surinam refere a colocação dos despojos de um herói aruaque num cesto ornado de plumas (apud Cell., em "Anthropos", II, 987). Os Bribri, Chibchas de Costa Rica, segundo Seltner, praticam o transporte dos ossos em sacos de liber, para uma casa de mortos. Keller achou num rancho caripuna urnas, pedras sobre covas, cestas ornadas. Araúnas e Arikêmes não apresentam (ao contrario do "templo" guaraio visto por Labre), simbolos antropomorfos; contribuem pois para tornar compreensiveis casos como a ausencia de figurações humanas no material do burgo lacustre maranhense — a "estelaria" do Cajari (v. R. L. — "La civilisation lacustre du Brésil", Goteborg, 1934 (**).

São possivelmente simbolicos, entre os Arikêmes, além dos numerosos pares de objetos rituais, nos exemplares da coleção, o das casas da aldeia.

As cestas com a sua forma tripode e o uso dos sacos num povo que dispõe de ceramica, sugerem condições mais primitivas que o periodo "arcaico" da ceramica centro-americana e do que o proprio uso da fiação. (***).

Pela lingua e pela cultura pertencem os Ahôpôvo ao grupo *Pano*, embora com muitas afinidades heterogeneas.

Conservaram seus velhos ritos, como os Nambikuáras sua primitividade, no coração da America do Sul, nas terras virgens da Rondonia.

R. LOPES.

(*) A rêde ainda é usada, entre matutos brasileiros, para transportar o cadaver. Gonçalves Dias, em linda poesia escrita durante os seus estudos na Amazonia, refere-se ao uso dos indios, de carregar, na vida nomade, os ossos dos seus.

(**) Ultimamente, nas jazidas do Turi, encontrei outros tipos lacustres, com algumas figuras humanas, de barro.

(***) A teoria dos motivos do trançado de Max Schmidt leva a professora Heloisa A. Torres, em estudo sobre a "Ceramica de Marajó", a admitir uma elaboração artistica precursora da arte do barro na grande ilha.

R. L.

XI

NÃO se póde ainda tentar a sintese definitiva da situação etnografica dos aborigenes da Serra do Norte.

Mas, o que se apurou, nas paginas precedentes, permite, desde já, indicar pontos importantes da sua vida social, suficientes para marcar-lhes um posto definitivo entre os grupos humanos existentes, em estado natural, no territorio da Sul-America.

Que se mantiveram longe da ação européa, não ha duvida. Martius, aliás, concluindo pela alta antiguidade dos aborigenes americanos, mostrava que a *idade da pedra* caracterizava as populações conservadas fóra daquela influencia.

E, se fosse possivel reconhecer, no Brasil, os dois periodos classicos (Paleolitico e Neolitico) caberiam no primeiro os Indios da Serra do Norte, cujos machados são toscamente lascados, e cuja cultura bem se aproxima daquela que se admite seja peculiar ao paleolitico (197).

Sua antiguidade, naquela região, deve ser muito grande.

•

A' primeira vista, poderia parecer que os Nambikuáras fossem antigo ramo parecí atrasado.

(197 Esquematicamente, e em relação aos seus vizinhos, os nambikuáras lembram os paleoliticos; mas a sua cultura, com rudimentos de lavoura e de fiação, e com machados toscos mas de gume alisado, assimila-se mais aos aspectos proto-neoliticos ou do periodo de transição. A tendencia atual é para admitir no Novo Mundo, tecnicas paleoliticas — p. ex., em Trenton, E. U. — e suas derivadas (R. Lopes — "Pontas de Silex Lascado no Brasil), mas não, uma formal superposição de periódos como na Europa. (R. L.).

O que sabemos, porém, de ambas as nações, quanto á antropologia, quanto á etnografia, no tocante á lingua, protesta contra a identificação.

Ha, todavia, sinais certos de influencia pareci na sua cultura. O primeiro é a casa *do feitio de forno*, que os Parecis de outrora construiam. Trata-se de uma importação no meio nambikuára; a casa primitiva dos habitantes da Serra do Norte é o *toldo de folhagens*, semelhante ao *Kijême* dos Botocudos (Windschirm, dos etnologos alemães), que bem recorda os *Wig-wam*, dos indios Norte-Americanos.

Ornatos nasais dos indios da Serra do Norte.

E se não foi dos Parecis que receberam a grande *casa-redonda*, foi então, de indios bolivianos.

•

Material que demonstra influencia exterior é o *penacho nasal*, que os Parecis de hoje não ostentam, e os de outróra não dispensavam, pelo testemunho de Antonio Pires; e tambem a *ocarina nasal*, que fazem vibrar de modo inhabil, como quem usa instrumento mal conhecido, cujos segredos ainda não descobriu.

A *flauta dupla*, parece ter sido trazida do Norte. Deve ser importação de Maués e Mandurucús, com os quais, conforme já se viu, os indios da Sêrra do Norte têm tido atritos sérios.

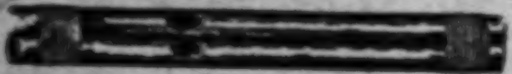


Fig. 70 — "Kaigutiará" — Flauta dupla dos Indios da Serra do Norte.

O *trançado* que sua arte emprega, tem fórmas positivamente caracteristicas do Xingú (*Trumaís* e *Nahukuás*); documenta relações que sua cultura elementar faria supôr existissem entre eles e as tribus atrasadas daquele rio.

O *moquêm quadrangular*, fóra dos moldes usuais, é só empregado pelos grupos mais adiantados (*Tagnanis*, etc.); lembra o dos Javaés, tal qual o figurou Fr. Krause (198).

•

Bem parecidos com os dos Suiás, são os *enfeites de palha* dos Nambikuáras. Porém, muito mais que isso, prova relações entre eles, a semelhança das *linguas*. Porque não existe outro povo que fale dialeto tão parecido com o dos Nambikuáras, quanto á morfologia dos vocabulos, apesar de serem, ainda assim, no resto, bem diferentes os dois idiomas.

---

(198) "F. Krause — "In den Wildnissen Brasiliens" — Leipzig, 1911.

•

Interessante é a aproximação espontanea que se estabelece entre duas tribus distantes e igualmente primitivas, como são os *Guaiakis* do Paraguai e os Nambikuáras da Serra do Norte, pelo uso do *capacete de couro de onça*.

Todavia, creio antes estes o hajam copiado de seus vizinhos Kaiabis, do rio Paranatinga, os quais se cobrem com elmos do mesmo material.

•

A *ignorancia do cachimbo*, objeto muito encontradiço nos *mounds* norte-americanos e nos *sambaquis* do Brasil, bem como a da *bananeira*, mostra quão velhos são, naquela Serra, os Nambikuáras.

•

Que o grupo Gê-Botocudo seja um dos mais antigos representantes da gentilidade Sul-Americana, hoje não se discute mais (199).

Sobre ligações desse grupo, porém, com os outros que se têm isolado, desde a chave de von Martius até as

---

(199) Todas as descobertas de material humano osseo ou de qualquer outra natureza que pretenderam determinar a existencia de um homem fossil americano não resistiram a uma critica seria. Embora admittindo com Boule ("Les Hommes Fossiles") — muito menos exigente do que Hrdlicka ("Early Man in North America" e "Early Man in South America", Bureau of American Ethnology) que esses achados attinjam o fim do pleistoceno, serão ainda muito mais recentes que os do Velho Mundo onde se encontraram restos humanos desde o inicio do quaternario.

Por esse motivo e por não apresentarem os craneos considerados mais antigos na America caracteres de differenciação dos craneos dos actuais indigenas não se póde firmar a theoria do autoctonismo do homem americano. Assim, teria ele, pois, emigrado de outros continentes, em ondas successivas.

Da Asia, provavelmente pelo estreito de Behring, deve ter chegado a maior massa de povoadores, sendo que Hrdlicka é hoje o mais ardente modernas investigações de Rivet, Koch-Gruenberg e outros, ha muito que indagar. Tenho para mim que o problema etnologico mais interessante do Brasil indigena, deixando á margem questões insoluveis, é a ligação dos grupos entre si, a filiação das diferentes culturas que apresentam.

E' fóra de duvida, para mim, que os grupos linguisticos correspondem a tipos de civilização ascen-

---

defensor dessa idéia ("The Genesis of the American Indian", XIX Congr. Am., Washington, 1915).

Sauvageot ("Eskimo et Ouralien" — Journ. Soc. Am., Paris, tomo XVI, 1924) estabeleceu o parentesco linguistico dos Esquimós com os Fino-Ugrianos.

• • •

Rivet ("L'Anthropologie", 1925) fazendo pesquisas comparativas, no terreno da antropologia fisica, da etnografia e da linguistica (em seguimento ás observações levadas a efeito pelo P. Schmidt e por Graebner, quanto a relações malaio-polinesias americanas) arrolou uma serie de concordancias entre grupos indigenas americanos, de um lado, e malaio-polinesios (abrangendo civilizações indonesia, melanesia e polinesia) e australianos, de outro.

Já De Quatrefages havia apontado semelhanças entre cranios da Nova-Guiné e da Lagoa Santa. Ten Kate reconheceu a existencia desse mesmo tipo craniano entre indios da California e ilhas da costa adjacente.

A concordancia entre varios fatos etnograficos generalizados ainda é mais eloquente: por exemplo, entre tantos, a cabeça trofeu, o remo com cabo em forma de muleta, o propulsor de flechas, as mutilações de dentes, a trepanação, etc., etc.,

No terreno linguistico, as aproximações se apresentaram até agora, em extensões geograficas mais limites. Mias de cem palavras de linguas malaio-extensões geograficas mais limitadas. Mais de cem palavras de linguas malaio-polinesias foram reconhecidas no Hoka costa do Pacifico, desde o Oregon até o istmo de Tehuantepec).

A penetração malaio-polinesia parece ter se realizado em diferentes ocasiões e provavelmente pelo Pacifico, o que se explica facilmente, dado o desenvolvimento da navegação dessa gente.

• • •

A varios cranios Patagões, Ona, etc., têm sido apontadas semelhanças com cranios australianos (Topinard, Verneau, Lebzelter).

As concordancias etnograficas são menos numerosas aqui. Existe, entre outras, uma particularmente interessante de se anotar neste livro: a identidade absoluta do machado australiano e do Nambikuára, tipo que tambem é comum aos Huari de Nordenskjöld.

Com relação ás linguas, é notavel que todas as poucas palavras que são comuns á quasi totalidade de dialetos australianos se encontram tambem na Familia Tchon (Patagões e Fueginos). As outras concordancias linguisticas relacionam mais esta lingua com o australiano da metade oriental do continente.

Os recentes estudos citados identificaram, pois, quatro elementos de outros continentes que concorreram para o povoamento do Novo-Mundo.

(H. A. T.).

dente, embora quasi sempre mal caracterizados, pelas interferencias perturbadoras estranhas; e poderiam ter resultado, em parte, da evolução gradual de uma cultura primitiva, dominante na *raça Paleamericana*, de De Quatrefages.

Na Serra do Norte foi surprehendido, pela nossa civilização, um povo de *cultura Gé*, evoluindo para a *cultura Nu-Aruak*, cujos pródromos apenas havia atingido.

•

Resumindo tudo quanto apurámos em relação áquela gente, podemos formular algumas proposições documentadas neste trabalho:

I. Os Indios da Serra do Norte foram descobertos pelas Expedições Rondon, a partir de 1907, no vale do Juruena, e depois em toda a Cordilheira.

Até então só se possuiam vagas noticias deles; as primeiras datam de 1718.

II. Todos os nomes que lhes davam seus vizinhos. todas as denominações recolhidas por viajantes e sertanejos são absolutamente estranhas á sua lingua. Um certo grupo será provavelmente identificado aos chamados *Tapanhúnas*, ou *Tapaiúnas*, de que falam alguns autores, como se fossem mocambos de negros africanos involuidos. Convem conservar-lhes o nome geral *Nambikuáras*, para evitar futuras confusões.

III. Todos os Indios da Serra do Norte viviam, até agora, em plena *idade* litica, usando machados de pedra mal polida, facas de madeira, ignorando a navegação, dormindo diretamente sôbre o sôlo, ignorando a fabricação da ceramica, e a rêde de dormir.

A ceramica, mui grosseira, de que usam, é obtida de tribus vizinhas, por conquista, ou por troca. Até hoje, apesar de um contacto de mais de cinco anos, ninguem ainda os viu fabricar peças ceramicas.

IV. Permaneciam, quasi, em absoluta segregação; muitos ainda não tinham visto homens de raça branca, ou negra.

V. Vivem em grupos isolados, falando dialetos da mesma lingua, em via de diferenciação. Os vocabulos que designam as principais regiões do corpo humano, de acôrdo com verificações realizadas, de ha muito, entre o geral dos indios, são os que mais dificilmente obedecem ao processo de diferenciação morfologica.

VI. Esses grupos não se acham no mesmo gráu de desenvolvimento de cultura. Os que habitam o vale do Juruena são os mais atrasados: são menos sociaveis, mais agressivos; constroem casas rudimentares; não usam o moquem; não têm chefes permanentes. Os que vivem no extremo da Serra do Norte já atingiram civilização acentuadamente mais elevada, que se revela na sua arte e nos seus costumes sociais.

VII. De todos os grupos linguisticos da America, aquele em que mais facilmente se podem incluir os indios da Serra do Norte, é o *Gê-Botocudo*. As linguas, cujos caracteristicos maiores semelhanças oferecem com o seu idioma, são o dialeto dos Suiás, do Xingú, descobertos em 1884 pela expedição Karl von den Steinen e o dos Karajás do Araguaia.

Uma outra lingua, todavia, em que se póde encontrar semelhança com os dialetos da Serra do Norte é o *Kiriri*.

VIII. Além de afinidades linguisticas, os indios da Serra do Norte apresentam caracteristicos etnograficos peculiares ás tribus *Gê-Botocudas*, raramente encontrados entre indios de outros grupos: ignorancia da rêde, da navegação, ausencia de ceramica, toldos de folhagem, etc. (200).

Sendo assim, os Indios da Serra do Norte — (Nambikuáras) — continuam para oeste a cadeia dos povos *Gés*, cujos representantes mais ocidentais, até agora conhecidos, eram os Sauiás.

---

(200) Traços tais de atraso cultural tambem se encontram em varias tribus do Chaco (Nordenskjöld) e mesmo da mata amazonica.

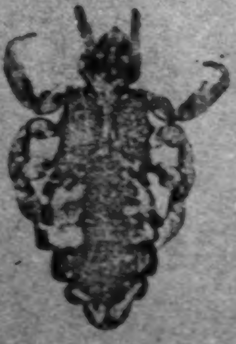
IX. Vizinhos dos Parecís durante seculos, os Nambikuáras quasi não sofreram a influencia desses indios. As duas culturas evoluiam até agora, lado á lado, em graus diversos de adiantamento, com poucas reações mutuas.

X. A agricultura surgiu temporã, na população da Serra do Norte; o fato parece derivar das solicitações do meio geografico. E' quasi certo, todavia, que o surto dessa industria foi condicionado por influencias estranhas, ainda não conhecidas, por meio das quais obtiveram os indios o material necessario, visto como não se encontram entre eles senão as mesmas especies cultivadas pelos seus companheiros de *habitat*.

XI. Do ponto de vista antropologico, os indios da Serra do Norte são absolutamente inconfundiveis com os seus vizinhos. Dos indios americanos os que mais se aproximam deles, pelos caracteres anatomicos, são os *Nu-Aruaks*.

XII. Os indios da Serra do Norte são atacados por uma dermatose especial, diferente do purú-pûrú, que seus vizinhos não conhecem. Essa molestia, *Baanêcê-dútú*, cuja existencia ficou bem documentada em lugar competente deste trabalho, ainda não pôde ser etiologicamente classificada. E', provavelmente, uma voriedade de *tinea imbricata*.

XIII. Seus parasitas principais são sifonapteros, (bicho do pé) (201), suposto originario da Africa, mas, positivamente, especie da America intertropical, e hemipteros do genero *pediculus P. humanus*, encontrados em todas as populações



Piolho dos indios da Serra do Norte.

---

(201) Bicho de pé — *Tunga penetrans*.

da terra. Talvez mereça, este inseto, pelo seu tamanho, ser considerado *variedade* (202).

XIV. Os indios da Serra do Norte parecem ter chegado ao coração da America do Sul em época mui remota.

XV. Sua arte plumaria é pobre. Apenas se inicia. Sua musica demonstra uma elaboração bem adiantada. Seus desenhos — (lineares, poligonais, circulares) — são regularmente executados; fórmas vivas, só desenham de alguns animais: saurios, ofidios (estilizados).

XVI. Da antropofagia parecem existir, entre eles, vivas reminiscencias, se é que a não praticam mais.

XVII. Sua religião é um fetichismo panteista, nos grupos mais atrasados; nos mais adiantados, ha sinais de nascente astrolatria.

XVIII. Qualquer que seja a situação em que estudos ulteriores possam colocar os indios da Serra do Norte, seu encontro naquela região, e naquele estado de cultura, veiu alterar profundamente o que se admitia como certo na etnografia indigena do Brasil.

XIX. Se forem definitivamente incluidos entre os *Gé*, tornar-se-á dificil admitir, por mais tempo, a origem oriental, ou litoreana, desse grupo (203).

---

(202) A idéia que as raças humanas apresentam variedades proprias de piolhos é bastante antiga, tendo sido manifestada pela primeira vez no começo do seculo passado, quando Fabricius chamou de *Pediculus negritarum* aos parasitos dos negros africanos. De 1915 a 1926 esta suposição adquiriu maior vulto com a publicação dos trabalhos de Fahrenholz e Ewing, onde os nomes *P. capitis angustus*, *P. capitis marginatus*, *P. humanus chinensis* e *P. humanus americanus* figuram para designar variedades encontradas em chins, japoneses e numa mumia do Perú. Não seria, porém, facil a um especialista que considerasse a deficiencia dos meios de exame ao alcance de Fabricius e julgasse criteriosamente o valor das diferenças apontadas pelos autores citados, admitir as conclusões a que chegaram. Faltava, entretanto, a prova em contrario para um juizo absolutamente seguro, prova esta que acaba de ser anunciada pelo Prof. Ferris, da Universidade de Stanford.

Contudo o exame dos especimens colhidos sobre Nhambiquaras, na epoca em que não tinham contacto com o homem civilizado, não apresenta menor interesse, como confirmação ao resultado das pesquisas de Ferris.

FABIO LEONI WERNECK.

(203) Vide notas ns. 167 e 168.

XX. Se forem colocados no grupo *Aruàk*, mais importantes ainda serão as consequencias de sua descoberta, visto como, pela teoria de von de Steinen a região de origem de um povo é aquela em que se encontram seus representantes em cultura mais atrasada.

XXI. A migração dos Nu-Aruaks, neste caso, deveria ter sido realizada — de sul a norte —, ao inverso do que pretende a etnologia classica da Sul-America.

XXII. Possuindo caracteristicos antropologicos proximos dos *Aruaks*, falando idioma isolado, tendo traços etnograficos apresentados pelos *Gé*, os indios da Serra do Norte documentam a realidade de um fato *antropogeografico* importante, já suspeitado desde a exploração do Xingú.

Foi no grande planalto do Brasil que se iniciou o trabalho de diferenciação etnica sul-americana.

NAMBIKUÁRAS

ANTROPOMETRIA — HOMENS

(QUADRO A) K — Kôkôzú-Nenen A — Anunzê T — Tagnaní Ud — Uaindzê

N.º da ficha	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	MEDIAS
Grupo	K	K	K	K	K	K	K	K	A	A	A	A	A	T	T	T	T	Ud.	
Altura total ..	1,66	1,68	1,66	1,70	1,62	1,59	1,58	1,62	1,63	1,60	1,57	1,61	1,60	1,58	1,62	1,63	1,62	1,62	1,63
Circ. torácica .	0,80	0,83	0,84	0,90	0,82	0,79	0,79	0,81	0,80	0,78	0,79	0,81	0,82	0,78	0,83	0,87	0,89	0,63	0,81
CABEÇA: (em milimetros):																			
Occipito-frontal.	0,189	0,184	0,184	0,185	0,175	0,173	0,180	0,174	0,183	0,174	0,176	0,184	0,182	0,175	0,172	0,175	0,174	0,178	0,184
Transverso....	0,144	0,141	0,147	0,141	0,140	0,149	0,136	0,141	0,143	0,140	0,140	0,139	0,136	0,142	0,141	0,140	0,149	0,142	0,140
Frontal minimo	0,100	0,096	0,100	0,100	0,096	0,094	0,091	0,104	0,096	0,114	0,098	0,103	0,097	0,096	0,100	0,100	0,101	0,105	0,099
Bi-zigomatico .	0,117	0,137	0,145	0,143	0,138	0,133	—	0,135	0,129	—	—	—	—	0,132	0,175	0,137	0,133	0,142	0,134
Naso-mentoniana	—	—	0,123	0,112	0,106	0,103	0,110	0,111	0,111	—	0,098	0,101	0,110	0,109	0,107	0,106	0,119	0,132	0,110
NARIZ: (em milimetros):																			
Altura.........	0,061	0,047	0,047	0,050	0,048	0,047	0,044	0,042	0,053	0,047	0,043	0,043	0,060	0,046	0,046	0,048	0,051	0,052	0,047
Largura	0,040	0,041	0,041	0,046	0,036	0,040	0,040	0,041	0,041	0,035	0,033	0,040	0,039	0,044	0,040	0,041	0,041	0,041	0,040
Saliencia	0,016	0,020	0,018	0,019	0,016	0,014	0,018	0,020	0,016	0,018	0,016	0,014	0,016	0,020	0,017	0,019	0,019	0,020	0,017
Olho: (em milimetros):																			
Bi-palpebral ext	0,097	0,101	0,102	0,100	0,096	0,091	0,097	0,093	0,086	0,096	0,090	0,093	0,097	0,093	0,096	0,096	0,095	0,101	0,096
Bi-palpebral int.	0,067	0,040	0,035	0,030	0,032	0,031	0,034	0,035	0,036	0,033	0,029	0,033	0,036	0,030	0,034	0,031	0,031	0,037	0,033
ORELHA DIREITA (em milimetros):																			
Comprimento .	0,057	0,060	0,063	0,063	0,062	0,064	0,060	0,060	0,053	0,061	0,066	0,066	0,065	0,060	0,051	0,058	0,062	0,048	[illegible]
Largura	0,033	0,032	0,030	0,037	0,035	0,033	0,036	0,035	0,031	0,030	0,035	0,034	0,032	0,036	0,030	0,038	0,032	0,032	[illegible]
Indice cefalico	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	76
Indice nasal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	[illegible]

[P. 323]

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara

NAMBIKUÁRAS — Retrato falado

(QUADRO B)

HOMENS

Ficha	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
FRONTE:																		
Inclinação	(f)	v	v	f	v	v	v	v	(f)	v	v	v	v	v	(f)	v	v	f
Altura	p	m	m	p	m	p	p	p	p	p	p	p	p	s	s	p	s	s
Largura	p	m	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	s	p	s	s
NARIZ:																		
Profundidade da raiz	s	s	p	s	s	s	s	s	s	s	s	p	p	m	m	p	p	p
Dorso	r	vex	r	vex	r	vex	r	r	vex	vex	vex	r	vex	vex	(vex)	r	vex	r
Base	(ab)	h	ab	ab	h	ab	h	ab	h	ab	ab	h	ab	ab	h	h	h	—
Altura	s	s	p	s	p	m	s	p	s	s	p	p	s	s	m	p	s	p
Saliencia	p	s	p	s	p	s	p	p	s	p	p	p	p	p	p	p	p	p
Largura	s	s	s	s	s	s	s	s	s	s	m	s	s	s	s	s	s	s
ORELHA:																		
Helix — Origem	p	s	s	s	s	p	p	s	p	p	s	p	p	s	p	s	p	p
Helix — Superior	p	p	s	s	s	p	p	s	s	p	s	p	p	p	s	s	p	p
Helix — Posterior	p	p	p	p	s	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p
Lóbulo — Contorno	q	d	d	q	—	q	d	q	d	q	q	q	q	q	q	d	q	—
Lóbulo — Aderencia	l	l	l	l	—	l	l	l	l	l	l	l	l	l	l	l	l	—
Lóbulo — Tamanho	p	p	p	p	—	p	p	p	p	p	s	s	p	s	s	p	s	—
Anti-tragus — Inclinação	h	h	h	ob	ab	h	h	ab	ub	ob	h	ob	ob	ob	h	ob	h	ub
Anti-tragus — Tamanho	p	p	p	p	p	p	p	p	p	p	s	p	p	p	p	p	p	p
Pavilhão	o	o	o	o	o	—	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o

NAMBIKUÁRAS

(QUADRO C)

MULHERES

NUMERO DA FICHA	1	2	3	4	5	6	7	Média
Altura total	1,43	1,44	1,47	1,45	1,52	1,45	1,55	1,47
PELVIMETRIA :								
Bi-espinha	0,22	0,22	0,23	0,21	0,21	0,21	0,21	0,22
Bi-crista	0,24	0,23	0,24	0,23	0,25	0,23	0,25	0,23
Bi-trocanter	0,26	0,26	0,26	0,25	0,26	0,26	0,28	0,26
Sacro-pubiano ext. .	0,17	0,18	0,17	0,17	0,16	0,17	0,19	0,17

RETRATO FALADO

FICHA		1	2	3	4	5	6	7
FRONTE :								
Inclinação		v	v	v	v	v	v	vgg
Altura		p	p	p	p	p	p	p
Largura		p	p	p	p	p	p	g
NÁRIZ :								
Profundidade da raiz . .		p	p	p	p	p	p	p
Dorso		r	r	vex	r	r	r	r
Base		ab	p	ab	h	h	h	ab
Altura		p	p	p	p	p	p	$\underline{p}$
Saliencia		p	p	p	p	$\underline{p}$	p	$\underline{p}$
Largura		p	p	p	g	g	g	p
ORELHA :								
Helix . . .	Origem .	p	p	p	g	g	p	p
	Superior .	g	p	g	$\underline{g}$	p	p	p
	Posterior	p	$\underline{p}$	p	p	p	$\underline{p}$	p
Lóbulo . .	Contorno	q	q	q	q	q	d	q
	Aderencia	l	l	s	l	l	i	l
	Tamanho	p	g	p	p	p	p	g
Anti-trago	Inclinação	h	h	h	b	h	b	b
	Tamanho	p	p	p	p	p	p	g
Pavilhão		o	o	o	o	o	o	o

TIPO ANTROPOLOGICO DOS INDIOS DA SERRA DO NORTE

(Nambikuáras)

DETERMINADO PELO METODO DO RETRATO FALADO

Fronte:

INCLINAÇÃO — Vertical 80%; Fugidia 20%.
ALTURA — Pequena 72%; Média 12%; Grande 16%.
LARGURA — Pequena 80%; Grande 16%; Média 4%.

Nariz:

PROFUNDIDADE DA RAIZ — Grande 56%; Pequena 33%; Média 11%.
DORSO — Rectilineo 44%; Convexo 56%.
BASE — Abaixada 45%; Horizontal 50%; Levantada 5%.
ALTURA — Grande 50%; Média 11%; Pequena 39%.
SALIENCIA — Grande 22%; Pequena 78%.
LARGURA — Grande 99%; Média 1%.

Orelha:

HELIX (Origem) — Grande 44%; Pequena 56%.
HELIX SUPERIOR — Grande 44%; Pequena 56%.
HELIX POSTERIOR — Grande 5%; Pequena 95%.
LOBULO — Contorno — Quadrado 78%; Descendente 22%.
ADERENCIA — Fundido 100%.
TAMANHO — Grande 33,5%; Pequena 66,5%.
ANTITRAGUS — Inclinação: Horizontal 44,5%; Obliquo 55,5%.
PAVILHÃO — Quadrangular 11%; Oval 89%.

FORMULAS DACTILOSCOPICAS DOS INDIOS NAMBIKUÁRAS

HOMENS

Ficha n. 1 . . .	V. 4333 V. 4222	Ficha n. 10 . . .	I. 2242 E. 4333
Ficha n. 2 . . .	V. 4333 V. 3222	Ficha n. 11 . . .	V. 4444 V. 4444
Ficha n. 3 . . .	V. 4343 V. 4222	Ficha n. 12 . . .	V. 4343 V. 4242
Ficha n. 4 . . .	V. 4333 V. 4222	Ficha n. 13 . . .	V. 4444 E. 4444
Ficha n. 5 . . .	V. 4444 V. 4442	Ficha n. 14 . . .	V. 3333 V. 2222
Ficha n. 6 . . .	V. 4344 V. 4244	Ficha n. 15 . . .	V. 3333 V. 2242
Ficha n. 7 . . .	V. 4444 V. 4444	Ficha n. 16 . . .	V. 3344 V. 2244
Ficha n. 8 . . .	V. 4344 V. 4244	Ficha n. 17 . . .	V. 3344 V. 4244
Ficha n. 9 . . .	V. 4333 V. 4242	Ficha n. 18 . . .	V. 4444 V. 4444

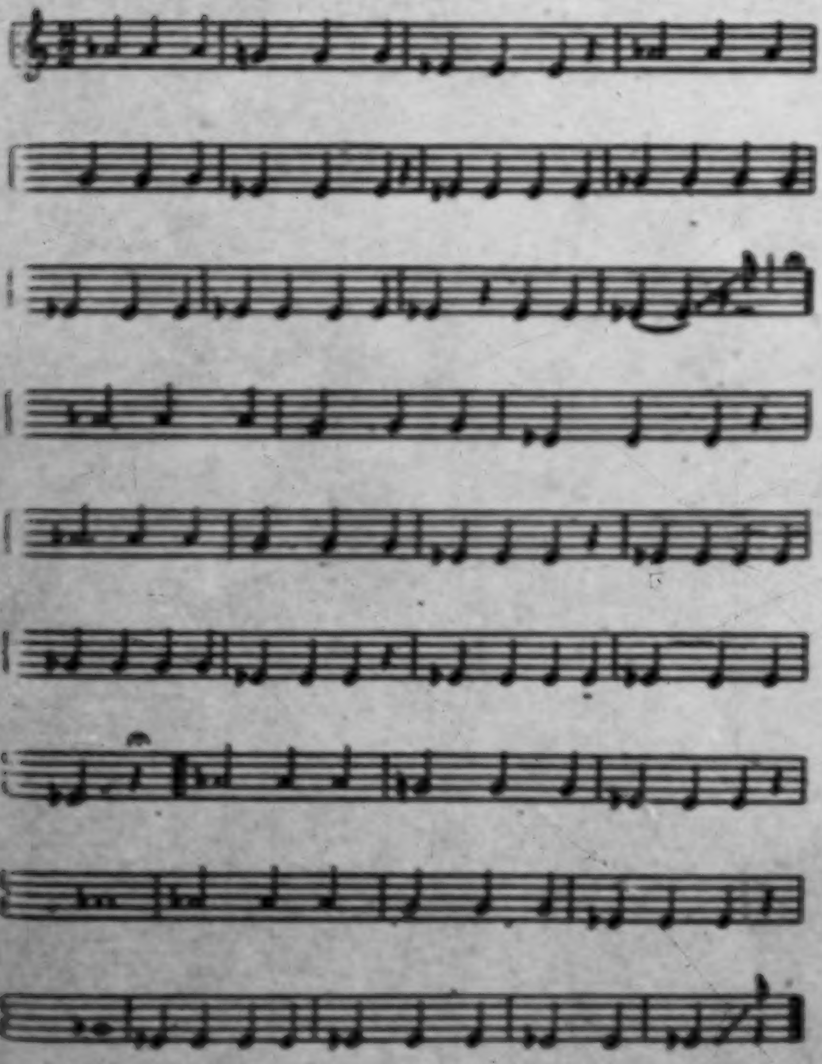
MULHERES

Ficha n. 1 . . .	V. 4443 V. 4442	Ficha n. 4 . . .	V. 3343 V. [illegible]
Ficha n. 2 . . .	E. 4333 V. 4242	Ficha n. 5 . . .	V. 4343 V. 4344
Ficha n. 3 . . .	V. 4443 V. 4242	Ficha n. 6 . . .	V. 4444 L. 4444
Ficha n. 7 . . .	V. 3343 V. 2222		

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara

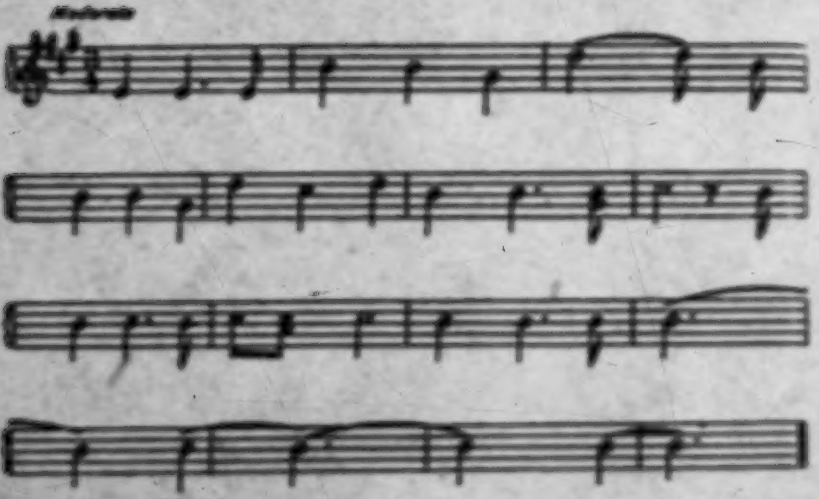
FONOGRAMA 14.599

(INDIOS DA SERRA DO NORTE)



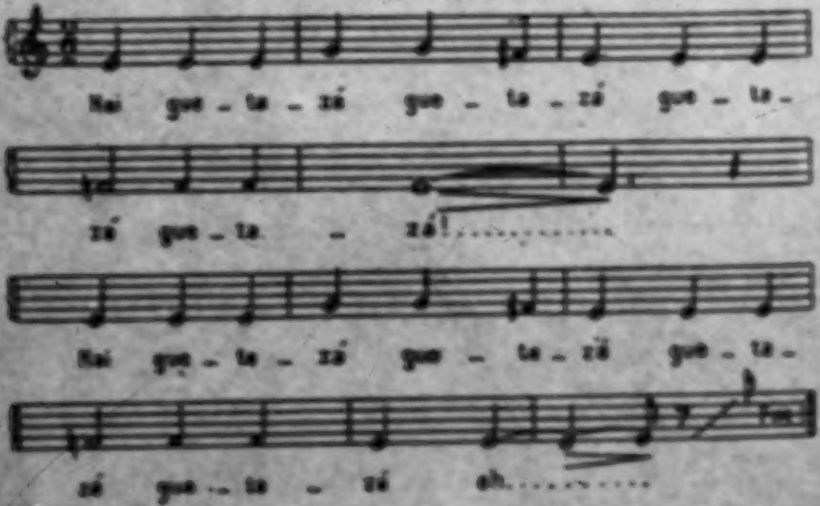
FONOGRAMA 14.602

(INDIOS PARECIS)



FONOGRAMA 14.603

(INDIOS DA SERRA DO NORTE)


Nai que - te - zá que - te - zá que - te -
zá que - te - zá!............
Nai que - te - zá que - te - zá que - te -
zá que - te - zá oh..........

Vocabulario Nambikuára-Tauitê

Ante-braço — Tanokrê.
Barba — Taiuitê.
Boca — Taiiliri.
Bracelete — Iâi-ndê.
Braço — Toarahaindê.
Cabelo — Tanaguitê.
Céu — Uâncindê.
Cotovelo — Tanokurokri.
Criança (filho) — Tauhitê.
Cuia — Ualotê ou Kautê.
Dedo — Tahitê.
Dorso — Taraguinari.
Joelho — Tacinguedukrê.
Labio — Taiumindê.
Lingua — Taiá-hendê.
Mão — Toaiguedokrê.
Nariz — Taiiliran-di.
Olho — Taiendê.
Orelha — Tanakalatndê.
Panela — Uat-ndi.
Pé — Taiutê.
Peito — Tanokaindê.
Penis — Taguiri.
Perna — Taiahendê.
Queixo (mento) — Taio-kautê.
Seio —'Tanoherê.
Ventre — Tatahari.

Vocabulario ˜Nambikuára-Tagnan.

SERRA DO NORTE — RIO FESTA DA BANDEIRA

(Rio Kerumi)

Agua — Narutuendê.
Algodão — Gãndê.
Ante-braço — Uânokri.
Arco — Hutê.
Axila — Uenakalaoendê.
Bastões ignigenos — Haitandê.
Boca — Ualuri.
Bracelete — Taliâta.
Braço — Uanokri.
Cabeça — Danakitê.
Cabelo — Uonekitê.
Carne — Latê ou Lutê.
Cavilha para o labio — Tauiriri.
Cavilha para o septo nasal — Kondê.
Cesta — Tchirê.
Cigarro — Etê.
Cinta de palha — Iahundûrê.
Cotovelo — Uonokurokri.
Coxa — Uacedzori.
Cuia — *Eruendê*.
Dedo — Uahitê.
Dente — Dêlirê.
Dorso — Ueragodnê.
Estrela — Tangrê.
Faca de pau — Hikauti.
Flecha de taquara — Uaindê.
Flecha romba — Duhândê.
Flecha fina — Hanguidê.
Fogo — Ekatê.
Fronte — Uignakri.
Fumaça — Tchindê.
Gafanhoto — Kiguitê.
Gritar, grito (laringe)? — Uilakurokri.
Joelho — Uaneguerákurandê.
Labio — Uâohuin-ndi.

Lingua — Ualhendê.
Macaco (*Cebus sp.*) — Hotê.
Machado de pedra — Hiaugnindî.
Mandioca — Hiritê ou Chiritê.
Mão — Uahitê.
Massa de urucú — Huduhúkaidî.
Moquem — Hiriri.
Milho — Guiatê ou Kuatê (ou ê).
Nariz — Oiranindê.
Olho — Uignindî.
Orelha — Unaçoiandê.
Para chamar — Heron! Heron!
Para perguntar — Iriri? Iriri? ou endutrá?
Pau — Irikatê.
Pé — Ualutê.
Peito — Uaenakaedê.
Pelos pubianos — Uoguiri.
Perna — Uanaduri.
Pescoço — Uaelatgotê.
Rêde de dormir (nossa) — Toendê.
Seio — Uano-huri.
Sol — Tchondí.
Tatú — Ualutndû.
Terra — Alôre.
Unha — Uegatndê.
Urucú — Uduhúkaidî.

Vocabulario Nambikuára-Kôkôzú

Rio Juina

Abano — Kuêkiçá.
Abelha bojuí — Detoçá (P).
Abelha borá-cavalo — Arukitaçá (P).
Abelha jatí — Oiaçú (P).
Acender — Hanêçá.
Agua — Unrazí.
Andar — Aikedûtû.
Anta — Iunzá (P).
Ante-braço — Oanukizá (ou çú).
Apagar — Unritirá.
Arara — Aranzá (P).
Arco — Hakiçá.
Artelho — Toaiugualirá.
Aspas das flechas — Aléuinçá.
Bacaba — Uêdndû.
Beija-flôr — Dunírigulzá.
Bigode — Toaiôetaçá.
Boca — Toaiuçá.
Bocejar — Toaiá endeuzá.
Bolo de tapioca — Urikanzá.
Bonito — Uarú.
Borboleta — Uodedeçú.
Bosta — Iaiguenoçú.
Bracelete de fibras — Koiá-antçú.
Braço — Oanukiçú (ou zú).
Brinco — Arokiçú.
Burití — Hêêrú.
Cabeça — Toanekiçú.
Cabelo — Uaekikiçú.
Cajú — Erekiçá.
Calor — Uanindûtû.
Caminho — Dihisuçú.
Campo — Uentzû.
Cantar — Haiguedazû.
Caracol — Baânendûtû.
Casa — Siçá.
Caveira — Mamakiirá.
Céu — Ocendjú.
Cesta — Atiçá.
Chorar — Nandûtû.

Chuva — Ueçã.
Cinta de contas pretas — Kaimandrã.
Cinta de fibras — Ialáçã.
Cipó — Hukinaurã.
Circumferência — Irengçã.
Cobra — Diçã (ou Tiçã).
Coelho — Iakeçã.
Colhereiro — Diglizã.
Comer — Iarúrindũtã.
Como se chama? qual o nome? — Iriritoá?
Concha, dos brincos — Nenzũ.
Corda — Alonuçã.
Coruja — Kalendrã.
Coirrer — Ikedũtã.
Criança — Uetã.
Cuia — Kateçã.
Cupim — Cahú.
Defecar — Tonsignuçã.
Dente — Toaiuiçã.
Doente — Itonendũtã.
Doer — Itonendũtã.
Dormir — Akguriguidũtã.
Dorso — Toadaçuçã.
Espirrar — Uaikacê-inguikêçã.
Estrela — Ikitaçã.
Faixa de carregar criança — Çáarã.
Feio — Iukiũ-kinikidutã.
Figura, desenho — Korenauã.
Filho — U'etã.
Fio de algodão, das flechas — Kondrã.
Fio de fibras, das flechas — Kaceçã.
Flauta — Kaiguetarã.
Flauta nasal — Hait-teataçã.
Flecha de ponta chata — Aieraçã.
Flecha de ponta lisa cilíndrica — Anieeçã.
Flecha de ponta de taquara — Uaeliçã.
Flôr — Talatçã.
Fogo — Aneiiiherã.
Folha — Adenandrã.
Folha para cigarro — Enanrã.
Fronte — Toaiêkuzurã.
Fumo — Etã.
Fumaça — Aiokeçã.
Fuso — Gdarêtatã.
Grão de galo — Ahinikiçã.
Gravatá — Koalonentçã.
Grilo — Baguedaçã (P).
Gritar — Kaiguetauçã.
Guariroba do campo — Konin-tê.
Herva — Ikazã.
Homem — Noçã.
Isso, esse — Dêra.
Jatobá — Oiarã.
Jacaré — Nuntaçã.
Joelho — Toakiritanrã.
Lagarto — Enarã.
Lagartixa — Ianoçã.
Leite — Anungçã.
Levantar-se — Ihâi-cenogodotã.
Lingua — Toâioherã.
Longe — Uetçã.
Lua — Irikiçã.
Macaco — Hotã.
Mama — Anunguetirã.
Mangaba — Katêkiçã.
Mão — Toãi-ikiçã.
Massa de mandioca — Urinodzã.
Mastigar — Iaiguedutã.
Mata — Daikiniotçã.
Mel — Duhiazã? (P).
Morrer — Amindutã.
Mulher — Doçã.
Nariz — Toiaionendrã.
Nó de taquara — Karitandçã.
Ôlho — Toaí-ikikiçã.

7: Roquette-Pinto SP17 Nambicuara

Onça — Iemará.
Orelha — Toanenendrá.
Orificio no labio superior — Ionkon-nandetá.
Orificio do septo nasal — Ouonkon-nandetá.
Palha do uauassú — Ueuandrá.
Palpebra — Toaiecindjá.
Pau (arvore) — Içá.
Pau santo — Hinekiçá.
Pé — Toaiukirá.
Peito — Toanuikirá.
Peixe — Aiatchá.
Pelos pubianos — Toaliertaçá.
Pennas das flechas (sariema) — Kolatoedçá.
Penis — Toakiçá.
Perdiz — Uitcá-guiçá.
Perna — Toaçaçá.
Pescoço — Toaietolozá.
Pilão — Notá.
Pingente de fibras para o dorso — Ialaçá.
Piolho — Kani-iniçá.
Piquí — Aará.
Raio — Uadaguezzá.
Ralo — Tomará.
Resina das flechas — Niaendçá.
Sangue — Toatiçá.
Sariema — Kolatzá.
Sentar-se (acocorar-se) — Acikáuekedotá.
Sepultura — Ilerindêtá (204).
Sim — Han-han!
Sol — Uterikuçá.
Suor — Uaienoçá.
Taquara — Ikuirikazá.
Taquara das flechas — Arukirikatçá.
Terra — Inoçá.
Terra de formigueiro — Katunuzá.
Testiculos — Toalikiçá.
Tocanguira — Tietátáglirá (ou ça).
Triangulo — Nendrá.
Trovão — Taridzá.
Tucura — Taketazá.
Umbigo — Takodadlirá.
Unha do pé — Toaiutçuakezá.
Urinar — Keregaetauçá.
Urucú — Dukiçá.
Ventre — Toaendzá.
Vulva — Akioçá.

As palavras marcadas (P) pertencem a um vocabulario colhido pelo tenente Pyreneus em 1911.

Vocabulario Nambikuára-Anunzê

SERRA DO NORTE — RIO 12 DE OUTUBRO

Ante-braço — Uanuuzê.
Arco — Ukizê.
Bastões ignígenos — Haitsê.
Boca — Uainarê.
Bom — Idakmikdaçá.
Bracelete — Nokoniguiguirê.

---

(204) Esse vocabulo parece formado de um termo [illegible], [illegible] — terra, e outro [illegible]-nandetá — orificio, buraco: [illegible]-nandetá — buraco na terra.

Braço — Uanukiné.
Breu (resina) — Dubutaaré.
Brinco — Nan-ainsé.
Cabeça — Uaneguetê.
Cajú — Eehrú.
Cavilha para o nariz — Uonedené.
Cera — Dubutaaré.
Céu — Uacinsé.
Colar de contas — Kairiné.
Comer — Ikdusé.
Coração — Iaknê.
Cotovelo — Uanokundunsé.
Coxa — Uanikiné.
Dedo — Uaikuenrezé.
Dente — Uauiné.
Dorso — Uatiusé.
Escrotos — Uaiariguiniué.
Espadua — Uanotuariné.
Faca — Iuré.
Figado — Aleré.
Flauta — Kiazé.
Flecha em geral — Hauktiçá.
Fogo — Anizé.
Fronte — Uenakezé.
Homem — Idniné.
Jacaré — Nuntaçá.
Joelho — Uaguididansé.
Lingua — Uailekerá.
Linha — Kaituiçá.
Machado de pedra — Eun-etá.
Manto de palha — Ieiaçá.
Mão — Uaikiné.
Mulher — Ducê.
Nariz — Uanonzé.
Olho — Uaiekedakná.
Orelha — Uonaninzé.
Pau — Içunê.
Pé — Uaiukiné.
Pena para o nariz — Unetiná.
Penis — Uakiné.
Pente — Halatná.
Perna — Uaçunê.
Pingente de penas — Ieiakiné.
Queixo (mento) — Uaiukluenzé.
Raspador (de dente de capivara) — Iakiné.
Remedio — Inekiaçá.
Tatú — Nunzé.
Tatú galinha — Hatdenandrá.
Terra — Inouê.
Tripa (intestinos em geral) — Aiokzé.
Unha — Uaitnakezé.
Umbigo — Uaikedansé.
Urucú — Dubiazé.
Veado — Iatará.
Ventre — Uatiçá.

Cores

Amarelo — Katetiçá.
Azul — Iadenaçá.
Branco — Kaidiçá.
Preto — Kaikiduçá.
Preto — Iadenazá (breu).
Verde — Cedecndedenoçá.
Vermelho — Dubiaçá.

Vocabulos colhidos pelo ten. A. Pyreneus de Souza

Abelha achupé — Arazi.
Abelha borá regina — Kaiudêzê.
Abelha mandaguari-vermelho — Izzê.
Abelha mandari — Kloarizê.
Abelha tatá — Arizê.
Abelha tibuna — Tararê.
Abóbora (noma) — Ariatecê.
Arára — Aranzê.
Araticum — Ararê.
Carne — Uanozê.
Coatá — Kadozê.
Garça — Mokarê.
Gordura — Ionezêzê.
Grilo — Dakizê.
Lacrau — Aiiam-dacê.
Lambari — Kaiarê.
Lagartixa — Ianurê.
Maribondo — Urutecê.
Mel — Dezazê.

Mulateira — Kuruaiudezê.
Pacú — Mambire.
Palmeira castiçal — Kaicê.
Piriquito — Kakaitezê.
Piáu — Akurizê.
Pintado — Uanancê.
Pomba — Tuizê.
Porco — Iakizê.
Quan-quan — Peantezê.
Que nome tem? — Uairiguidê?
Que é isso? — Ianakere? ou Uazanakerê?
Rato — Dodecê.
Rio 12 de Outubro — Ori-handezê.
Rio Nambikuaras — Oareiodêkandezê.
Roça — Aitiê.
Sol — Ikidazê.
Urubú — Urucià.